

Assim como em disputas passadas, interesses locais dos candidatos a prefeito falam mais alto do que arranjo nacional

**MARIA CLARA CABRAL
SIMONE IGLESIAS**

DE BRASÍLIA

Aliados nacionalmente, os partidos que dão sustentação à presidente Dilma Rousseff devem patrocinar disputas entre si em praticamente todas as capitais nas eleições municipais de outubro.

Levantamento feito pela **Folha** tendo como base os sete principais partidos da aliança dilmista (PT, PMDB, PDT, PSB, PC do B, PP e PTB) mostra que em 17 capitais o confronto entre mais de três dessas siglas é bem provável.

Apenas no Rio o apoio à reeleição do prefeito Eduardo Paes (PMDB) é esperado.

Mesmo em Belo Horizonte, com um arco de aliança amplo para a reeleição de Márcio Lacerda (PSB), deve haver enfrentamento com o PMDB.

Nas sete demais capitais, há pelo menos dois pré-candidatos da base.

É o que ocorre em Vitória. Lá, a maioria dos governistas está com Iriny Lopes (PT), mas a exceção é o ex-governador Paulo Hartung (PMDB).

A definição oficial das candidaturas será em junho, com as convenções partidárias.

Em capitais como São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, o número de candidatos é ainda maior.

Na capital paulista, cinco partidos da base têm pré-candidatos: Fernando Haddad (PT), Gabriel Chalita (PMDB), Netinho de Paula (PC do B), Paulo Pereira da Silva (PDT) e Luiz Flávio D'Urso (PTB).

Principal aliado do PT em âmbito nacional, o PMDB deve disputar em 21 capitais. É

Juro pode parar de cair antes do previsto

Taxa deve baixar para 10,5% hoje, mas aumenta incerteza sobre se BC fará mais uma ou duas reduções além das

Melhora do cenário econômico aqui e lá fora deve diminuir o espaço para novas quedas, estimam economistas

O IBC-Br, índice do BC que tenta captar o comportamento do PIB (Produto Interno Bruto), subiu 1,15% ante outubro, a maior variação des-

de abril de 2010. Ainda assim, o indicador aponta que a economia teve contração de 0,3% entre setembro e novembro, em razão do desempenho fra-

co nos meses anteriores.

O resultado não provocou mudanças nas projeções para o crescimento de 2011. A avaliação é que o país teve de-

sempenho mais modesto em dezembro, fechando o ano com expansão abaixo de 3%.

“Uma retomada mais forte da economia deve limitar a

queda dos juros, mas a não é possível saber se a recuperação está consolidada”, afirma Alessandra Ribeiro, consultora Tendências.

MARIANA SCHREIBER
DE SÃO PAULO

Economistas dão como certa uma nova redução da taxa básica de juros, de 11% para 10,5%, decisão que será anunciada amanhã pelo Copom (Comitê de Política Monetária do Banco Central).

Nas últimas semanas, aumentou, no entanto, a incerteza sobre quantas reduções mais serão feitas em 2012.

O boletim Focus (levantamento semanal do BC feito com cerca de cem instituições) divulgado ontem mostra que, por enquanto, a aposta predominante no mercado é que haverá outros dois cortes de meio ponto percentual, levando a taxa básica para 9,5% ao ano em abril.

Mas os sinais de melhora da economia aqui e lá fora, além do tom mais cauteloso do BC no Relatório de Inflação divulgado em dezembro,

CARNAVAL de
OFERTAS
CVC

Roteiros incríveis para você viajar em janeiro, fevereiro e março com ofertas exclusivas. E tudo em até 10 vezes sem juros.

AL sem Brasil

• Apesar de ter uma viagem marcada para o Brasil durante a campanha presidencial, quem tiver curiosidade de saber a opinião de Mitt Romney sobre o país não terá nenhuma pista no principal documento divulgado até agora sobre a estratégia de política externa do mais provável candidato republicano à presidência dos Estados Unidos.

Intitulado “Um Século americano — Uma estratégia para garantir os interesses e ideais permanentes americanos”, quando aborda a América Latina, não tem uma referência sequer ao Brasil. Mas tem muitos pontos que certamente entrarão em choque com a posição do governo brasileiro.

O documento anuncia que o governo de Mitt Romney terá “um papel ativo na América Latina, apoiando aliados democráticos e relacionamentos baseados em economia de mercado, contendo forças internas desestabilizadoras como gangues criminais e terroristas, e se opondo a influências externas desestabilizadoras como o Irã”.

O ponto mais importante do documento é o anúncio de que nos primeiros cem dias o novo governo republicano lançará “uma vigorosa promoção pública de diplomacia e comércio”, denominada Campanha para Oportunidade Econômica na América Latina, Ceola em inglês, sigla que aparentemente pretende substituir a Alca.

O propósito seria ressaltar “as virtudes da democracia e do livre comércio”, seguindo a linha dos acordos em vigor ou prestes a serem aprovados pelo Congresso com países da região como Panamá, Colômbia, Chile, México, Peru, e os membros do acordo de livre comércio da América Central.

O eventual governo Romney tentará usar o programa para contrastar os benefícios da livre iniciativa e o modelo de autoritarismo socialista oferecido por Cuba e Venezuela, que são, na verdade, as grandes preocupações na região.

Na visão de Romney, “décadas de notável progresso na América Latina baseado na segurança, democracia e crescente laços econômicos

quem assumir a presidência em 2013 terá pela frente uma série de “ameaças e oportunidades”.

O papel de “países poderosos” como China e Rússia pode levar à valorização do sucesso econômico, reforçando a importância de um sistema construído à base da liberdade econômica e política.

Mas pode também, adverte o documento de Romney, ameaçar tal sistema pelo autoritarismo característico desses países, que já estaria colocando em perigo a segurança internacional.

O documento chama a atenção para o surgimento de atores relativamente novos na cena global, como os grupos terroristas transnacionais.

Os grupos islâmicos radicais são apontados pelo documento como “um perigo onipresente” para os Estados Unidos, apesar das vitórias obtidas nos últimos anos no combate ao terrorismo.

Mitt Romney utiliza-se do documento das “armas de destruição em massa” para chamar a atenção para os perigos de elas caírem “em mãos erradas”.

A região que vai do Paquistão à Líbia, envolta em “profunda turbulência”, tem uma importância geoestratégica que não pode ser menosprezada: “É o primeiro ponto para a proliferação nuclear”, ressalta o documento, um constante risco de uma “guerra catastrófica” que poderia colocar a economia mundial no caos.

A política externa de Mitt Romney se preocupa com “países fracos demais para se defender sozinhos” e também com “países falidos ou em falência”, como Somália, Yemen, Afeganistão e Paquistão, “e num grau alarmante,

● Mais importante que definir que ter o sexto Produto Interno Bruto (PIB) do mundo não significa ter um país melhor — estamos em 84º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); em 88º no Índice de Desenvolvimento Educacional; ainda somos um dos mais desiguais na distribuição de renda do mundo, apesar dos avanços recentes — é entender que, para deixarmos de ser o 73º país no ranking de renda per capita, temos que encarar as reformas estruturais de que o país necessita para crescer sustentavelmente, principalmente na educação.

Mesmo porque a previsão de que passamos o Reino Unido se baseia em expectativas de crescimento e câmbio que estão sujeitas a alterações que podem mudar novamente o ranking, embora a crise financeira internacional torne quase inexorável a ascensão dos países emergentes.

A Goldman Sachs, que “inventou” o acrônimo Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) para tornar palpável o crescimento dos emergentes, considera que é possível que dentro de 18 anos a economia da China venha a ser tão grande quanto a dos Estados Unidos.

Desde o início da crise financeira internacional, em 2007, os Brics respondem por cerca de 45% do crescimento global.

A soma do PIB dos Brics pode alcançar a dos países que compõem hoje o G-7 por volta de 2032, sete anos antes do previsto inicialmente.

Com relação ao Brasil, um estudo do empresário Paulo Cunha mostra que, se a renda per capita brasileira tivesse crescido até hoje à mesma taxa do período de 1900 a 1980, estaríamos com 35% da renda dos americanos — próximos do Chile e melhores que o México.

E se tivéssemos crescido mais aceleradamente, ao ritmo registrado entre 1950 e 1980, quando crescemos a uma média anual de 7%, (nosso PIB registrou médias asiáticas: 7,15% de 1950 a 1959; 6,12% de 1960 a 1969; e 8,78% de 1970 a 1979), estaríamos hoje com 48% da renda americana, semelhante à de Portugal.

Ao contrário, se de 1900 a 2004 a renda per capita tivesse crescido no ritmo dos últimos 25 anos, nossa renda seria equivalente a 18% da renda atual, o que corresponderia às rendas do Quênia e da Nigéria — estaríamos entre os 15 países mais pobres do mundo.

O PIB per capita do Brasil

rativa”, o professor Reinaldo Gonçalves, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mostra que no período de 2001-10 o Brasil teve uma taxa média anual de crescimento do PIB real per capita de 2,2%, inferior à média de um painel composto por 12 países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Honduras, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

O crescimento médio anual do país no período de 1995 a 2009 foi de 2,9%, fazendo com que a elevação da renda tenha sido de apenas 22%, contra 100% na Índia e 226% na China no mesmo período.

Mesmo crescendo a apenas 3% ao ano (previsão que já está sendo reduzida pelos especialistas), o PIB brasileiro aumentará mais que o dos países europeus e o dos Estados Unidos nos próximos anos, o que coloca o país no G-6 da economia mundial.

Mas crescerá menos que emergentes como China e Índia. Devido ao baixo índice educacional e à falta de infraestrutura, Brasil e Índia crescerão em velocidade menor que Rússia e China nos próximos 20 anos, segundo estudo da Goldman Sachs, criadora dos Brics.

Mas, mesmo a lista das dez maiores economias do mundo devendo ser bastante diferente da de hoje nos próximos anos, há um detalhe fundamental: as maiores economias, medidas pelo Produto Interno Bruto (PIB), provavelmente continuarão não sendo as mais ricas em termos de renda per capita.

Pelas projeções, os cidadãos dos Brics continuarão sendo mais pobres na média que os cidadãos dos países do G-6 de hoje, com exceção talvez da Rússia.

O Brasil, se conseguir manter uma média de crescimento do PIB de 3,5% ao ano, chegará a 2050 com uma renda per capita de US\$ 26.500, pró-

ropa, ficou obviamente mais fraco depois do rebaixamento da França e da Itália. Normalmente, depois de revisões de ratings, os bancos, as empresas e unidades administrativas dos países atingidos também são rebaixados.

Ontem foi um dia relativamente calmo, em parte porque já era esperada a redução da nota da França, e em parte porque foi feriado nos Estados Unidos. Menos mal que o governo francês conseguiu vender papéis a juros até menores, mas os efeitos não se esgotam no primeiro dia, nem esse era o único evento que se espera para este começo de ano na Europa.

Como nos terremotos, em que não há um tremor só, a Europa continuará com terreno instável. A França desceu apenas um degrau de uma enorme escada em que estava no topo e continua muito bem posicionada. O problema é que a partir de agora as soluções encaminhadas pelos dois maiores países, França e Alemanha, ficam mais fracas. A decisão de rebaixar a nota de crédito do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira é uma demonstração disso, porque o mecanismo foi pensado exatamente para resgatar países endividados. Ter a nota máxima é o pressuposto básico do instrumento.

A ideia de que os tremores afetam só os países que têm a mesma moeda é equivocada. Os círculos que se espalham a partir de um abalo na Zona da Euro acabam atingindo a economia do mundo todo, a começar pela Inglaterra, que pensa ter se protegido. Ela tem a vantagem de ter sua própria libra. Mas cerca de 45% das exportações inglesas são para a Zona do Euro. Além disso, os bancos ingleses têm alta exposição a dívidas dos governos europeus. Qualquer problema maior afeta a economia britânica, que vai encolher 0,5% este ano e tem previsão de alta modesta de 0,5% no ano que vem.

Depois desta onda de rebaixamento, já esperada, outros eventos estão marcados no calendário. A eleição presidencial e o rebaixamento da França redu-

do bloco. Agora, o país é o maior problema. O governo italiano tem € 130 bilhões para girar até março, mais de € 400 bilhões até o fim do ano, e agora desceu dois degraus na escala da S&P.

Haverá em um dado momento um novo estresse bancário na Zona do Euro. Há novas exigências de capital que terão que ser cumpridas pelos bancos. Isso mostrará a dificuldade de cada um deles. As instituições terão que ir ao mercado se capitalizar ao mesmo tempo em que há maiores temores entre os bancos.

A Grécia terá que encontrar seu caminho. A consultoria inglesa Capital Economics disse, em relatório recente, que em seu cenário de referência a Grécia deixará a união monetária este ano. O país, até março, terá que fechar acordo com os credores. Desde o impasse da sexta-feira há muita apreensão sobre como serão retomadas as negociações entre os gregos e os bancos, sobre o tamanho das perdas que eles terão que aceitar. O melhor cenário é um calote negociado; o pior é um calote desordenado. Se sair do euro será, sem dúvida alguma, desordenado. E vários bancos de outros países da região são credores da Grécia e sofrerão com o baque. Como os próprios bancos já enfrentam suas dificuldades e seus governos não conseguem mais capitalizá-los, a moratória, ainda que muito esperada, pode produzir novos tremores. Atualmente, os maiores credores da Grécia são a França, que emprestou ao país US\$ 55,7 bilhões; a Alemanha, com US\$ 21,4 bilhões em créditos concedidos; a Inglaterra, com US\$ 12,6 bilhões; e Portugal, US\$ 10 bilhões.

Tudo é mais difícil administrar num ambiente de encolhimento econômico, e a região pode viver este ano o segundo mergulho. O primeiro foi quando estourou a crise em 2008. Veja no gráfico. Até a Alemanha, que teve um bom desempenho no ano passado, foi engasgando e está entrando em 2012 em compasso de espera. As previsões são de crescimento zero no começo do ano.

Pressão. Para obrigar o Irã a negociar o fim de seu programa nuclear, chanceleres europeus aprovam sanções contra Teerã; em resposta, república islâmica ameaça fechar o Estreito de Ormuz e encerrar imediatamente a exportação do produto para o continente

Europa anuncia embargo a petróleo iraniano e amplia tensão no Golfo

Jamil Chade
CORRESPONDENTE / GENEVRA

A União Europeia aprovou ontem um embargo contra o petróleo iraniano. Para diplomatas, a medida pode ser o último recurso para forçar o Irã a abandonar seu programa nuclear. Em Teerã, a reação foi imediata. O governo iraniano ameaçou fechar o Estreito de Ormuz e interromper imediatamente o fornecimento do produto, o que agravaria a crise econômica global.

A chefe da diplomacia europeia, Catherine Ashton, disse que o objetivo da nova sanção é fazer o Irã negociar. Segundo ela, a UE propôs o diálogo, mas ainda não obteve resposta. Nos últimos dias, apesar dos sinais desencontrados emitidos por Teerã, mediadores acreditam que a pressão esteja dando resultados e o regime iraniano estaria disposto a negociar.

Além do embargo sobre o petróleo iraniano, a UE congelou os bens do Banco Central do Irã, restringiu investimentos no país e proibiu a exportação de equipamentos para exploração de gás. No total, 500 iranianos já estão com suas contas congeladas e proibidas de viajar para a Europa.



REUTERS

Manobra. Porta-aviões Abraham Lincoln (D), ao lado do John C. Stennis, entrou ontem no Estreito de Ormuz; Irã faz ameaças

Comissão da AIEA chega a Teerã na próxima semana

● A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) anunciou ontem o envio de uma missão para o Irã, que deve chegar ao país no dia 29 para resolver "todos os assuntos pendentes do programa nuclear iraniano".

A comitiva será chefiada pelo diretor adjunto da organização belga Herman Nackaerts. "A equipe da AIEA viajará ao Irã com um espírito construtivo. Esperamos que o Irã trabalhe conosco com o mesmo espírito", afirmou por meio de nota, o diretor-geral da agência, Yukia Amano.

A visita técnica está sendo aguardada há semanas. Segundo fontes diplomáticas da AIEA, o objetivo da viagem é verificar com as autoridades iranianas a verdadeira dimensão do programa nuclear do país. Em relatório, a AIEA considerou grande a chance de o país manter um programa nuclear militar. / EFE

Roteirista por acaso,

Patrícia Andrade completa dez anos de carreira como u

Mauro Ventura

mventura@oglobo.com.br

Tinha tudo para dar errado. Um diretor iniciante, uma equipe de estreates e um roteiro escrito por uma jornalista sem nenhum envolvimento com cinema nem com o mundo sertanejo. No entanto, “2 filhos de Francisco” (2005), de Breno Silveira, teve 5,3 milhões de espectadores e transformou Patrícia Andrade numa das mais disputadas roteiristas do cinema nacional. Fez mais: ela, que escrevia sobre TV, passou a escrever para a TV.

Patrícia entrou na profissão por acaso. Em 2002, era diretora de conteúdo da Conspira.com — cuidava dos sites da produtora Conspiração — quando o produtor Leonardo Monteiro de Barros mandou-a a São Paulo para entrevistar Zezé Di Camargo. O músico havia dito a um executivo da Sony Music que sua vida daria um filme. O empresário comentou o assunto com Rodrigo Saturnino Braga, diretor-geral da Sony Pictures no Brasil, que procurou a Conspiração.

— Fui sem expectativa. Mas Zezé Di Camargo começou a contar sua vida, com riqueza de imagens, sem ser piegas. Sai de lá pensando: “Essa história é linda, superbrasileira.”

Um silêncio constrangedor

Pena que ninguém parecia se interessar. Após escrever 17 páginas de perfil, pedia que dessem uma olhada, sem sucesso. Até que encontrou Breno Silveira no corredor e contou ali mesmo, em pé, do que se tratava. Ele se mostrou surpreso com a história e disse:

— Acho que eu quero fazer esse filme. Acho que conheço as músicas deles.

E cantou uma música de Leandro e Leonardo. A confusão não impediu que seguisse adiante.

— Quando dizíamos (*ela e Carolina Kotscho, coautora do roteiro*) o que estávamos fazendo, vinha aquele silêncio constrangedor. Ou então ouvíamos: “Vocês são loucos” — lembra ela.

Contrariando a crença geral, o filme foi um sucesso. Em



PATRÍCIA ANDRADE: depois de largar o jornalismo, filmes sobre Gonz

Paula Miller, de “Esquental”, programa apresentado por Regina Casé; fez para a Globo o roteiro, com George Moura, da minissé-

— Ela tem formação de jornalista, o que a aproxima muito da vida real. Faz com que crie histórias que têm interesse. Em

Nas asas estatais

● A privatização dos aeroportos foi um sucesso de ágio, houve disputa, mas, como a privatização dos tucanos, foi estatizada demais. O defeito é o mesmo. Fundos de pensão de estatais garantem as empresas privadas, o BNDES financiará 80% dos investimentos, e a Infraero vai pagar parte da conta. Os maiores operadores mundiais perderam o leilão nos três aeroportos.

O consórcio Invepar, que comprou Guarulhos, em São Paulo, é 80% formado por Previ, Petros e Funcef, ou seja, os mesmos fundos de pensão estatais que sustentaram as privatizações do governo Fernando Henrique. A diferença é que naquela época era mais difícil conseguir financiamento para o Brasil. Tem como sócio o operador de vários aeroportos da África do Sul.

Além disso, a estatal que vendeu o ativo, a Infraero, permanece com 49% e, portanto, pagará metade da conta de R\$ 16,2 bilhões. Fica na estranha situação de pagar por ter vendido. Há ainda o compromisso de em Guarulhos investir R\$ 4,5 bilhões em 15 anos, sendo R\$ 1,4 bilhão até a Copa. O BNDES vai emprestar 80% dos recursos.

— O que achei estranho é que os grandes operadores — aeroportos como os de Cingapura, Zurique e Houston — perderam. Também ficaram de fora as empreiteiras mais sólidas, como Odebrecht e CCR. O ágio foi alto, mas se fosse com os grandes operadores, tudo bem, porque eles estão acostumados a tirar leite de pedra, mas os pequenos, talvez não — avalia o especialista em aviação Respício do Espírito Santo.

O mesmo ceticismo é compartilhado por outro analista: o professor Hugo Ferreira Braga Tadeu, da Fundação Dom Cabral e autor do livro “Logística Aeroportuária”.

— Lá fora, os projetos são pensados como cidades-aeroportos, com o entorno, acessos, hotéis, shopping centers. Isso tudo permite

que 80% do consórcio são os três maiores fundos de pensão de estatais.

O modelo do leilão privilegiou o tamanho do ágio. Venceu quem deu o maior lance. O mesmo modelo dos tucanos que foi muito criticado principalmente pela presidente Dilma Rousseff quando era ministra. Ela, naquele tempo, preferia o que chamava de “modicidade tarifária”. Ou seja, quem cobrasse menos do consumidor. Nos aeroportos, voltou a ser o maior ágio.

Os grupos terão que pagar grandes ágios, fazer investimentos e ainda entregar parte da receita para um fundo que vai investir em aeroportos menos rentáveis. O especialista em logística Paulo Fleury, do instituto Ilos, acha que esse é um ponto a favor do modelo:

— Desta forma, vai se investir em aeroportos que não são rentáveis agora, mas são importantes na logística do país.

Sobre a excessiva participação estatal nos consórcios, através de fundos de pensão, investimentos financiados pelo BNDES e a sociedade da Infraero, Paulo Fleury explica:

— Isso é um defeito da nossa economia, os grupos privados são excessivamente dependentes do Estado. O investimento em infraestrutura não pode ser feito com financiamento privado porque é caro demais.

Seja como for, há o fato de que a Infraero terá metade do custo do ágio de lances dos quais não participou; terá metade do custo, mas não terá qualquer influência na gestão, que

Mudanças precisam ser ratificadas pelos Parlamentos de cada país; Reino Unido não aderiu ao acordo

RODRIGO RUSSO

ENVIADO ESPECIAL A BRUXELAS

Reunidos em Bruxelas, os líderes europeus aprovaram ontem uma penalidade para países que descumprirem uma “regra de ouro” fiscal que deverão incluir em suas Constituições.

Por ela, têm de ter dívida pública de até 60% do Produto Interno Bruto e deficit orçamentário de até 0,5%.

Os descumpridores estarão sujeitos a multas de até 0,1% de seu PIB, aplicada pela corte de Justiça europeia.

Hoje, só a Suécia e a Estônia respeitam os limites estabelecidos.

Dos 27 países da União Europeia, apenas o Reino Unido e a República Tcheca optaram por não adotar essas regras. Mas prometeram não bloquear as mudanças.

A assinatura final do tratado deve acontecer na próxima reunião dos líderes europeus, prevista para o começo de março.

Ontem, em reunião em Bruxelas, foi possível notar uma mudança de discurso: a austeridade fiscal passou a

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

'Berlin calling'

Uma cantora brasileira nascida em São Paulo e criada em Colônia está conquistando os corações dos alemães. Dominique Dillon de Byington, de 23 anos, conhecida apenas por Dillon, é uma menina de sorte e sobretudo talentosa. Autodidata, nunca estudou música ou aprendeu a tocar instrumentos. Aos 18 anos, "para fugir da solidão", como ela mesma declarou, começou a tocar piano, e compôs as suas primeiras canções. Foi nessa época também que Dillon começou a fazer seus próprios vídeos e a publicá-los no YouTube. Com os milhares de cliques e elogios, não demorou a gravar o primeiro single pelo selo Kitty-Yo. Em seguida, saíram dois outros singles: "Aiming for destruction" e "Ludwig". Em 2010 veio o convite para sair em turnê pela Alemanha, abrindo o show "Schall und wahn" da banda Tocotronic, de Hamburgo. Com o vento soprando a seu favor, Dillon decide então se mudar para Berlim, cidade pela qual se apaixonou ao visitar pela primeira vez em companhia da mãe aos 11 anos..

Dillon chegou a Berlim em 2007. Quatro anos mais tarde, após muitos shows e publicações virtuais, a gravadora BPitch Control lançou em novembro do ano passado o seu álbum de estreia, "The silence kills", um disco pop com batidas eletrônicas.

As letras de Dillon falam de temas abstratos e de experiências pessoais: são escovas de dente deixadas para trás, robôs que procuram cristais roubados por piratas, pernas que viram espaquete e histórias de amor. Na faixa "You are my winter", ela faz uma colagem de detalhes da arquitetura da cidade: varandas, coberturas, apartamentos, parques, estações de trem, cabines automáticas de fotografias...

"A criação de uma música quase nunca leva mais do que 20 minutos", comenta Dillon. Todas as 12 faixas de "The silence kills" são escritas e interpretadas em inglês. "É música para meditar e contemplar. Sua voz fala com a alma. Tem momentos no disco que fazem a sua garganta fechar", elogia Mike Diver, da BBC. A menina dos olhos de

sica para as pistas de dança. Criado em 1999, o BPitch Control da DJ e produtora Ellen Allien tem um catálogo de respeito na cena eletrônica. Nomes como Modeselektor, Sascha Funke e Paul Kalkbrenner compõem a constelação das estrelas da casa. Kalkbrenner está ligado a BPitch desde o início, é uma celebridade no país e atrai multidões em suas turnês. Em 2008, estreou "Berlin calling", de Hannes Stöhr, um filme de ficção baseado em sua biografia, no qual Ellen Allien também inspira uma personagem. A trilha do filme saiu pelo selo BPitch Control.

Conhecida como a primeira-dama do tecno alemão, Ellen Fraatz surgiu na cena berlinense no início dos anos 1990 após retornar de uma temporada em Londres. Ao voltar, começou a tocar nos principais clubes da cidade e logo se tornou DJ residente dos legendários Bunker, E-Werk e Tresor, clubes que surgiram com a queda do muro, em bairros da antiga Berlim Oriental. Ellen Allien não tem dificuldade em acumular funções. Ela cuida da gravadora e

Em let
entrevista

Isabel de Araújo

isabel.araujo@oglobo.com.br

Luiz Ernesto Magalhães

luiz.magalhaes@oglobo.com.br

• “Quando chove, ninguém dorme”. A frase da costureira Maria da Penha de Souza, moradora do bairro Córrego Dantas, em Nova Friburgo, resume o sentimento de quem vive na Região Serrana, diante da possibilidade de uma nova tragédia. Passado praticamente um ano desde a devastação provocada pela enxurrada de 12 de janeiro do ano passado, que deixou mais de 900 mortos, o cenário de Friburgo quase não mudou.

Na avaliação do prefeito em exercício, Sérgio Xavier, apenas 40% das obras necessárias para recuperar a cidade foram feitas pelo antecessor. Demerval Barbosa Neto, chefe do Executivo à época do temporal passado, foi afastado por decisão da Justiça, em novembro, sob acusação de sonegar informações ao Ministério Público estadual (MP) no inquérito que investiga suspeita de desvio de verbas.

— Precisamos de R\$ 700 milhões para recuperar a cidade. A verba já foi liberada, mas dependemos ainda de uma série de burocracias para iniciar as obras — queixou-se Sérgio.

Secretário de Defesa Civil admite estar enxugando gelo

A cidade voltou a sofrer com a chuva contínua que começou há uma semana. Ontem de madrugada, moradores de 15 bairros foram acordados ao som dos alarmes que avisam a população sobre riscos de enchentes. Em estado de alerta — que chegou a ser elevado a máximo —, o município registrou, em 24 horas, 100mm de chuva, considerado o limite da segurança. Apesar das obras de contenção de encostas feitas no Morro do Teleférico após o temporal do ano passado, houve deslizamentos que atingiram até a Praça do Suspiro, na região central da cidade. Desta vez, a terra não chegou a invadir a Igreja de Santo Antônio, soterrada no ano passado e que ainda está sendo recuperada.

Também ocorreram pequenos deslizamentos no Campo do Coelho e nas Braunes, per-

to do prédio da Uerj. O Rio Bengalas, que corta a cidade, transbordou em Córrego Dantas — uma das regiões mais afetadas em janeiro passado. A água também demorou a escoar de várias ruas do Centro. Conforme admitiu o secretário municipal de Obras, Clauber Domingues, a rede pluvial é antiga, não tem capacidade para tanto volume de água e ainda está parcialmente obstruída pela lama de um ano atrás. Vários pontos da cidade já enfrentam falta de água.

— Temos uma série de obras de ampliação de galerias para começar, com recursos públicos e privados. Fizemos uma limpeza superficial das galerias de águas pluviais, que são muito estreitas. Muito detrito acumulado da época continua lá — reconheceu o secretário.

Secretário de Defesa Civil de Friburgo, João Paulo Mori resumiu a situação ao afirmar

“

Infelizmente, não são todos os moradores que atendem ao pedido (para sair de casa), mas a resposta da comunidade é positiva.

Sérgio Simões, secretário estadual de Defesa Civil

que toda a sua equipe está “enxugando gelo”:

— Há dois meses, dragamos o Rio Bengalas, na altura de Córrego Dantas. Há 15 dias, a cidade foi atingida por uma forte chuva, e todo o material foi carregado novamente para dentro do rio, inclusive máquinas que estavam nas margens. Nossa previsão para o verão é a seguinte: dragamos o rio, mas, se chover, o material torna a ser depositado no fundo, porque a maioria das encostas precisa

de obras de contenção

Nas áreas rurais, muitos tiveram dificuldade de casa. A chuva aprofundou o problema de acessos. No início de dezembro, as pontes reconstruídas após a tragédia do ano passado foram duramente atingidas durante outro temporal.

Apesar da sensação de insegurança que tomava conta da cidade, o prefeito em exercício mantém a tranquilidade aos moradores.

— Não registramos mais deslizamentos. A cidade está normal.



MORADORA DO bairro de Córrego Dantas, Maria da Penha de Souza mostra a varanda de sua casa

Entrevista Martin Scorsese

CINEASTA

Pedro Caiado

ESPECIAL PARA O ESTADO / LONDRES

Conhecido por filmes de estilo próprio, carimbados em clássicos ao longo de 43 anos de carreira, o diretor de *Taxi Driver* (1976), *Cassino* (1995) e *Os Infiltrados* (2006) continua em busca de novos horizontes no cinema. Em seu novo filme, *A Invenção de Hugo Cabret* (baseado no livro homônimo de Brian Selznick, de 2007), que estreia na sexta, Martin Scorsese deixa para trás os personagens violentos e o típico cenário nova-iorquino, marcas registradas de seus filmes, para realizar seu primeiro longa família – e sua primeira investida em 3D. Um risco, mesmo para um cineasta de 69 anos, mas que teve motivos pessoais, como ele mesmo confessou ao *Caderno 2* em entrevista bem-humorada em um quarto de hotel, durante sua passagem por Londres.

● Por que você fez *Hugo*? Seria autobiográfico?

É possível. *Hugo* conta a história do isolamento de um menino, que vivia escondido em uma es-

tação de trem, observando o mundo ao seu redor. Tudo termina então em um projetor de cinema. Essa história é parte da minha vida, especialmente quando eu tinha 3 anos. Eu era muito solitário. O único lugar em que eu conseguia encontrar algum entretenimento era na sala de cinema. Lembro que foi na minha infância que um amigo da família me apresentou um projetor. A partir desse acontecimento tudo mudou. Fiquei fascinado com o raio de luz que ele emitia e a imagem que ia se movendo. Esse se tornou o meu mundo. Na época, eu era muito isolado por causa da asma. Por esse aspecto, diria que *Hugo Cabret* pode ser um filme autobiográfico, sim.

● Nada a ver com sua filha de 12 anos...?

Quatro anos atrás, eu disse que faria um filme que minha filha pudesse ver. Ela sempre me pedia. Um dia ela me disse: “Você deveria descobrir o que as pessoas gostam, fazer um filme sobre isso e então todo mundo iria vê-lo!”. E respondi: “Claro! Eu nunca tinha pensado dessa forma. Você está certa!”.

● Você deixa sua filha assistir a seus antigos filmes?

Não, por enquanto (*afirma em tom sério seguido de risos*).

● Quando você pretende deixá-la

assisti-los?

Eu não sei, é uma boa pergunta. Eu converso bastante sobre isso com minha mulher. Eu gostaria de mostrar *Kundun* (1997), primeiramente (*sobre o dalai-lama*). Ou ainda *Alice Não Mora Mais Aqui* (1974), ou mesmo *A Cor do Dinheiro* (1986), que ela poderia ver sem problemas. Porém, ela teria de ver antes *Desafio à Corrupção* (de 1961, dirigido por Robert Rossen), que é um filme melhor. Entretanto, é fundamental ter uma visão mais sofisticada para entender um filme como este, algo que uma criança de 12 anos ainda não tem.

● Você ficou ansioso em usar o 3D pela primeira vez?

Não. Eu adoro o 3D. Fiquei muito animado, porque gosto de trabalhar com profundidade. A minha maior preocupação neste caso foi como usar o 3D na narrativa do filme. Como você utiliza a profundidade? Conheço algumas pessoas que não conseguem ver profundidade, mas eu consigo, e sempre gostei. Enquanto converso com você agora, vejo outro prédio, algumas árvores e consigo perceber tudo isso em profundidade. Também gosto de movimento em profundidade. É a minha energia – e o que eu sinto.

● Se você pudesse filmar algum de seus antigos filmes em 3D,

qual dele vocês escolheria?

Todos. Você tem que ser meio maluco para fazer filmes. E tem que estar aberto a tudo. Eu gosto de explorar as imagens. Acredito que o 3D em preto e branco seria algo bem interessante.

● Você está constantemente tentando novas técnicas. Ficar ultrapassado é algo que o preocupa?

Não, não. Neste caso, a oportunidade apareceu por acaso e, honestamente, eu sempre amei o 3D, desde criança. Quando o 3D foi usado pela primeira vez no meu tempo, em 1953, eu fiquei superanimado com aquilo.

● Então você esperou um longo tempo para trabalhar com o 3D?

Com certeza. Embora eu nunca tenha parado para planejar um trabalho a ser feito com esta técnica, de repente surgiu a oportunidade de utilizá-la nessa nova produção. Eu lembro de ter conversado com Elia Suleiman (*cineasta palestino, diretor de ‘O Que Resta do Tempo’, de 2009, entre outros*) sobre o meu entusiasmo com o 3D. E lembro que ele me alertou que para usar o 3D devidamente, eu teria que vê-lo presente já no roteiro. E no caso de *A Invenção de Hugo Cabret* eu senti que o 3D estava lá, desde o começo.

Mais da entrevista com Scorsese e seu filme ‘Hugo Cabret’ na pág. D3 } }

Luiz Felipe Reis

luiz.reis@oglobo.com.br

Era dezembro de 2011 quando Michel Melamed aterrissou no Rio, após uma bem-sucedida temporada de seis meses em Nova York — sua performance de rua “SeeWatchLook” chegou à capa do “The New York Times” —, e foi surpreendido pela notícia: “Brasil ultrapassa o Reino Unido e se torna a sexta economia do mundo”. O poeta, ator e artista multimídia olhou em volta, procurou no espaço público algo que espelhasse algum desenvolvimento, mas nada encontrou. Ou me-

lhor, encontrou: a realidade era a mesma de quando havia partido, mas algo estava diferente. Era a distância que o fazia enxergar de outro modo a mesma coisa, um olhar renovado que o deixou “perplexo com a realidade brasileira”.

— As pessoas diziam: “Isso é normal, daqui a pouco você acostuma”. Mas eu me comprometi: “Não vou me acostumar”. Vou segurar a lente desses óculos e esse olhar, porque é isso que eu quero contar. Então eu estou aqui para dizer: “Não, não está tudo legal”. O nível de truculência e brutalidade generalizada nesse país não é normal.

Em resposta ao que viu, Melamed criou o espetáculo quase mudo “Adeus à carne”,

que estreia nesta sexta-feira no Teatro Sesc Ginástico. O título é uma tradução do termo em latim “carne vale”, e a montagem é estruturada a partir dos quesitos que nor-teiam os desfiles das escolas de samba. No carnaval metafórico de Melamed, as alegorias são compostas para desmascarar um enredo, a seu ver, falacioso que desfila livremente por todas as passarelas do país.

— Você pega qualquer veículo de comunicação e a gente vê que a sociedade brasileira é comprometida em todos os segmentos. Cadê essa sexta economia do mundo? Que enredo é esse?

O carnaval, portanto, é apenas o ponto de partida para a construção de algo que o

poeta, como bom inventor de palavras, tem chamado de *sambicídio*.

— Essa peça é um *sambicídio*. Eu estou triste com o país e me pergunto: “Quem é que tá pagando esse discurso oficial de que há um carnaval no país?”. É ótimo ter Olimpíadas, Copa do Mundo, mas isso não pode mascarar a nossa capacidade de ficar perplexo diante da brutalidade do cotidiano — diz Melamed.

— Eu me deparei com essa agência britânica classificando o Brasil como a sexta economia do mundo. Mas não é visível que esse país é a sexta potência. Esse crescimento não se reverte em qualidade de vida, em índice de desenvolvimento humano.

Violência (narcotráfico, milícia, assassinato, estupro), política (corrupção e farsa na atuação dos governantes), educação e cultura (precariedade do ensino e ausência de políticas públicas efetivas) são as placas que se atritam e emergem do palavrório inconformado do diretor. Já em cena, o discurso é poético e imagético, transformando a inquietação numa experiência estética composta por cenas minuciosamente coreografadas, em que angústia e catar-se se alternam para denunciar e expurgar o incômodo do autor com o individualismo, a exclusão, a desigualdade, a exploração e o subdesenvolvimento do país.

— Somos subdesenvolvidos e atrasados sim. Aqui se mata um juiz! Onde já se viu isso, cara, tá louco? Nego mata a torto e a direito o tempo todo. Vem a milícia, o cara te dá um tiro e de repente acabou! A questão é complexa, mas o primeiro ponto que eu coloco é: o Brasil é o lugar da truculência. O país é brutal com as pessoas. Há uma dívida social muito grande. Uma metade desse país deve muito a outra. É inaceitável. O país está mais rico, mas não se vê. Então nesse momento o que eu tenho a dizer é com imagens, porque já não me restam palavras. Eu já usei as palavras.

Fotos de divulgação/André Mantelli



Leonardo Aversa



O poeta e seu

É poder de competição, estúpido!

RUBENS BARBOSA

A pesar dos níveis recordes em 2011, a preocupação sobre a evolução do comércio exterior é grande. A concentração das exportações em poucos produtos e a perda de mercados dos manufaturados aumentaram a vulnerabilidade do setor externo e mostraram os problemas do setor produtivo industrial.

O sucesso da política econômica e do comércio exterior, que quadruplicou em 10 anos, esconde os verdadeiros problemas da economia em geral e do setor externo em particular. A desindustrialização é um triste fato. A indústria, que já representou 25% do PIB, hoje está reduzida a menos de 15%. O consumo doméstico é atendido cada vez mais por importações (22,3%), fazendo desaparecer fornecedores nacionais e empregos. O déficit na balança comercial industrial subiu a mais de US\$ 90 bilhões. As exportações se reprimarizam (produtos primários representam 70% das exportações e 4 produtos, quase 50%).

“Os números de janeiro da balança comercial comprovam o descaso do governo brasileiro com o setor produtivo do país. Estamos diante de uma situação muito grave, que pode comprometer nossa capacidade de gerar riquezas e empregos. O governo não pode ficar parado e se limitar apenas ao discurso. Há meses estamos alertando para o problema da avalanche de importados, que afeta severamente a nossa indústria. O Brasil não pode mais esperar, é preciso que as autoridades adotem imediatamente medidas eficazes que garantam a igualdade de condições para a produção nacional”, afirmou dura, mas corretamente Paulo Skaf, presidente da Fiesp.

Na área da negociação externa, nos últimos dez anos, o aumento das exportações pouco teve a ver com a abertura de mercados por meio de acordos comerciais, pois somente acordos com Israel, Egito e agora com a Autoridade Palestina foram assinados, no âmbito do Mercosul. Uma nova estratégia de negociação de acordos de livre comércio é necessária.

Enquanto essa é a situação no Brasil, o presidente Obama, na mensagem anual ao Congresso (“State of the Union”), ofereceu um bom exemplo de como defender de forma vigorosa a indústria manufatureira com visão de futuro.

Procurando trazer de volta empregos para a economia, anunciou um

Conciliação (ainda)

• O debate sobre o alcance da Lei da Anistia, e o papel que a Comissão da Verdade pode ter no esclarecimento de fatos históricos, têm rendido diversas manifestações de leitores e merecem ser retomados com novas informações. O ex-prefeito do Rio Cesar Maia me enviou um e-mail lembrando um depoimento do polêmico juiz espanhol Baltazar Garzon ao escritor Manuel Rivas, em recente documentário selecionado para o Festival de Berlim de 2011.

Ele ficou famoso por atuar contra grandes nomes da política internacional, como os generais Pinochet, Galtieri e até Berlusconi, de quem pediu anulação da imunidade parlamentar.

Baltazar Garzon está hoje imobilizado com três ações por abuso de autoridade. Num dos trechos mais polêmicos do documentário, trata da prescrição ou anistia em fatos ou delitos políticos (mortes, torturas ou desaparecimentos). Diz Garzon: "A prescrição (ou anistia) não se aplica sobre os fatos, mas beneficia o autor dos fatos.

"Não são os fatos que estão prescritos (ou anistiados), mas os autores dos fatos. Sendo assim, há que investigar quem foram os autores e, uma vez identificados, aí então se aplica sobre esses autores identificados a prescrição (ou anistia)".

O ex-deputado Marcelo Cerqueira, advogado de presos políticos à época da ditadura, tem opinião semelhante.

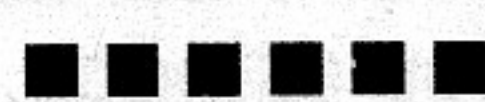
Ele ressalta uma curiosidade histórica: tecnicamente, pelo texto apresentado pelo Ministério da Justiça, os torturadores não estavam anistiados. E recorda que, saindo de audiência com o ministro da Justiça Petrólio Portella, depois de receberem o texto que o governo enviaria ao Congresso, disse a Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, que temia pelo acordo, pois a "tigrada" (referência aos militares envolvidos na repressão política) iria ver que não estava anistiada.

Depois de ouvir explicações técnicas de Direito Penal sobre crimes conexos, Ulysses limitou-se a dizer: "Deixa pra lá".

O Supremo Tribunal Federal entendeu que a lei estaria coberta pelo propósito de anistiar os dois lados, o que historicamente se deu, sem enfren-

teres vivos em estátuas de sal.

"As energias disponíveis precisam estar todas voltadas ao futuro e à solução dos impasses da realidade brasileira".



O sociólogo Luiz Werneck Vianna, cuja posição contrária à revisão da Lei da Anistia me parece bastante sensata, e gerou todo esse debate aqui na coluna, envia-me um comentário sobre o contraponto do deputado do PSOL do Rio Chico Alencar, que publiquei na certeza de que o debate democrático é o melhor caminho para o entendimento. Aí vai o depoimento de Werneck Vianna:

"Sem querer, entrei na berlinda. Faz parte. Poucas e ligeiras observações: depois de responder a muitos IPMs nos anos que se sucederam ao golpe militar de 1964, fui preso em 1971 e levado para o Cisa, nas dependências do Galeão, onde, poucos dias antes, foi morto sob tortura Stuart Angel, e, com isso, digo tudo.

"Lá, passei 15 dias sob interrogatório, e basta-me declarar que saí dele com a consciência limpa. Mais tarde, libertado, já morando em São Paulo e de volta à militância política no PCB, escapei, em 1975, por muito pouco, da Oban — estava dando aulas na Unicamp e eles me procuraram na minha residência paulista.

"Vivi cerca de um ano e meio na clandestinidade, homiziado na casa do dramaturgo Paulo Pontes, até que, com a vigorosa reação, liderada pelo Cardeal Arns, à morte sob tortura, nos cárceres da ditadura, de Vladimir Herzog, aos poucos retornei à 'legalidade', como então se dizia.

"Sempre pertenci, com muita honra, à tribo dos que preconizavam que só o 'novo organiza-

A Bienal sob risco

RUBENS BARBOSA

A Fundação Bienal de São Paulo deve comemorar, em 2012, a realização de sua 30a. exposição internacional.

Como amplamente noticiado, em fins de 2011, o Ministério da Cultura (MinC) questionou a Fundação no tocante às prestações de contas de treze convênios assinados no período 1999-2007. Apesar dos esclarecimentos, o MinC novamente incluiu a instituição no seu cadastro de inadimplentes no início de janeiro e bloqueou os recursos destinados à 30ª Bienal. A Fundação entrou imediatamente com ação judicial, com pedido de desbloqueio dos patrocínios captados via lei Rouanet em 2010 e 2011. A liminar solicitada foi negada e a apelação até hoje não foi julgada.

O bloqueio das contas pegou de surpresa a atual diretoria, comandada com competência por Heitor Martins, que tem procurado – com sucesso – resolver as pendências anteriores a sua gestão, devolvendo à Bienal a seus bons tempos.

A decisão do MinC de bloquear os bens da Fundação está repercutindo fortemente no meio artístico: curadores, galeristas e gestores culturais no Brasil e no exterior. Nossa Bienal, do porte da Bienal de Veneza e da Documenta de Kassel, desde sua fundação passou a fazer parte do calendário das artes internacionais. Exposições paralelas organizadas por galeristas brasileiros e museus, realizadas simultaneamente com a mostra internacional, poderão ser canceladas. Se o impasse persistir, a própria existência da Fundação está ameaçada, num momento, justamente, de maior projeção internacional do Brasil, o que poderá afetar nossa credibilidade e imagem no exterior.

O que acontece com a Bienal é mais um exemplo da falta de sensibilidade para com o interesse público e para com o real prejuízo que a suspensão ou o desaparecimento da Bienal representaria para o Brasil.

A divulgação da arte brasileira, cada vez mais conhecida e reconhecida internacionalmente, é, em grande parte, resultado de um trabalho eficiente dos agentes culturais e galeristas brasileiros, que vão sentir na pele as consequências de um eventual cancelamento da Bienal. Por outro lado, deveria ser de nosso interesse que a arte contemporânea se torne mais acessível ao grande público do país.

MARIANA SCHREIBER

DE SÃO PAULO

Economistas dão como certa uma nova redução da taxa básica de juros, de 11% para 10,5%, decisão que será anunciada amanhã pelo Copom (Comitê de Política Monetária do Banco Central).

Nas últimas semanas, aumentou, no entanto, a incerteza sobre quantas reduções mais serão feitas em 2012.

O boletim Focus (levantamento semanal do BC feito com cerca de cem instituições) divulgado ontem mostra que, por enquanto, a aposta predominante no mercado é que haverá outros dois cortes de meio ponto percentual, levando a taxa básica para 9,5% ao ano em abril.

Mas os sinais de melhora da economia aqui e lá fora, além do tom mais cauteloso do BC no Relatório de Inflação divulgado em dezembro, têm aumentado a expectativa de que o ciclo de queda dos juros será menor.

As cinco instituições do boletim Focus que mais acertam as projeções de juros, grupo chamado Top 5, acreditam que haverá apenas mais um corte, além do de amanhã, com a taxa parando em 10% em março.

O Copom já fez três cortes desde agosto, devido ao agravamento da crise externa e aos sinais de forte desaceleração da economia brasileira, que acabou estagnada no terceiro trimestre de 2011.

Segundo relatório do Bradesco, notícias melhores vindas de fora nas últimas semanas — como a recuperação dos EUA e uma atuação mais firme do Banco Central Europeu para evitar uma piora da crise na região — aumentaram as dúvidas sobre a política monetária no Brasil.

Na avaliação da consultoria LCA, o bom desempenho da economia brasileira em novembro, com destaque para a forte recuperação do varejo, também pode limitar a extensão dos cortes de juros.

Segundo estimativa do BC divulgada ontem, a atividade econômica se recuperou em novembro, após vários meses de desempenho fraco.

“A criação de uma música quase nunca leva mais do que 20 minutos”, comenta Dillon. Todas as 12 faixas de “The silence kills” são escritas e interpretadas em inglês. “É música para meditar e contemplar. Sua voz fala com a alma. Tem momentos no disco que fazem a sua garganta fechar”, elogia Mike Diver, da BBC. A menina dos olhos de kajal, sempre pintados de preto e vestida de preto, como aparece na capa do disco, lançado em CD e vinil, vai mesmo dar o que falar. Ou melhor, já caiu nas graças do público e da mídia.

Ela está em evidência em revistas, jornais, blogs, na Alemanha e na Europa. “Nada mudou fora de proporção na minha vida”, disse Dillon em entrevista ao blog Les Berlinettes no camarim do clube About-Blank, em Berlim, onde fez dois shows em dezembro. “As pessoas vêm aos concertos curiosas e interessadas em ouvir o que estamos fazendo”, conta a cantora, que está em turnê até fim de março promovendo o novo disco na Europa.

Devido ao sucesso dos shows em Berlim, ela volta a se apresentar na capital em fevereiro, no teatro HAU 1. Mesmo tendo pouco contato com a terra natal, e declarando sentir uma certa confusão de identidade, Dillon disse em entrevista ao portal UOL Brasil que gosta de Caetano Veloso e de Elis Regina, e também que tem vontade de tocar no Brasil. Aliás, há diversos vídeos no YouTube registrando a sua passagem por um estúdio em São Paulo, o Studio 8.

“The silence kills” foi lançado por uma gravadora focada em tecno e eletrônica, porém pelo menos três lançamentos recentes do selo, os discos de Dillon, We Love e Aérea Negrot, não são exatamente mú-

As letras de Dillon falam de temas abstratos e de experiências pessoais

1990 após retornar de uma temporada em Londres. Ao voltar, começou a tocar nos principais clubes da cidade e logo se tornou DJ residente dos legendários Bunker, E-Werk e Tresor, clubes que surgiram com a queda do muro, em bairros da antiga Berlim Oriental. Ellen Allien não tem dificuldade em acumular funções. Ela cuida da gravadora e viaja pelo mundo fazendo música. Em breve, estará se apresentando no Brasil, em Florianópolis, dia 21 de janeiro, no Festival Creamfields, ao lado de Fatboy Slim, Paul Van Dyk, Tiefschwarz, Reboot, Layo & Bushwacka, Nervo e Jamie Jones.

Selos independentes e gravadoras *cult* vêm influenciando a história da música ao longo de muitas décadas. É o caso das legendárias grifes sonoras Deutsche Gramophone, Verve, Impulse, Blue Note, CTI, MPS, Island, Atlantic, Virgin... essas e muitas outras são responsáveis por lançamentos clássicos, de discos e de artistas que se tornam referência mundial. Das independentes, as alemãs ECM e Bear Family (esta especializada em relançamentos de catálogos antigos) e a brasileira Dubas se destacam com lançamentos que trazem o selo de controle de alta qualidade e sofisticação. O CD “Rio”, de Keith Jarrett, homenageando a Cidade Maravilhosa (ECM), e “Liebe paradiso”, de Ronaldo Bastos e Celso Fonseca (Dubas), homenageando Berlim, onde boa parte do conceito do disco foi elaborado, são bons exemplos de projetos lançados em 2011, que entrarão para a história dos discos clássicos, atemporais e sofisticados. Viva a boa música, produtores e executivos de gravadoras — pequenas ou grandes — que ainda apostam na qualidade.

— Lá fora, os projetos são pensados como cidades-aeroportos, com o entorno, acessos, hotéis, shopping centers. Isso tudo permite que a rentabilidade das empresas fique muito maior, com mais espaço para investimentos. A taxa de retorno é de 20%; aqui, é de 6%. No Brasil se pensa em aeroportos como terminal e pista, apenas — afirmou.

O grupo que ganhou a disputa pelo Aeroporto Juscelino Kubitschek, de Brasília, é o mesmo que ganhou o de São Gonçalo do Amarante e ainda não conseguiu terminar o *project finance*, e por isso está tendo dificuldade de se financiar. A Engevix, que esteve envolvida em alguns casos controversos, está associada a um grupo argentino no aeroporto. Foi quem deu o maior ágio: de 679%.

O grupo que ganhou o aeroporto de Viracopos, em Campinas, é o mesmo que venceu um leilão do governo de São Paulo para administrar a Rodovia dos Trabalhadores. O problema é que ele não conseguiu apresentar as garantias e foi desclassificado em favor da Eco Rodovias, que estava em segundo lugar.

O que ganhou Guarulhos, a Invepar, é operador do Metrô do Rio, da Linha Amarela e da Rodovia Rio-Teresópolis. A ACSA, da África do Sul, administra aeroportos pelos quais passam 30 milhões de passageiros por ano. Seu maior trunfo, no entanto, é

tadê do custo do ágio de lances dos quais não participou; terá metade do custo, mas não terá qualquer influência na gestão, que será toda das empresas privadas.

Não há dúvida de que o passo da privatização dos aeroportos precisava ser dado, e não pela Copa ou Olimpíadas, que são eventos que terão um tempo específico. A demanda brasileira é que está aumentando em um ritmo muito rápido.

O professor Braga Tadeu disse que um estudo da Boeing mostra que o transporte aéreo de passageiros tem crescido 10% ao ano no Brasil e assim deve continuar pelos próximos 10 anos.

— Isso significa dobrar o setor em uma década. Em 2011, tivemos 130 milhões de passageiros, e em 2014 teremos 160 milhões. Não é preciso Copa do Mundo e Olimpíadas para que o setor fique estrangulado, ele já está — afirmou.

Resta torcer para que novos gestores e o compromisso de investimento aumentem a eficiência dos aeroportos. E que a modelagem da segunda rodada — que deve incluir os aeroportos do Galeão, de Confins e Recife — tenha aperfeiçoamentos que permitam a entrada de grandes operadores do mundo com experiência e conhecimento. Desta vez, os mais experientes não quiseram pagar tão alto quanto os menos experientes se dispuseram a pagar.

m suas contas congeladas e proibidos de viajar para a Europa. No entanto, a grande ferramenta de pressão é mesmo o embargo sobre o petróleo, responsável por grande parte do financiamento externo da economia iraquiana. A UE responde por 20% das exportações de petróleo do Irã. Os europeus importam 400 mil barris por dia do Irã – são superados só pela China, que compra 600 mil barris por dia. O embargo, porém, pode se transformar em dor de cabeça para a Europa, que vive sua pior crise desde a criação do euro. Pressionada por Grécia, Espanha e

Itália, que importam do Irã grande parte do petróleo que consomem, a UE optou por um embargo progressivo. A sanção vale para todos os novos contratos, mas os países terão até julho para buscar alternativas.

Ameaça. Para Ali Fallahian, ex-ministro e membro da Assembleia dos Especialistas, colegiado que escolhe o líder supremo do Irã, o país deveria encerrar as exportações à Europa, afetando a zona do euro. “A melhor forma é parar as exportações antes dos seis meses de prazo e antes da

implementação do plano”, disse. Segundo ele, se isso ocorrer, as sanções entram em “colapso”.

O Irã ainda ameaçou novamente fechar o Estreito de Ormuz. “Se qualquer problema for registrado na venda de petróleo iraniano, o Estreito de Ormuz será fechado”, disse Mohamed Kosari, vice-presidente do Comitê de Segurança Nacional do Parlamento. No fim de semana, um porta-aviões americano e navios de guerra franceses e britânicos desafiaram as ameaças e navegaram pela região. A Casa Branca já disse que não aceita o fechamen-

to. Para o Ministério da Defesa britânico, a presença de navios na região “mostra o compromisso dos três países em manter a passagem aberta”.

A Rússia, que rejeita mais sanções, reagiu de maneira moderada. O chanceler russo, Sergei Lavrov, classificou o embargo como um “fator agravante” e disse que tentaria convencer o Irã a negociar.

Em um comunicado, Alemanha, Grã-Bretanha e França também pediram a volta das negociações. “Pedimos que os líderes do Irã suspendam suas atividades

nucleares imediatamente”, afirma o texto, que garante que “as portas estão abertas para que o Irã entre em negociações sérias e significativas sobre seu programa nuclear”. “Espero que o Irã recobre sua consciência e aceite negociar”, afirmou o chanceler britânico, William Hague.

Preço do barril. EUA e Israel elogiaram as sanções aprovadas na Europa. Para o premiê israelense, Binyamin Netanyahu, o embargo é um “passo na direção certa”. O presidente americano, Barack Obama, afirmou que as

sando: “Essa história é lin-
perbrasileira.”

o silêncio constrangedor

na que ninguém parecia
ressar. Após escrever 17
as de perfil, pedia que
em uma olhada, sem su-
. Até que encontrou Bre-
veira no corredor e con-
li mesmo, em pé, do que
tava. Ele se mostrou sur-
com a história e disse:
Acho que eu quero fazer
filme. Acho que conheço
ísticas deles.

antou uma música de Lean-
Leonardo. A confusão não
diu que seguisse adiante.

Quando dizíamos (*ela e Ca-*
Kotscho, coautora do rotei-
que estávamos fazendo, vi-
quele silêncio constrange-

Ou então ouvíamos: “Vocês
oucos” — lembra ela.

Contrariando a crença ge-
filme foi um sucesso. Em
ida, retomou a parceria
Breno — que elogia a sen-
dade de Patrícia — em
uma vez”.

Mas eu ainda estava mui-
ua — admite ela.

experiência teórica veio
as ao trabalho que passou
er na Conspiração.

Eu coordenava os projetos
na que ler todos os roteiros
chegavam. Dizia: “Esse é le-
sse não” — diz ela, que em
ida fez “Salve geral”, de Sér-
Rezende, e “Besouro”, de
Daniel Tikhomiroff.

ora, em 2012, quando com-
dez anos de carreira, des-
ra-se pelos mais variados
alhos. A começar pela TV.
redatora final, ao lado de



PATRICIA ANDRADE: depois de largar o jornalismo, filmes sobre Gonzagão e a doutora Nise e séries na Globo e na HBO

Paula Miller, de “Esquenta!”, pro-
grama apresentado por Regina
Casé; fez para a Globo o roteiro,
com George Moura, da minissé-
rie “O canto da sereia”, baseada
no livro de Nelson Motta; escre-
veu com Estevão Ciavatta e Wil-
liam Voheers o seriado “Prea-
mar”, para a HBO; e está elabo-
rando, também com Estevão,
um seriado para a Globo, um de-
senvolvimento do filme “Saara”,
que ele dirige e ela roteiriza. No
cinema, recém-terminou ou está
escrevendo os roteiros dos fil-
mes inéditos “À beira do cami-
nho” e “Gonzaga, de pai para fi-
lho”, os dois de Breno; “Nise da
Silveira — Senhora das ima-
gens”, de Roberto Berliner; “Uma
fada veio me visitar”, baseado no
livro de Thalita Rebouças; “Saa-
ra”; “Júlio sumiu”, adaptação do
livro de Beto Silva; e “Língua se-
ca”, de Homero Olivetto.

— Ela tem formação de jorna-
lista, o que a aproxima muito da
vida real. Faz com que crie his-
tórias que têm interesse. Em
“Preamar”, muitos personagens
têm base na realidade, e fizemos
uma criação ficcional a partir
daí — elogia Ciavatta.

Patrícia, que fazia críticas de
TV, diz que passou “de estilin-
gue a vidraça”. Ela se lembra do
que falou ao ser chamada para
“Esquenta!”:

— Eu disse: “Vocês estão lou-
cos!” Nunca tinha feito progra-
ma de auditório. Fiquei superin-
segura, mas estou adorando.

Só agora, aos 45 anos, a partir
de “À beira do caminho”, é que
ela se considera uma roteirista
de fato.

— É um filme muito íntimo,
para dentro.

O filme, rodado em 2009, está
sendo finalizado para estrear no

primeiro semestre. “Gonzaga, de
pai para filho” começou a ser fei-
to antes, mas só deve estrear no
segundo semestre deste ano.

— O primeiro tratamento do
roteiro é de 2006, mas não tinha
conflito na história. Demorou
para achar um caminho.

Até que surgiram fitas em que
Gonzaguinha fala da relação
conflituosa com o pai. A galeria
de personagens de Patrícia se
completa com a doutora Nise da
Silveira, psiquiatra que revolu-
cionou com a arte o tratamento
dos doentes mentais.

— Vários roteiristas passaram
pelo projeto, até que Berliner me
chamou para dar unidade ao tex-
to. Terminei de ler e fiquei cho-
rando por 15 minutos. A história
dela é muito importante nessa
época de excessos, de antide-
pressivos em que vivemos. Mas
era uma confusão de cenas.

Ela refez o roteiro e o filme co-
meça a ser rodado dia 9 de ja-
neiro. Pode parecer que Patrícia
só escreve sobre figuras públi-
cas, mas nos próximos dias ela
prepara o terceiro e último tra-
tamento de “Uma fada veio me
visitar”, que tem como protago-
nista uma menina de “13-quase-
14 anos”. Foi convidada por José
Henrique Fonseca, produtor do
filme que marca a estreia como
diretora de sua mulher, a atriz
Claudia Abreu.

— Fiz pensando nas minhas
filhas, Luiza, de 14, e Bel, que vai
fazer 13. Tive um laboratório em
casa — conta Patrícia.

Ela também adapta, com o
casseta Beto Silva, o livro “Júlio
sumiu”, comédia de erros passa-
da em Ipanema, onde um rapaz,
morador de um prédio ao lado
do Morro do Cantagalo, desapa-
rece, em tempos pré-UPP.

“PREAMAR”, seriado na HBO dirigido por Estevão Ciavatta

Divulgação/Vantoen Pereira Jr.



“2 FILHOS de Francisco”, o primeiro roteiro: “História linda”

A geografia literária de Patri-
cia vai da cidade para o campo,
do litoral para o interior. “Língua
seca”, estreia de Homero, filho
de Washington Olivetto, na dire-
ção, fala de uma paulista que so-
fre um acidente no sertão baia-
no e é resgatada por um bando
de motoqueiros. O filme será ro-
dado no segundo semestre.

Patrícia fala das diferenças en-
tre escrever para cinema e TV:

— Na TV, você tem que estar
sempre prendendo a atenção do
espectador. Não pode ficar muito
tempo só com uma imagem. Tem
que trabalhar bem o diálogo. O
cinema é mais reflexivo — diz
Patrícia, que trabalhou por dez
anos como jornalista do GLOBO
antes de se tornar roteirista.

Ela vê um paralelo entre as
duas profissões.

— A gente sabe contar his-
tória. ■

de Portugal.

Ao contrário, se de 1900 a 2004 a renda per capita tivesse crescido no ritmo dos últimos 25 anos, nossa renda seria equivalente a 18% da renda atual, o que corresponderia às rendas do Quênia e da Nigéria — estaríamos entre os 15 países mais pobres do mundo.

O PIB per capita do Brasil em 1980 equivalia a 30,5% do dos Estados Unidos; em 2009, essa relação caiu para 22,7%.

Ao contrário, no mesmo período, o PIB per capita da Coreia do Sul em Paridade de Poder de Compra (PPC) equivalia a 18,8% do norte-americano, quase a nossa situação hoje, e era 60% menor do que o PIB per capita brasileiro naquela ocasião.

Mas nesses 30 anos a Coreia do Sul conseguiu aumentar o percentual em relação aos Estados Unidos para 60,3%. Esse avanço tem a ver principalmente com o salto de qualidade no ensino que o país deu nos últimos anos.

Até 1980, o Brasil cresceu mais que a média mundial: de 1900 a 1980, a renda per capita brasileira cresceu em média 3,04%, enquanto a renda mundial cresceu 1,92%.

O período de maior crescimento foi o de 1950 a 1980, que alguns classificam como os “anos dourados”, quando o país cresceu em média 4,39% sua renda per capita, para um crescimento médio mundial de 2,83%. Nesse período, o Brasil figurou entre os dez países mais dinâmicos do mundo.

A partir daí, assistimos a uma redução de 90% do ritmo de crescimento per capita — de 4,39% para 0,43% de 1980 a 2004.

No trabalho “Redução da desigualdade da renda no governo Lula — Análise compa-

Pelas projeções, os cidadãos dos Brics continuarão sendo mais pobres na média que os cidadãos dos países do G-6 de hoje, com exceção talvez da Rússia.

O Brasil, se conseguir manter uma média de crescimento do PIB de 3,5% ao ano, chegará a 2050 com uma renda per capita de US\$ 26.500, próximo à de Portugal hoje, muito longe do que já têm hoje França e Alemanha (cerca de US\$ 44 mil), menos do que o Japão (cerca de US\$ 45 mil) e os Estados Unidos hoje (cerca de US\$ 48 mil).

Para piorar a perspectiva, mesmo com a crise financeira internacional, o PIB per capita dos maiores países continuou crescendo, mesmo o do Japão, que está em recessão há quase 20 anos.

Portanto, mesmo que chegue a ser a 5ª economia de um mundo conturbado, o país continuará tendo desvantagens competitivas sérias.

Os países que fazem parte da OCDE, os mais avançados do mundo, aplicam cerca de 7% do PIB em pesquisa e desenvolvimento. O Brasil não passa de 1%, sendo suplantado largamente por Coreia do Sul e China, países que estavam atrás de nós nesse setor nos anos 1980.

A participação brasileira na produção mundial caiu de 3,1%, em 1995, para 2,9%, em 2009, o que denota falta de competitividade. No mesmo período, a China saltou de 5,7% para 12,5%, e a Índia foi de 3,2% para 5,1%.

Em 1960, a Coreia já tinha escolaridade média superior à do Brasil em 1,4 ano de estudo, e essa diferença só fez aumentar de lá para cá, estando atualmente em mais de seis anos.

Na visão de Romney, "décadas de notável progresso na América Latina baseado na segurança, democracia e crescente laços econômicos com a América estão atualmente sob ameaça".

Venezuela e Cuba estariam liderando "uma virulenta campanha antiamericana" num movimento "bolivariano" por meio da América Latina com a intenção de sabotar instituições de governança democrática e oportunidades econômicas.

Esse "movimento bolivariano", segundo o documento, ameaça aliados dos Estados Unidos como a Colômbia, interfere na cooperação regional para o combate às drogas e em ações de contraterrorismo, tem fornecido proteção para traficantes de drogas e encorajado organizações terroristas regionais, além de ter convidado o Irã e organizações terroristas estrangeiras como o Hezbollah.

O documento destaca também o que chama de "epidemia de violência de gangues criminais e cartéis da droga" que leva a morte ao México e diversos países da América Central e Caribe.

A proposta de Mitt Romney é juntar as iniciativas de combate às drogas e ao terrorismo para criar a Força Tarefa Hemisférica para Crime e Terrorismo, com o objetivo de coordenar as ações de inteligência e repressão entre os aliados regionais.

No plano mais geral, o documento adverte que

defender sozinhos" e também com "países falidos ou em falência", como Somália, Yemen, Afeganistão e Paquistão, "e num grau alarmante, nosso vizinho México".

Esses são países com "governança fraca, tomados pela pobreza, doenças, refugiados, drogas e crime organizado", que são ou podem vir a ser lugares seguros para terroristas, piratas e outros tipos de redes criminosas.

Romney retoma também a expressão "Estados bandidos" muito utilizada no governo de George W. Bush, para definir Irã, Coreia do Norte, Venezuela e Cuba, que têm "interesses e valores diametralmente opostos aos nossos" e colocam a segurança internacional em perigo, especialmente nos casos da Coreia do Norte e do Irã, que buscam obter armas nucleares.

O professor de estudos estratégicos da Universidade de Johns Hopkins Eliot Cohen, conselheiro especial do governador Romney, descreve no prefácio do livro quais são os objetivos que movem a sua candidatura: a tese do mundo multipolar, onde o poder de influência dos Estados Unidos seria decrescente, seria "falaciosa e perigosa".

"Os Estados Unidos não podem retirar-se dos problemas mundiais sem provocar perigo para si mesmo e para os outros. (...) Queiramos ou não, nossos valores, nossas políticas e nosso exemplo importam a todos os que valorizam a liberdade".

E-mail para esta coluna: merval@oglobo.com.br

O Supremo Tribunal Federal entendeu que a lei estaria coberta pelo propósito de anistiar os dois lados, o que historicamente se deu, sem enfrentar a matéria penal e pronto, diz Cerqueira: “A lei já produziu seus efeitos. Não proíbe os parentes da vítima de irem a juízo postular o que entenderem. É apurar a verdade, agora”.



Recebi também de Terezinha Zerbini, a pioneira no movimento pela anistia com o Movimento Feminino pela Anistia (MFPA), depoimento que merece registro, pela sensatez:

“Mais de 30 anos passaram desde a Lei 6.683 de 1979, assinada pelo então presidente João Figueiredo, em seu programa de conduzir o Brasil rumo a uma abertura lenta, gradual e segura. Tão lenta e gradual que se temeu por retrocessos, até 1985, ano da posse de seu sucessor na Presidência, José Sarney, na qualidade de vice de Tancredo Neves.

“Portanto, a anistia de 1979 foi obtida dentro de uma conjuntura específica, fruto de intensa luta para redemocratização do país. Minha experiência — hoje, uma mulher de 84 anos — ensinou-me que, quando não se pode fazer o que se deve, deve fazer-se o que se pode.

“E a sabedoria prega que não apenas em nível pessoal, mas também no histórico, é difícil digerir o passado como uma totalidade.

“A insistência em se fixar em atos passados, distantes há mais de três décadas, poderia equivaler ao imobilismo, comparando essa mirada àquele olhar bíblico para trás, na fuga dos pecados de Sodoma e Gomorra e na transformação de

poucos retornei à ‘legalidade’, como então se dizia.

“Sempre pertenci, com muita honra, à tribo dos que preconizavam que só o ‘povo organizado derruba a ditadura’, contraposição aos que, desde 1968, sustentavam a tese oposta da luta militar.

“Mas isso são favas passadas. Ao assunto que interessa: sem querer discutir os méritos de historiador do deputado Chico Alencar nem suas qualidades de político, nossa transição, que o parlamentar desqualifica como negociada e ‘pelo alto’, não teve como motor, como ele enuncia, a luta armada — extinta, no fundamental, nos idos de 1972 —, mas a luta de massas, exemplar no movimento multitudinário das Diretas Já, nas lutas operárias do ABC e no processo eleitoral, que, a partir da eleição de Quéricia para o Senado, em 1974, tornou-se determinante para o futuro rumo dos acontecimentos em 1982, com as eleições de Brizola, Tancredo Neves, Franco Montoro e Pedro Simon para governadores em seus estados.

“O resultado dessas lutas está aí com a Carta de 1988, a mais avançada e democrática da nossa História, inclusive porque propiciaram a conquista da Presidência da República por parte de uma ex-liderança do movimento sindical e de um partido com extração na esquerda.

“Houve, e segue tendo seu curso no país, uma revolução democrática progressiva, que nos cabe aprofundar, decerto em meio ao contraditório.

“Contudo, não seremos capazes dessa tarefa permanente se não soubermos valorizar o que nos trouxe até aqui, mistificando o nosso passado recente”.

Terreno instável

• Os dias difíceis da Europa vão continuar pelos próximos meses. A solução não está na linha do horizonte. O calendário está marcado com várias datas em vermelho em todo este primeiro semestre. Ontem, começaram os tremores secundários da redução da nota anunciada na sexta-feira: foi rebaixado o mecanismo criado para salvar a Europa.

O Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (Fef) foi concebido como um instrumento para financiar os países em dificuldade. Como ele depende de aval dos maiores países da Europa, ficou obviamente mais fraco depois do rebaixamento da França e da Itália. Normalmente, depois de revisões de ratings, os bancos, as empresas e unidades administrativas dos países atingidos também são rebaixados.

Ontem foi um dia relativamente calmo, em parte porque já era esperada a redução da nota da França, e em parte porque foi feriado nos Estados Unidos. Menos mal que o governo francês conseguiu vender papéis a juros até menores, mas os efeitos não se esgotam no primeiro dia, nem esse era o único evento que se espera para este começo de ano na Europa.

Como nos terremotos, em que não há um tremor só, a Europa continuará com terreno instável. A França desceu apenas um degrau de uma enorme escada em que estava no topo e continua muito bem posicionada. O problema é que a partir de agora as soluções encaminhadas pelos dois maiores países, França e Alemanha, ficam mais fracas. A decisão de rebaixar a nota de crédito do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira é uma demonstração disso, porque o mecanismo foi pensado exatamente para resgatar países endividados. Ter a nota máxima é o pressuposto básico do instrumento.

zem a capacidade de influência do país na solução dos problemas do euro. A Itália está totalmente neutralizada do papel que exerceu até meados do ano passado, de um dos líderes do bloco. Agora, o país é o maior problema. O governo italiano tem € 130 bilhões para girar até março, mais de € 400 bilhões até o fim do ano, e agora desceu dois degraus na escala da S&P.

Haverá em um dado momento um novo estresse bancário na Zona do Euro. Há novas exigências de capital que terão que ser cumpridas pelos bancos. Isso mostrará a dificuldade de cada um deles. As instituições terão que ir ao mercado se capitalizar ao mesmo tempo em que há maiores temores entre os bancos.

A Grécia terá que encontrar seu caminho. A consultoria inglesa Capital Economics disse, em relatório recente, que em seu cenário de referência a Grécia deixará a união monetária este ano. O país, até março, terá que fechar acordo com os credores. Desde o impasse da sexta-feira há muita apreensão sobre como serão retomadas as negociações entre os gregos e os bancos, sobre o tamanho das perdas que eles terão que aceitar. O melhor cenário é um calote negociado; o pior é um calote desordenado. Se sair do euro será, sem dúvida alguma, desordenado. E vários bancos de outros países da região são credores da Grécia e sofrerão com o baque. Como os próprios bancos já enfrentam suas dificuldades, o governo não

bro, sob acusação de sonegar informações ao Ministério Público estadual (MP) no inquérito que investiga suspeita de desvio de verbas.

— Precisamos de R\$ 700 milhões para recuperar a cidade. A verba já foi liberada, mas dependemos ainda de uma série de burocracias para iniciar as obras — queixou-se Sérgio.

Secretário de Defesa Civil admite estar enxugando gelo

A cidade voltou a sofrer com a chuva contínua que começou há uma semana. Ontem de madrugada, moradores de 15 bairros foram acordados ao som dos alarmes que avisam a população sobre riscos de enchentes. Em estado de alerta — que chegou a ser elevado a máximo —, o município registrou, em 24 horas, 100mm de chuva, considerado o limite da segurança. Apesar das obras de contenção de encostas feitas no Morro do Teleférico após o temporal do ano passado, houve deslizamentos que atingiram até a Praça do Suspiro, na região central da cidade. Desta vez, a terra não chegou a invadir a Igreja de Santo Antônio, soterrada no ano passado e que ainda está sendo recuperada.

Também ocorreram pequenos deslizamentos no Campo do Coelho e nas Braunes, per-



MORADORA DO bairro de Córrego Dantas, Maria da Penha de Souza mostra a varanda de sua casa: durante a tempestade de ontem, a água chegou ao segundo degrau da escada

to do prédio da Uerj. O Rio Bengalas, que corta a cidade, transbordou em Córrego Dantas — uma das regiões mais afetadas em janeiro passado. A água também demorou a escoar de várias ruas do Centro. Conforme admitiu o secretário municipal de Obras, Clauber Domingues, a rede pluvial é antiga, não tem capacidade para tanto volume de água e ainda está parcialmente obstruída pela lama de um ano atrás. Vários pontos da cidade já enfrentam falta de água.

— Temos uma série de obras de ampliação de galerias para começar, com recursos públicos e privados. Fizemos uma limpeza superficial das galerias de águas pluviais, que são muito estreitas. Muito detrito acumulado da época continua lá — reconheceu o secretário.

Secretário de Defesa Civil de Friburgo, João Paulo Mori resumiu a situação ao afirmar

“

Infelizmente, não são todos os moradores que atendem ao pedido (para sair de casa), mas a resposta da comunidade é positiva.

Sérgio Simões, secretário estadual de Defesa Civil

que toda a sua equipe está “enxugando gelo”.

— Há dois meses, dragamos o Rio Bengalas, na altura de Córrego Dantas. Há 15 dias, a cidade foi atingida por uma forte chuva, e todo o material foi carregado novamente para dentro do rio, inclusive máquinas que estavam nas margens. Nossa previsão para o verão é a seguinte: dragamos o rio, mas, se chover, o material torna a ser depositado no fundo, porque a maioria das encostas precisa

de obras de contenção.

Nas áreas rurais, moradores tiveram dificuldade para sair de casa. A chuva agravou o problema de acesso aos bairros. No início de dezembro, pontes reconstruídas após a tragédia do ano passado caíram durante outro temporal.

Apesar da sensação de pavor que tomava conta da cidade, o prefeito em exercício pede tranquilidade aos moradores.

— Não registramos vítimas. A cidade está normal. Agimos de

forma preventiva, ativando as sirenes — minimizou Xavier.

De manhã, a Defesa Civil registrou a passagem de 300 pessoas pelos pontos de apoio. À tarde, apenas 87 permaneciam nesses locais. O secretário estadual de Defesa Civil, Sérgio Simões, participou de vistorias.

Em Córrego Dantas, uma ponte improvisada sobre o Rio Bengalas, que substitui a estrutura levada pelo temporal de dezembro, quase foi arrastada:

— Não temos mais condições de aguardar uma ponte de concreto para a travessia dos moradores — reclamou o vice-presidente da associação de moradores do bairro, Édmo Silvestre.

No bairro Rui Sanglard, 30 pessoas decidiram passar mais uma noite nos abrigos. O grupo se queixa de não ter sido avisado pelo sinal de alerta, mas, sim por vizinhos.

— Algumas pessoas ouviram os sinais de comunidades vizi-

nhas e correram. Na mesma ra, peguei meus filhos e vim ra cá — conta a faxineira Mi Correia, em um dos pontos de apoio da prefeitura.

No mesmo bairro, duas famílias ainda buscavam refúgio e queriam passar mais uma noite no ponto de apoio.

— Voltaremos para casa quando a chuva cessar — contou Alexandra Pinheiro.

Mirian passou a noite clara, sentada num baracompanhada pelo marido e dois casais. Não havia colchete para todos.

— Deixei os colchões meus pais e meus filhos — mirem. Só quando amanhã a prefeitura mandou outros colchões — explicou a faxineira, que chegou 1h da madrugada no centro de apoio. ■

Pedro Caiado

ESPECIAL PARA O ESTADO/ LONDRES

Na continuação da entrevista, Martin Scorsese comenta sobre sua indisposição em dirigir sequências e a grande possibilidade de reativar a parceria com o ator Robert De Niro.

● **Você diria que segue regras à risca, não importa o filme que**

esteja realizando?

Sim, sim. É importante selecionar os personagens, o que eles fazem e, em muitos dos meus filmes, como eles se expõem na história. Há muito a ver com autoestima exagerada, orgulho, traição e confiança. Histórias com esses temas sempre me chamam mais a atenção. Você pode colocar esses temas em mundos diferentes, como Los

Angeles dos anos 70 ou Jerusalém do primeiro século, e eles sempre vão funcionar por serem de apelo universal.

● **Você não é fã de sequência, gosta de fazer algo e seguir adiante?**

Acho que sim. Estou muito mais velho agora, e por isso, resta pouco tempo, se é que há algum. Então, tenho de ser cuidadoso com qual filme farei em se-

dade de lançar 18 nomes.

HISTÓRICO

A discrepância entre as disputas para as prefeituras e a aliança partidária que dá sustentação ao governo federal já ocorreu em outras eleições.

Em 2008, por exemplo, PT e PMDB, os dois maiores partidos da coalizão nacional, se enfrentaram em 17 das 26 capitais em jogo.

O professor de Ciência Política da Universidade de Brasília David Fleischer lembra que nas disputas municipais a tendência é que prevaleçam os arranjos paroquiais.

“As questões locais e a so-

brevivência dos partidos fazem com que todos queiram disputar. A eleição municipal serve de base para o aumento do número de deputados, senadores e governadores.”

Apesar disso, o alto número de postulantes causa preocupação ao Planalto. Na última reunião com os dirigentes dos partidos, Dilma tentou acalmar os ânimos dizendo que nem ela nem o vice Michel Temer (PMDB) iriam se envolver nas campanhas. A orientação é que ministros, o vice e a própria presidente não apoiem um candidato em capitais com conflito na base.

Para o presidente nacional

do PT, Rui Falcão, a falta de acordo não é prejudicial.

“É legítimo que na eleição municipal cada partido lance seu candidato, ainda mais em cidades com possibilidade de segundo turno. Isso em nada afetará a base da presidente Dilma, até porque o PT fará uma campanha sem ataques pessoais”, afirmou.

Além de problemas com aliados, o PT enfrenta também conflitos internos.

Em Recife, o prefeito João da Costa seria candidato à reeleição, mas outros três petistas querem a vaga. Em Porto Velho, há prévia marcada para 25 de março.

Procurando trazer de volta empregos para a economia, anunciou um ambicioso programa de apoio à indústria doméstica. O conjunto de medidas incluiu a aprovação de ampla reforma tributária, novos impostos para as multinacionais que se instalam no exterior e exportam empregos, e redução de tributos para as empresas de transformação e de alta tecnologia, além de programas de treinamento profissional especializado. Na área de comércio exterior, Obama reiterou a meta de dobrar as exportações em cinco anos, o avanço nas negociações de novos acordos de livre comércio e o reforço da promoção das exportações e da defesa comercial com a criação de uma unidade de acompanhamento da aplicação das regras comerciais, responsável pela investigação de práticas desleais de comércio em países como a China.

Por aqui, nos últimos dez anos, as medidas de apoio à indústria ignoraram a principal causa da rápida perda da competitividade da economia nacional. O custo Brasil está tendo um efeito devastador na economia. De imediato, com a perda de mercado no setor exportador e a crescente saída de empresas brasileiras, e, a médio e longo prazos, com o aumento do desemprego e com a redução de investimentos.

A exemplo dos EUA, a desoneração tributária deveria encabeçar a agenda do governo para enfrentar a competição externa. Defesa comercial apenas não melhora a competitividade. O custo da energia, a alta taxa de juros, a apreciação cambial que anula a proteção tarifária, as ineficiências burocráticas, a guerra de incentivos nos portos e seus altos custos operacionais, o descalabro da infraestrutura, o peso dos gastos com a corrupção e com a aplicação da legislação trabalhista poderiam, se atenuados, representar significativa redução dos mais de 35% no custo final dos produtos.

Em resumo, é a competitividade, estúpido. O setor privado já fez a sua parte com o aumento da produtividade das empresas. Se o governo não atacar de frente o custo Brasil, a reindustrialização brasileira ficará seriamente ameaçada.

ser considerada um meio para que crescimento econômico e geração de empregos se tornem sustentáveis.

A preocupação principal dos países, imersos em uma crise econômica sem precedentes, é de um ano de forte recessão, alimentado por cortes de gastos públicos.

Após cinco horas de reunião, a declaração oficial do Conselho Europeu, que reú-

ne os líderes do continente, reconheceu que os governos precisam fazer mais esforços para sair da crise, apesar da busca por austeridade.

A segunda parte do encontro, mais curta, discutiu os termos dos tratados de disciplina fiscal e do que cria o Mecanismo Europeu de Estabilidade — fundo permanente de resgate a países endividados com recursos de € 500 bi-

lhões.

O Mecanismo será formalizado na próxima reunião de ministros de Finanças da zona do euro deve passar a valer já em julho.

GREVE

A reunião quase foi transferida para Luxemburgo por conta de uma greve geral na Bélgica, algo que não acontecia no país desde 1993.

O cenário global também não ajudou a animar o ambiente: a França divulgou ontem uma redução em sua previsão de crescimento para 2012, de 1% para 0,5% do PIB.

Já a Espanha anunciou a queda de 0,3% do PIB no quarto trimestre em relação ao trimestre anterior, a primeira redução dos últimos dois anos.

Os líderes elogiaram o pro-

gresso das negociações entre credores privados e o governo da Grécia e pediram que o acordo seja concluído até o fim desta semana.

Com mais de 23 milhões de desempregados, a Europa convive hoje com os riscos de recessão e de rompimento da zona do euro.

Na declaração formal, os líderes pediram mais investimento em emprego, o fortale-

cimento do mercado único e o foco em pequenas e médias empresas.

De acordo com o documento, cada país apresentará um plano nacional de reforma para estimular a criação de empregos.

As medidas que envolvam instituições da União Europeia devem ser apreciadas apenas em reunião no mês de junho.

Um trabalho de direção de atores

Melamed está no camarim após um ensaio, oito dias antes da estreia. As palavras soam como um desaforo de tudo que ele não diz, mas tenta — e consegue — fazer visível em cena. À sua frente, numa bancada, um laptop guarda uma série de textos dos quais ele, nos últimos dias, decidiu abdicar.

— É claro que tenho um texto para a peça, mas decidi não usá-lo. Estou há dias em trabalho de parto para chegar aqui e dizer que não terá palavras — conta. — Escrevi muito, sou um cara da palavra, mas nesse espetáculo não consegui usá-las, apesar de as imagens partirem delas. Não aguento mais falar, mas ainda quero me expressar, então talvez tenha sobrado o corpo, a força física, o espasmo que surge quando você não tem mais o que dizer.

O poeta, que iniciou a carreira declamando poesia no projeto CEP 20.000 e se tornou conhecido pela verborrágica “Tetralogia brasileira” — “Regurgitofagia” (2004), “Dinheiro grátis” (2006), “Homemúsica” (2007) e “Antidinheiro grátis” (2010) —, agora transmuta a enxurrada de palavras numa partitura densa e silenciosa, coreografada pelo próprio.

— Não sei se fiz coreografia ou um balé, sei que fiz um trabalho de direção de atores.

Acostumado a atuar sozinho, agora Melamed contracena com mais cinco atores — Bruna Linzmeyer, Pedro Monteiro, Rodolfo Vaz, Thalma de Freitas e Thiare Maya. “Adeus à carne” é, portanto, uma verdadeira troca de pele, uma reinvenção, um espetáculo diferente de tudo o que ele já fez.

Mas tem um ponto em comum com os anteriores: a dificuldade de ser descrito em palavras. Para tentar compreender o que se verá em cena, vale registrar algumas imagens: um samba-enredo versa monotemático sobre a tristeza; uma comissão de frente evolui numa *descoreografia* espasmódica; um abre-alas que traz como efeito uma cascata de lágrimas; uma passista ultrapassa o limite do corpo vibrando ao ponto de dilacerar em contrações musculares desconexas; componentes de alas evoluem envergados e amarrados num pau-de-arara. Assim, na passarela de Melamed, a alegria é quase inconfessável, e o amor é quase inalcançável; o samba perde o vigor do compasso e vaga numa elegia fúnebre que, ao fim do desfile, revela um carnavalesco extenuado, mas também realizado por extrair do lodo mais um belo e indefinível espetáculo.

— Até agora eu não sei do que falo. Esse espetáculo é sem sentido como o país que ele quer retratar. Hoje o Brasil é um país sem sentido — diz. — As pessoas têm uma ideia maniqueísta de que se você não o elogia e o defende você é antibrasileiro. Não tem nada disso. Eu tenho um completo compromisso com o país, uma obsessão pelo Brasil. Sempre tive e até por isso me sinto à vontade para dizer tudo isso e me perguntar: que espetáculo é esse? É um desfile ou uma manifestação? Esse país quer mais desfiles ou ele quer manifestações? Ele precisa de manifestações. ■

Como corretamente parece reconhecer o Minc, há interesse em que a Bienal de São Paulo seja realizada dentro do calendário previsto. Apesar dos entraves burocráticos, o Minc tem consciência de que sua realização é importante para o desenvolvimento e projeção do Brasil lá fora, e que ela pode servir para ampliar as perspectivas de intercâmbio cultural com o exterior. Sabe também que a mostra tem o papel de proporcionar ao público brasileiro a possibilidade de conhecer diretamente o que de melhor está sendo produzido na arte contemporânea brasileira e internacional.

Com a realização no Brasil de eventos internacionais importantes, como a reunião Rio+20, pouco antes da Bienal, da Copa do Mundo e das Olimpíadas, o cancelamento da mostra prejudicaria a percepção externa quanto a nossa capacidade de organizar eventos de grande porte. A repercussão no exterior de um eventual cancelamento da mostra será maior ainda pela visibilidade que o Brasil hoje desfruta.

Enquanto se busca uma solução definitiva para as questões financeiras pendentes, a Bienal, por meio de sua diretoria e membros de seu conselho, apresentou uma fórmula para, de imediato, solucionar o problema. Os projetos amparados pela lei Rouanet seriam transferidos para um novo proponente, ou seja, uma nova instituição que passaria a ser responsável pela realização do evento, como uma forma possível de viabilizar a mostra. A Pinacoteca, por exemplo, poderia gerenciar a execução da Bienal mediante um termo de ajustamento de conduta.

O mundo artístico e a sociedade em geral, esperam que todos os interessados, Bienal, MinC, Controladoria Geral da União, Tribunal de Contas da União, ministérios públicos federal e estadual, empenhem-se para chegar a um acordo.

A Bienal tem de ser vista sob uma dimensão mais ampla e não como questão isolada. Sua suspensão, em decorrência da falta de sensibilidade oficial, seria uma perda irreparável para São Paulo e para o Brasil.

guida. Sempre me pergunto: "Será esta a melhor forma de investir meu tempo?"

● **Você é consciente do legado que já realizou para o cinema?**

Acho que sim, mas não sei se há algum. Talvez parte de mim queira que haja um legado, mas a realidade é que o cinema é uma experiência diferente agora. Jovens percebem o mundo, e as informações, de maneira totalmente diferente da minha época. Então, não sei como eles verão no futuro o que fiz no passado, e se meus filmes significarão algo para eles.

● **Você realmente acha isso?**

Bem, espero que os roteiros de *Taxi Driver*, *Caminhos Perigosos* ou *Touro Indomável*, ou qualquer um dos meus outros, tenham alguma importância para as pessoas no futuro, se por acaso os verem. As coisas caem em desuso, saem de moda. Eu não tenho ideia. Mas espero sempre poder fazer meu próximo filme.

● **Você acha que um dia vai se aposentar?**

Acredito que não.

● **Você voltará a dirigir episódios da série de TV *Boardwalk Empire*?**

Gostaria muito. Eu não continuei após dirigir o piloto porque estive ocupado com outros projetos. Agora, os personagens se desenvolveram, assim como todos no set.

● **Você se vê trabalhando com Robert De Niro novamente?**

Sim. Bob e eu temos um projeto que esperamos realizar em um ano ou dois. É sobre meu gênero favorito, o submundo, mas com a vantagem de ser do ponto de vista de um homem mais velho. E uma história boa. Eu digo, boa, dura.

● **Como você mudou com a idade? Você acha mais difícil filmar violência?**

“

NÃO SEI COMO OS JOVENS VERÃO NO FUTURO O QUE FIZ NO PASSADO, E SE MEUS FILMES SIGNIFICARÃO ALGO PARA ELES”

“

VENHO DE UM TEMPO EM QUE OS FILMES TINHAM ALGUM SIGNIFICADO PARA A SOCIEDADE. NÃO ACREDITO QUE SEJA MAIS ASSIM”

Sim, sem dúvida nenhuma. Não diria que estou mais sentimental, mas você sabe, você fica mais velho e vê pessoas nascerem e morrerem. É inevitável pensarmos no fim. A última declaração que eu quis fazer sobre o gênero foi no fim de *Cassino*, nos campos de milho (onde os irmãos Santoro são enterrados vivos). Eu sinto que aquela é a prova final do que aquele mundo significa, e de que a violência é parte do mundo, parte do que nós somos como seres humanos.

● **Quais filmes você relembra com mais afeição?**

Eu naturalmente tenho uma proximidade maior com *Caminhos Perigosos*, de 1973. Aquele filme foi um projeto muito excitante. E o documentário que eu fiz com minha mãe e meu pai, *Italian-American*. Mas, enquanto se realiza um filme, há uma mistura de emoções. Se meu es-

tilo de vida naquela época não me traz boas memórias, eu tendo a não relembrar aquele filme particularmente.

● **Você sempre se dá por satisfeito com o resultado de seus filmes?**

Penso que não. Certamente tenho a sensação de ter finalizado um filme e de não querer modificar mais nada naquele projeto especificamente.

● **Você acha que ainda poderia fazer um filme de 1 milhão de dólares? (*Hugo* custou cerca de US\$ 170 milhões)**

Sim. Não vai ser um *Gangues de Nova York*. Depende da proporção do filme. Se eu puder visualizá-lo, se o roteiro for forte o suficiente e se eu puder contar com a cooperação da equipe e dos atores, eu poderia filmar com 1 milhão de dólares, sim. Vinte dias. Por que não tentar?

● **Qual dica você deixa para cineastas que estão começando carreira?**

É uma época muito excitante, porque tudo é novo e o que foi feito ficou para trás. Depende do cineasta trazer, e fazer, algo novo. Não será mais o cinema do século 20. Nós chamamos de cinema, mas eu acho que será algo diferente. Filmes serão feitos para telas pequenas também, o que não significa que seja ruim. Mas acredito que é sempre importante expor os filmes do passado para a nova geração. Caso contrário, tudo será esquecido. Onde estará a beleza de ver um filme aos 10 anos de idade, aos 25 e então aos 60, e perceber que o significado daquela história mudou completamente? Quando uma criança terá essa experiência no futuro? Por que apagar imagens de filmes que significavam alguma coisa na sociedade? Eu venho de um tempo em que os filmes tinham algum significado para a sociedade. Não acredito que seja mais assim.

ORGULHE-SE.

Mesmo que esteja entre os que confundem a chegada à sexta economia mundial com tornar-se a sexta potência mundial, não importa — orgulhe-se. Há algo tão engrandecedor do Brasil, e verdadeiro, quanto a falsa grandeza criada por seu erro.

Destruição da Amazônia, 30 a 40 milhões de pessoas — crianças entre elas, muitas crianças— na “linha abaixo da pobreza”; centenas de milhares de família sem terra, quase 300 casos conhecidos e atuais de trabalho escravo, o horror torturante dos hospitais públicos —apesar de tudo, orgulhe-se.

O frêmito que invade o seu corpo e o seu civismo ao ouvir o Hino Nacional, essa música que São Paulo resolveu baratear como abertura de qualquer pelada, não será agora um excesso de sensibilidade. E o umedecer dos olhos diante da bandeira a esvoaçar junto aos símbolos do mundo na ONU, ou em Brasília mesmo, à falta de melhor, estará tão justificado como se tivéssemos uma história de glórias. Orgulhe-se.

Alguns, parece, tiveram o seu choque ou sua mais provável indiferen-

ça na internet. Ainda que não tenha sido, digamos que foi, porque hoje em dia tudo tem que partir e chegar via internet, ou não existiu. Mas a minha comprovação de que existiu foi por uma foto pequenina lá na pág. 21 do “Globo”.

Um pedaço de caixa de leite, diríamos. No Bahrein. Uma contribuição brasileira aos que lá se enfrentam há tantos meses, com violência fatal, civis contra a ditadura do rei Hamad Al-Kalifa e os fraternos militares e policiais a defender a ditadura. No ano passado, caso talvez único, a Fórmula 1 cancelou o rico GP do Bahrein por não haver segurança capaz de protegê-lo. Nem mesmo com a intervenção militar feita pelas forças da Arábia Saudita, em proteção ao rei-ditador.

O povo bareinita foi dos primeiros a aderir ao que se chama de Prima-

Sentimentos brasileiros

JANIO DE FREITAS

Não sou dado àqueles frêmitos e emoções de civismo duvidoso; a foto me causou vergonha e nojo

Reprodução/ZajilDelon/Twitter



Cápsula de gás lacrimogêneo usada no Bahrein e feita no Brasil

vera Árabe, mas os Estados Unidos têm lá uma grande base naval, sentem-se muito bem com o regime local. E, como Barack Obama é um bom

democrata, preferiu sujar as mãos dos sauditas.

Mas aqui o que nos interessa, a nós outros, deste país pacífico, somente a Deus por tantas religiões, hospitaleiro e defensor da paz em toda parte, é o achado.

Na enganosa caixa de leite, um tubo metálico um tanto amarrotado, depara-se com nossa bandeira, impressa, modesta no tamanho, mas iniludível no exotismo. Abaixo dela, extenso e presunçoso, um “made in Brazil” de que ninguém duvide. Imagine, e orgulhe-se.

Acima, como é próprio das caixas de leite, seguem-se as indicações de lote; a data de fabricação, maio/2011, e a da validade, maio/2013. Tudo em inglês, porque nossa produção é internacional. Mas não sou dado àqueles frêmitos e emoções de civismo duvidoso. A foto me causou

um misto de vergonha, de indignação e nojo.

Trata-se de uma cápsula deflagrada de gás lacrimogêneo. Mas não o gás comum: o brasileiro contém um ingrediente agravante: sobre os olhos, nos respiratórios e oculares, provoca uma espuma que se multiplica e expele pela boca. Capaz de sufocar dois. O texto de Rasheed Abou-Abou dá notícia da morte de pelo menos uma criança atribuída à reação causada pelo ingrediente brasileiro do gás. Eis o twitter de uma jovem mãe, opositora, para outras formações: @AngryArabiyah.

A fábrica do artefato, situada no município fluminense de Nova Iguaçu, tem o sugestivo nome de Condor — nome também da tropa, aeronáutica e terrestre, que Hitler mandou para testar novas armas na Guerra Civil Espanhola, batizando-a de gás Condor.

Na Primavera Árabe, o Brasil proporciona armas ao poder criminoso. É parte, portanto, do crime contra a humanidade. Ah, nisso sim, põe-se entre as potências.

Orgulhe-se, quem for capaz.

Cubica

Onovo ano nasce sob a marca da instabilidade política no cenário internacional e da volatilidade e da incerteza na área econômica. A democracia e o mercado estarão em xeque em 2012.

O mundo vive em sobressalto diante da crise econômica e financeira que se abate sobre os EUA e a União Europeia (UE). Não bastasse, são igualmente inquietantes alguns sinais que, isolados, podem não parecer preocupantes, mas, quando vistos em conjunto, adquirem o caráter de uma possível grave crise nos próximos meses.

O quadro mais complexo está no Oriente Médio. Permanece a possibilidade de um ataque, aberto ou por meio de ações clandestinas, às instalações nucleares no Irã. Notícias de que o Reino Unido e Israel se prepararam militarmente para atacar o Irã diminuíram, mas não desapareceram, como evidenciado pela questão da passagem do petróleo pelo Estreito de Ormuz. A concentração de tropas norte-americanas no Kuwait e o lançamento bem-sucedido de mísseis de longo alcance israelense e iraniano indicam que preparativos de lado a lado se intensificam. Isso não quer dizer que o ataque seja iminente nem que será levado a efeito, mas esses fatos ajudam a aumentar a tensão na área, agravada pelos ataques recíprocos Israel-Hamas, apesar da retomada das conver-

Otan na Líbia. Para complicar ainda mais a situação, depois da queda dos regimes autoritários da Tunísia, do Egito e da Líbia, no Norte da África a primavera árabe começa a se defrontar com as inevitáveis rivalidades internas, questões tribais e religiosas afloaram e ameaçam a transição para a democracia, podendo reacender focos de guerra civil. A retirada do Afeganistão e do Iraque das forças militares dos EUA não contribuirá para reduzir as tensões e vai concentrar as atenções nas ações do Irã nesses dois países. O Paquistão nuclear continuará a preocupar pela instabilidade política.

As Nações Unidas, locus para a discussão de questões de paz e

Não bastasse a crise econômica, o mundo vive hoje um cenário político inquietante

de segurança, saíram desgastadas depois dos episódios na Líbia. A resolução aprovada permitindo medidas necessárias para proteger vidas humanas foi ampliada, sem autorização da comunidade internacional, pelos membros da Otan, liderados pelo Reino Unido e pela França, com a tácita cumplicidade dos EUA. Não só para interferir numa guerra civil, mas para caçar e matar Muamar Kadafi. A experiência líbia é o primeiro caso de aplicação do novo conceito estratégico de atuação de uma força da segurança global capaz de intervir em outros países com ou sem autorização do Conselho de Segurança. Estabeleceu-se perigoso precedente que poderá ser invocado a qualquer momento contra a Síria, o Irã ou outros países vistos como ameaça à comunidade internacional. O Brasil, que corretamente se absteve quando da aprovação da resolução sobre a Líbia, está apresentando proposta para limitar esse tipo de excesso, sugerindo que a preocupação da ONU seja não só no sentido de exercer a responsabilidade de proteger, mas também ao proteger.

Por outro lado, o pedido da Autoridade Palestina de ingresso como membro permanente da ONU, feito ao Conselho de Segurança, foi esquecido. Os EUA e Israel retaliaram, com corte de dotações orçamentá-

ria em função da participação no tratado das crises econômicas na Europa e nos EUA.

A crise europeia continuará a manter alta a temperatura política no continente, por causa da negociação de um novo tratado de responsabilidade fiscal e da possibilidade concreta de que outros países tenham de ser socorridos a fim de evitar a ameaça de rompimento do sistema monetário ou mesmo da união política do continente.

O G-20 continuará procurando se consolidar como um fórum para o exame da evolução da crise econômica e o dólar continuará a perder valor. A produção de petróleo não está aumentando, o que manterá os preços altos por muito tempo, acrescentando mais um elemento de pressão contra a volta do crescimento.

As demonstrações anticapitalismo, fruto da frustração da classe média, que surge como grande perdedora, espalhar-se-ão por diversas capitais e continuarão a exercer pressão sobre os principais centros financeiros, embora sem consequências práticas.

Os países emergentes, China à frente, continuarão a liderar o crescimento da economia global e deverão superar em 2012, em termos de produto interno bruto, os países desenvolvidos. O Brasil deverá ter seu crescimento reduzido pela crise. O comércio internacional deverá estagnar ou registrar uma expansão menor, em função da desaceleração econômica nos EUA e na UE e da restrição dos financiamentos a exportação.

Eleições em 24 países, inclusive nos EUA, na França, na China e na Rússia, definirão os novos líderes que terão de enfrentar os desafios impostos pelas incertezas e instabilidades.

Os EUA, no meio de uma continuada crise de confiança, de baixo crescimento e de aumento do desemprego, começam a se preparar para as eleições presidenciais. A campanha para as prévias, do lado republicano, mostra como o sistema político naquele país está disfuncional, com efeito negativo direto sobre o funcionamento do governo. O fator preocupante é que os neoconservadores – fundamentalistas falando inglês – estão de volta, com toda a força, e a reeleição de Barack Obama – que até aqui parece a melhor perspectiva – não está assegurada. A vitória de um candidato republicano certamente teria um impacto expressivo sobre o cenário político e econômico global.

LEO MARTINS



A síndrome do time reserva está de volta

Fluminense e Vasco anunciam times mistos ou reservas para o Estadual. E o Flamengo também acena com tal possibilidade, caso consiga de fato disputar a Libertadores. Sem querer ser pessimista, ou profeta, não seria um exagero afirmar que se os três insistirem com essa bobagem vão dançar na competição sul-americana, e mais, provavelmente também no campeonato local.

Sim, pois existem pelo menos cinco razões para não fazê-lo. A primeira: não há nenhuma necessidade de poupar ninguém – com raríssimas exceções – em início de temporada. Muito pelo contrário. O que há, sobretudo, é a necessidade de se entrar definitivamente em atividade.

A segunda: jogador de futebol é ser humano. E de folga prolongada engorda e perde o foco nas competições. A terceira: time nenhum ganha entrosamento com uma formação diferente a cada partida. A quarta: torcedor não se interessa por reservas, e assim, é claro, deixa de comparecer aos estádios, tirando a motivação de quem está em campo e gerando prejuízos para os clubes. A quinta: a eterna possibilidade de passar vexame diante dos pequenos.

É possível desfilear muitos exem-

plos de como essa prática de escalar mistões ajudou a perder títulos. Mas a derrota do Fluminense na Libertadores de 2008 parece ser a mais significativa. O clube chegou a lançar equipes quase que inteiramente formadas por juniores em pleno Brasileiro. No entanto, na hora da prorrogação, diante da LDU, no Maracanã, os jogadores que estavam teoricamente “descansados”, acabaram fi-

Fluminense, Vasco e Flamengo podem ir pelo cano no primeiro semestre

cando sem pernas. Nos pênaltis então nem se fala, apesar das trapalhadas do argentino Héctor Baldassi.

Os grandes esquadrões da história jogavam às vezes quatro partidas em uma semana. Muitos dirão que o futebol, naquela época, era mais cadenciado. É provável. Mas a qualidade dos adversários também era melhor do que a de hoje. Logo, também havia necessidade de muito esforço. Escalem reservas e entrarão todos pelo cano.

Sob instabilidade



Am. int. 2010

RUBENS BARBOSA

Onovo ano nasce sob a marca da instabilidade política, do cenário internacional, e da volatilidade e da incerteza, na área econômica. A democracia e o mercado estarão em xeque em 2012.

O mundo vive em sobressalto diante da crise econômica e financeira que se abate sobre os EUA e a União Europeia. Não bastasse isso, são igualmente inquietantes alguns sinais que, isolados, podem não parecer preocupantes, mas que, quando vistos em conjunto, adquirem um caráter de uma possível grave crise nos próximos meses.

O quadro mais complexo está no Oriente Médio. Permanece a possibilidade de um ataque, aberto ou por meio de ações clandestinas, às instalações nucleares no Irã. Notícias de que o Reino Unido e Israel prepararam-se militarmente para atacar o Irã diminuíram, mas não desapareceram, como evidenciado pela questão da passagem do petróleo pelo Estreito de Ormuz. A concentração de tropas norte-americanas no Kuwait e o lançamento bem-sucedido de mísseis de longo alcance israel-

ense e iraniano indicam que os preparativos de lado a lado se intensificam. Isso não quer dizer que o ataque seja iminente, nem que será levado a efeito, mas esses fatos ajudam a aumentar a tensão na área, agravada pelos ataques recíprocos Israel-Hamas, apesar da retomada das conversações. O estado de guerra civil na Síria contra o governo de Bashar Assad pode propiciar a repetição da fórmula utilizada pela Otan na Líbia. Para complicar ainda mais a situação, depois da queda dos regimes autoritários na Tunísia, no Egito, na Líbia, no Norte da África, a Primavera Árabe começa a se defrontar com as inevitáveis rivalidades internas. Questões tribais e religiosas afloram e ameaçam a transição para a democracia, podendo reacender focos de guerra civil. A retirada do Afeganistão e do Iraque das forças militares dos EUA não contribuirá para reduzir as tensões e vai concentrar atenção nas ações do Irã nesses dois países. O Paquistão nuclear continuará a preocupar pela instabilidade política interna.

As Nações Unidas, locus para a discussão de questões de paz e de segurança, saíram desgastadas depois

dos episódios na Líbia. O pedido da Autoridade Palestina de ingresso como membro permanente da ONU, feito ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, foi esquecido. Os EUA e Israel retaliaram, com corte de dotações orçamentárias, a decisão de entrada da Palestina na Unesco.

A crise europeia continuará a manter alta a temperatura política no continente pela negociação de um novo tratado de responsabilidade fiscal e pela possibilidade concreta que outros países tenham de ser socorridos a fim de evitar a ameaça de rompimento do sistema monetário ou mesmo da união política do continente.

A produção de petróleo não está aumentando, o que manterá os preços altos por muito tempo, acrescentando mais um elemento de pressão contra a volta do crescimento.

Os países emergentes, China à frente, continuarão a liderar o crescimento da economia global e deverão superar em 2012, em termos de PIB, os países desenvolvidos. O Brasil deverá ter seu crescimento reduzido pela crise. O comércio internacional deverá estagnar ou registrar uma ex-

pansão menor, em função da desaceleração econômica nos EUA e na União Europeia e da restrição dos financiamentos à exportação.

Eleições em 24 países, inclusive EUA, França, China e Rússia, definirão os novos líderes que terão de enfrentar os desafios impostos pelas incertezas e instabilidades.

Os EUA, no meio de uma continuada crise de confiança, de baixo crescimento e de aumento do desemprego, comecem a se preparar para as eleições presidenciais. A campanha para as prévias do lado republicano mostra como o sistema político naquele país está disfuncional, com efeito negativo direto sobre o funcionamento do governo. O fator preocupante é que os neoconservadores estão de volta com toda a força, e a reeleição de Obama — que até aqui parece a melhor perspectiva — não está assegurada. A vitória de um candidato republicano certamente teria um impacto expressivo sobre o cenário político e econômico global.

RUBENS BARBOSA foi embaixador em Washington (1999-2004) e é presidente do conselho de comércio exterior da Fiesp.

Os estaduais estão se autodestruindo

O futebol brasileiro nasceu e ficou forte com base nos campeonatos estaduais. Logo, a extinção deles, como defendem alguns, seria a quebra de uma longa tradição e o esfriamento das rivalidades regionais, fundamentais para que o interesse do torcedor permaneça aceso. Mas não dúvida que tais competições precisam de reformulação. Precisam, acima de tudo, tornarem-se mais racionais, sobretudo enxutos, principalmente para os maiores investidores, que são os clubes grandes.

Houve uma época – e queiram os mais jovens acreditar – que os estaduais tinham mais importância que os campeonatos nacionais e até internacionais. E para que se tenha uma ideia da falência do modelo atual, com times e jogos demais, e de como a audiência diminuiu, vai aqui uma comparação entre tempos distintos.

Os 20 jogos dos quatro grandes no Carioca de 2012, incluindo os dois clássicos, tiveram um público pagante total de 83.440 pessoas, com média de 4.172 por partida. Não houve nenhuma com mais de

nove mil pagantes! Pois só na primeira rodada da edição de 1982, ou seja, em uma época em que a competição durava seis meses e era o verdadeiro xodó do torcedor, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, jogando contra pequenos, reuniram 53.509 pagantes, média de 13.377 torcedores que pagaram ingresso.

Reformulação no sistema de disputa é necessária, mas como fazê-la é o problema

E quando se fala em enxuto, vale lembrar que em 1982 o Campeonato Carioca tinha apenas 12 clubes, e que América e Bangu disputavam efetivamente o título com os quatro grandes – o que também não acontece mais – tanto que o time de Campos Sales jogou o triangular decisivo.

O que se pergunta então é: como seria a tal reformulação? Passa por caminhos distintos. Mas isso já assunto para uma próxima coluna.

PEDRO DORIA



As escolhas de cada dia

• Na semana passada, o link para o vídeo de um rapaz que teve a mandíbula arrebatada por tiro ou explosão em Homs, na Síria, circulou pelo Twitter. É uma imagem dura de ver, violência do tipo que o cinema não é capaz de fazer sentir ou que adjetivos são inúteis para expressar. É um nível de violência que nós, jornalistas, temos por hábito não apresentar aos leitores. Mídias sociais romperam este filtro. E isso levanta, na imprensa, um debate difícil e profundo.

A Síria está fechada. Isolado até pelas ditaduras suas vizinhas, o regime de Bashar al-Assad está combatendo de forma brutal o levante surgido no país por conta da Primavera Árabe. A imprensa internacional tem pouco acesso. Equipes entram e saem da Síria, pois há risco. Mais do que em qualquer outro cenário da Primavera, é via e-mail, Twitter e Facebook que detalhes do que ocorre chega a todos nós.

O programa de rádio On The Media, da Rádio Pública Nacional dos EUA (NPR, na sigla em inglês), dedicou parte de seu programa de sexta-feira a um debate entre dois jornalistas tarimbados tanto na cobertura de política internacional quanto na de mídias sociais. São Andy Carvin, da própria NPR, e Neal Mann, da britânica SkyNews. O primeiro distribuiu para seus leitores o vídeo; o segundo preferiu não fazê-lo.

Cobrir as revoltas populares árabes pelas mídias sociais parece simples. Não é. Carvin e Mann, ao longo do último ano, vêm cultivando fontes. Descubrem usuários no Twitter com informações que parecem interessantes, fuçam para descobrir quem são, conversam com eles por Skype ou telefone quando possível, põem em quarentena. Só quando em um caso após o outro veem as informações se confirmar é que classificam a fonte como sendo confiável. O mesmo vale para usuários do YouTube que publicam vídeos. Ambos têm redes sofisticadas de contatos nos países de norte da África e Oriente Médio, todas criadas via internet.

Para ambos, o rapaz com a boca estourada foi um dos pioneiros vídeos que já viram. Mann decidiu que sofrimento, num nível assim tão cru e intenso, não trazia informação nova que justificasse a publicação. Não deu retweet, muito menos sugeriu que o filme fosse exibido em um dos noticiários de seu canal. Porque, às vezes, violência pura é só isso: violência pura, nada mais. Guerras são intensas, cruéis, brutais. A situação nas ruas sírias não fica mais clara para leitor algum da internet só porque uma imagem chocante foi assistida.

Carvin enviou para seus seguidores no Twitter o link para

Cobrir as revoltas populares árabes pelas mídias sociais parece simples. Não é

o vídeo. Deixou claro que ela não era apenas "gráfica". Que era o vídeo de "um rapaz que teve a boca explodida", que era "uma abominação". Quem escolheu clicar sabia o que iria encontrar. O jornalista tomou a decisão de divulgar por algumas razões. A primeira que já estava circulando amplamente, às vezes sem o alerta para a forte natureza da imagem. Segundo porque guerras são brutais, muitas vezes, escolhemos não perceber o que "brutal" realmente quer dizer.

E havia um motivo ainda mais forte. Carvin é tão bem informado que tem leitores atentos em toda a região. Horas após divulgar o filme, já havia equipes de reportagem a postos nas fronteiras com a Turquia e com o Líbano, clua-se aí cirurgiões especializados em reconstrução de faces. Porque a notícia veio do jornalista, porque Carvin seguiu detalhes sobre o rapaz com sua rede, uma mobilização que poderia tê-lo salvo ocorreu.

Não deu tempo. O rapaz não sobreviveu às horas seguintes e não houve resgate.

O jornalismo profissional não é mais a única fonte de informação sobre grandes crises. Sem edição ou filtro, uma nova qualidade de notícia chega ao público. Tanto Mann quanto Carvin estão certos em suas decisões. Brutalidade não traz necessariamente informação nova ou clareza sobre uma crise. E informação para as pessoas certas pode contribuir para salvar vidas.

Não é só no modelo de negócios que a internet provoca uma reflexão sobre mudanças dentro das redações. O modelo está mais próximo de todos nós e isso faz com que as decisões se tornem, às vezes, ainda mais difíceis. (Leia mais sobre Síria na página 29).



Preços predatórios

Depois de passar nove anos defendendo religiosamente o achatamento dos preços dos combustíveis no Brasil, José Sergio Gabrielli, ainda na condição de presidente da Petrobrás, passou a admitir que essa política é “insustentável”.

Em entrevista ao jornalista Fernando Dantas (**Estadão** de 12/2), Gabrielli acabou por reconhecer os prejuízos desse jogo. No entanto, ao denunciar publicamente o problema, não foi tão fundo quanto deveria ter ido.

Essa é uma política populista, à *Argentina*, suicida a longo prazo, sustentada com o caixa da Petrobrás. O governo determina o represamento dos preços dos derivados de petróleo (em especial, gasolina, óleo diesel e querosene de aviação) supostamente para não provocar irritações no consumidor e,

assim, facilitar o jogo político. Com isso, provoca graves distorções.

A primeira delas é o aumento artificial do consumo, graças ao pagamento de parte da conta do consumidor pela Petrobrás. Como está no último Relatório da Petrobrás, ao longo de 2011, o consumo (vendas) de gasolina no Brasil cresceu 20%; o do óleo diesel, 9%; e o do querosene de aviação, 12% (Veja o **Confira**). Enquanto isso, o PIB avançou apenas 2,7%, como apontam as estimativas.

O próprio Gabrielli menciona uma segunda distorção: o desvio desses produtos subsidiados para o exterior – e não se trata aqui só das cidades de fronteira, onde o consumidor estrangeiro prefere se abastecer nos postos brasileiros. “Se a Petrobrás continuar com essa política e o preço internacional continuar nesse patamar” – disse Gabrielli –, “vai haver um processo irracional e ilógico de alguns dis-



FABIO MOTTA/AE

Graça Foster. Estancar a hemorragia

tribuidores comprando derivados da Petrobrás e exportando.”

Uma terceira distorção é a necessidade de importar derivados a preços cada vez mais altos para completar o suprimento nacional e, ao mesmo tempo, a revenda desses mesmos derivados no mercado interno a preços mais baixos. Esse foi, no último trimestre, um dos principais fatores que explicam os maus

resultados da Petrobrás.

Os problemas não param aí. Além de provocar consumo artificial, essa política está solapando as bases de outro setor promissor no Brasil, o do etanol. Com queda da produção por dois anos consecutivos, o setor do açúcar e do álcool está se descapitalizando, porque a tecnologia *flexfuel* embutida nos veículos leva o consumidor a optar pela gasolina cada vez que o preço do álcool ultrapassa 70% do preço da gasolina. Mais uma vez, elevam-se artificialmente o consumo de gasolina e as perdas da Petrobrás.

Não fosse preciso fazer caixa para enfrentar investimentos totais de US\$ 224,7 bilhões até 2015, a Petrobrás poderia continuar a pagar indefinidamente boa parte da conta do consumidor. No entanto, essa política predatória iniciada no governo Lula e mantida no governo Dilma está debilitando a Petrobrás, que já não vem dando conta de toda carga imposta pelo novo marco regulatório do pré-sal.

A nova presidente da Petrobrás, Graça Foster, empossada ontem com a missão de reforçar a “governança meritocrática” da empresa enfrenta agora o desafio de estancar essa hemorragia que a administração anterior não quis ou não teve forças para reverter.

*

OUÇA DIARIAMENTE CELSO MING NA RÁDIO ESTADÃO ESPN

A vontade de viver

JAIRO MARQUES

Quem sou eu para projetar fracasso naquele 'serumano' que, aos meus olhos, só vive deitado em uma cama

A vontade de viver é tão ou mais poderosa do que a obstinação dos que desejam morrer. Mas reconstruir-se demanda, evidentemente, muito mais mão de obra, cimento e rejunte do que botar tudo abaixo.

Talvez por isso haja um certo ceticismo quando se vê o desafio dos que têm "um câncer terrível", a recuperação do velho que foi internado, a renovação do cotidiano, do agora tetraplégico garotão que mer-

gulhou de cabeça naquele riacho durante o Carnaval (mergulhe sempre, sempre em pé, em lugares que não conheça).

Mas é necessário considerar que a vontade de viver corre risco de sucumbir se for amparada apenas no desejo de si mesma, apenas nas moderníssimas práticas médicas de restabelecimento.

Para elevar os 5% de condições de sobrevivência para um patamar de menos aflição —para a família, para os amigos, para os próximos—, é preciso aceitar a força de elementos nem sempre mensuráveis, como a dose de morfina que irá amenizar a dor.

adiante na concepção comum.

Acontece que, nas análises da realidade alheia, costuma-se deixar de lado um valor básico: a vontade de continuar, de viver. Quem sou eu para me dar o direito de projetar fracasso e angústia naquele "serumano" que, aos meus olhos, só vive deitado em uma cama?

Juntem-se a isso práticas da medicina tão modernas que são capazes de drenar, devagarinho, o sangue que ameaçava as sinapses, curativos potentes que refazem a pele, aparelhos que estimulam o corpo da tal garota lá do primeiro parágrafo, que, apesar de todos os indicativos de morte, está viva.

NO RELATÓRIO médico, não havia vacilo nem piedade: "São 5% as chances de sobrevivência. Funções vitais mantidas por aparelhos".

A jovem vítima tinha um coágulo no cérebro, fraturas na coluna, machucados profundos pelo corpo, o sistema respiratório comprometido.

Por fim, mergulhada em estado de coma. Se existisse algo que pudesse representar o "praticamente morta", seria ela.

Quantas vezes já me peguei dizendo ou pensando que seria melhor que aquele cidadão, cheio das dores, das impossibilidades, das dependências e das urgências médicas, pedisse para desistir da brutal batalha por seguir adiante. Não vale a pena tanto sacrifício...

Viver bem tem de implicar valores óbvios que, quando não encontrados na panela, na conta bancária ou no esqueleto, tornam o indivíduo muito vulnerável para seguir

Então, é fundamental junta-te em torno da fé no possível (com energias, tanto faz). E, atualmente, com o mundo conectado em um só lugar, unir as pessoas em torno de um propósito legítimo me parece bem menos complicado. É preciso voluntariamente que ceda disposição para ser um cidadão daquele que não possui esse ou aquilo.

As fatalidades vão continuar acontecendo —valem os alertas sobre a velocidade, a bebedeira, os excessos no feriadão—, as doentes vão seguir acometendo pessoas vulnerabilidades em decorrência das doenças vão bater à porta. Mas sempre tem quem aposta que a vontade de viver tem de ser reverenciada e protegida sob qualquer condição.

jairo.marques@grupofolha.com.br

@ assimcomovc

AMANHÃ EM COTIDIANO

Antonio Prata

O DANO já causado ao conceito do Poder Judiciário, a meio da revelação de altos movimentos financeiros de magistrados e outros servidores, vai aumentar em futuro próximo com esperadas constatações. Ainda assim, a peculiaridade desse Poder tende a confirmar-se: o Judiciário é o único dos Poderes em que podem ir a fundo as investigações em si mesmo.

A reação de juízes a investigações da corregedoria, na pessoa impetuosa de Eliana Calmon, e do próprio Conselho Nacional de Justiça, proporcionou a extensão, sobre o Judiciário sem distinções, do dano consolidado pela opinião pública. E da perda dos seculares cuidados com que os meios de comunicação poupavam dissabores ao Poder temido acima de tudo.

No setor da comunicação, sempre foram raros os controladores e as empresas isentos do risco de ini-

ciativas ou decisões judiciais devastadoras. Um título de jornal sem direito claro ao uso, propriedade estrangeira, conflitos acionários, e um colar quilométrico nesta linha.

A do Judiciário, em relação ao Executivo e ao Legislativo, provém de três ingredientes. A indignação de juízes, com grande presença das gerações mais recentes, que pressionam contra os desmandos e as improbidades; a Procuradoria-Geral da República, nas fases em que pratica sua independência, e as congêneres estaduais; e a linhagem dos advogados que elevam a OAB, com frequência, à estatura de reserva vital para a preservação das

Não se trata de expor nomes de juízes sem prova, mas de não acobertar o que já está constatado

demaís instituições.

Já no Executivo e no Legislativo, o enfrentamento dos casos comprometedores choca-se com a combinação de duas adversidades: o corporativismo, bem irrigado pelo sentimento do "amanhã posso ser eu ou um dos meus", e o fator predominante que é a política. No choque, tudo acaba em nada.

(Não resisto a registrar o que me ocorre agora, com asco pelo episó-

O caso vai avançar

JANIO DE FREITAS

dio e pela pessoa: o próprio presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, foi surpreendido extorquindo, mais uma vez, o dono de um restaurante instalado no Congresso mesmo — e em vez de ir para a cadeia, saiu para eleger-se prefeito no interior de Pernambuco.)

A OAB inicia a sua passagem, na polêmica sobre o CNJ e sua corregedoria, dos pronunciamentos para as ações, propriamente.

Wadih Damous, presidente da OAB-RJ, tem o primeiro ato, com o requerimento, à presidência do Tribunal Regional do Trabalho-RJ, da identidade do seu integrante

que em 2002 movimentou R\$ 2 milhões.

Outras providências se seguem logo, seguem-se novas revelações aos poucos fatos e muito escândalo atuais.

O requerimento de Damous tem pleno sentido. Governador, ministros, senadores, deputados, prefeitos não têm o seu nome publicado em casos muito menos aborrecidos.

A Constituição, as leis e os regulamentos não poupam os nomes de juízes devedores de explicações, quéritos e processos. Acomodação no silêncio é favorecimento inconstitucional. Não se trata de expor sem prova, mas de não acobertar o que já está constatado.

O nome e a explicação deviam pelo TRT-RJ são muito propícios para sair-se da polêmica e entrar providências que reponham o Judiciário no seu lugar.

Maratona no Pantanal

Foram seis horas de voo em avião comercial (com quatro conexões) até chegar a Corumbá, em Mato Grosso. De lá, mais 50 minutos em um Cessna monomotor sobrevoando o Pantanal Mato-Grossense. No dia seguinte, passamos horas numa voadeira, pequeno barquinho que, como o próprio nome diz, voa pelas águas do Rio Paraguai. O objetivo foi fazer uma reportagem discutindo os motivos que levam as empresas a criarem as RPPNs (Reserva Particular de Patrimônio Natural), hoje já uma tendência nacional: no Brasil existem 1.066. A matéria está na capa do caderno Razão Social que está circulando hoje junto com esta edição.

A editora **AMELIA GONZALEZ** e o repórter-fotográfico **MARCELO PIU** enfrentaram a maratona durante dois dias, a convite do Grupo EBX, uma das empresas que têm uma unidade de conservação no Pantanal, e aproveitaram para conversar com as pessoas que moram num dos locais mais bonitos e inóspitos do país. A experiência foi marcante:

— A natureza é extasiante, de um colorido como eu nunca vi. E expulsa o homem. É impossível ficar ao ar livre, mesmo que seja apenas para apreciar bichos e plantas, sem ter um repelente contra os insetos, um bloqueador solar contra o sol quentíssimo e até um lenço úmido, porque tem sempre mato queimando, quer seja por combustão espontânea, quer seja pela ação do homem. Mesmo assim, ali moram pessoas que convivem com toda essa aspereza e de lá não querem sair — disse **Amelia Gonzalez**.

Um dos momentos mais emocionantes foi quando **Marcelo Piu** conseguiu flagrar o revoar de gaivotas num dos bancos de areia que se formam nesta época de seca. O movimento é nítido: os machos voam para tentar assustar quem chega perto, enquanto as fêmeas ficam protegendo os ninhos e seus filhotes:

— Nunca tinha visto uma cena tão bonita. Fiquei fascinado, usei vários equipamentos. Eu me senti numa espécie de Parque dos Dinossauros — disse **Piu**.

Trabalho, competitividade e escolhas do País

JOSE PASTORE



Segundo dados publicados no **Estadão** de 23/12/2011 e referentes a 2010, o custo do fator trabalho na indústria brasileira é um dos mais baixos entre os 34 países normalmente estudados pelo Ministério do Trabalho dos Estados Unidos. No Brasil, o salário/hora médio do setor manufatureiro ficou em torno de US\$ 10. Nos Estados Unidos, foi mais de US\$ 34; na Holanda, US\$ 40; na Alemanha, US\$ 44; e na Noruega, US\$ 57 (todos com encargos).

Nessa comparação, a indústria brasileira estaria em condições de competir no campo do trabalho com larga margem. Ocorre, porém, que os países que mais nos incomodam (tirando do Brasil milhões de bons empregos) não são esses, e, sim, os que têm custos trabalhistas inferiores, em especial do Leste Europeu, da Ásia e da América Central. O salário médio industrial da Estônia, que tem alto nível de educação e de produtividade, é menor que o brasileiro – US\$ 9,47 por hora; na Hungria é de US\$ 8,40; em Taiwan, US\$ 8,36; na Polônia, US\$ 8,01; no México, US\$ 6,23; nas Filipinas, US\$ 1,90; e na China, US\$ 1,36 (Bureau of Labor Statistics, *International comparisons of hourly compensation costs in manufacturing*, Washington, 2011).

O Brasil compete pouco com os países de alta sofisticação tecnológica e elevada produtividade do trabalho como é o caso da Alemanha, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Japão, Inglaterra e outros. A concorrência é acirrada com as nações emergentes.

O Brasil ocupou o segundo lugar entre os países que tiveram maior aumento de salário entre 2009 e 2010, superado apenas pela Argentina. O custo do trabalho foi afetado também por um rápido aumento dos benefícios negociados, dos pisos salariais e das despesas criadas por intervenções do Estado, como é o caso do aumento do seguro de acidentes, das cobranças de contribuições sociais sobre verbas indenizatórias, das incertezas dos nexos causais nas doenças profissionais, das licenças ampliadas, do novo aviso prévio, da insegurança do trabalho a distância e terceirizado e várias outras.

É verdade que persiste entre nós um forte dualismo: uma parcela imensa da força de trabalho ganha pouco e trabalha na informalidade. Mas, no campo industrial, essa parcela é pequena e cadente. Ali, os profissionais especializados usufruem salários e benefícios que vão muito além da média de US\$ 10.

Para o setor industrial o Brasil deixou de ser competitivo no campo do trabalho. Em certa medida isso vale também para o setor agrícola e o de serviços quando se trata de profissionais qualificados e que dominam as tecnologias modernas.

Os últimos dados sobre os Estados

Unidos revelam que o setor privado vem reduzindo salários de admissão não só por força da crise, mas também para atrair de volta uma parte dos empregos que foram para a Ásia. Ao longo de 2010 foram muitas as novas contratações por US\$ 12 a US\$ 19 por hora, ante US\$ 21 a US\$ 32 dos empregados mais antigos. Isso ocorre até na indústria automobilística, que sempre foi o paraíso dos altos salários. Os americanos entenderam ser melhor perder alguns dólares nos salários para reter vários milhões de empregos. Esse foi o tema de uma série de artigos bem documentados do *The New York Times* e que recebeu o sugestivo título de *Working for less*.

A continuar no ritmo atual, o custo do trabalho no Brasil vai se aproximar do dos Estados Unidos, podendo até ultrapassar, quando se levar em conta o diferencial de produtividade. Muitos já dizem que, em vários setores, o custo unitário do trabalho está mais alto no Brasil do que na América. Estamos diante de um quadro em que a “generosidade” das leis, das ações sindicais e das sentenças judiciais se transforma rapidamente em prejudicial perversidade. Este é um tempo de escolha. Não devemos desprezar as lições dos países em crise.

*

PROFESSOR DA FEA-USP, MEMBRO DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS, É PRESIDENTE DO CONSELHO DE EMPREGO E RELAÇÕES DO TRABALHO DA FECOMÉRCIO DE SÃO PAULO. SITE: WWW.JOSEPASTORE.COM.BR

Sonho e pesadelo nos jogos da CBF

O calendário da Seleção Brasileira para os primeiros seis meses de 2012, confirmado quinta-feira passada pela CBF, deixa evidente que há uma conivência dos dirigentes dos principais clubes do país com a entidade. Francamente, não é possível que eles possam aceitar de forma pacífica essa agressividade, sem qualquer reação.

O clube faz um esforço extraordinário para manter uma infraestrutura profissional, investir em reforços de alto nível e resistir ao assédio estrangeiro sobre os craques. E os entrega de mão beijada à CBF para amistosos de pouca importância, sofrendo prejuízos significativos, dentro e fora do campo, permitindo que o Brasileirão seja diretamente afetado, como andou ocorrendo em algumas rodadas de 2011.

A não ser, é claro, que a entidade tome a providência sensata de convocar apenas jogadores que atuam no exterior, como também aconteceu no fim do ano, até muito mais pelas críticas excessivas da mídia do que por protestos dos clubes.

Outro detalhe: vale ressaltar, ainda, o comentário de André Kfou-

ri, na edição de sexta-feira do LANCE!: “a CBF está jogando a Seleção contra quem gosta de futebol, prejudicando os dois lados.” Pois é. Além dos amistosos que atrapalham o Brasileiro, a entidade continua afastando a equipe do torcedor, realizando todas as partidas no exterior, com apenas uma mudança: sai

A entidade continua afastando a equipe do torcedor com jogos no exterior

a Inglaterra e entram os EUA. Enquanto a CBF promove o sonho americano, o povão daqui vive o pesadelo de tentar acompanhá-la com frieza e sem muito interesse. Como disse o André.

CARAVANA

Quem pretende acompanhar o Flamengo em Potosí procure o Moraes no site historiadetorcedor.com.br ou pelo telefone 2245-5516. Última chamada.

NO SOFÁ

KEILA JIMENEZ

O QUE o Carnaval e a F-1 têm em comum na TV? Quando um carro bate, a audiência aumenta. Telespectador sonolento quer peladas e tragédia. Desfile impecável dá sono. Mais ainda na Globo.

Na Band, Adriane Galisteu, de africana albina, erra no decote. Linda, mas sem comissão de frente suficiente para a alegoria.

Desfile de Carnaval para quê? A folia na Rede TV! é um mundo à parte

Por favor, avisem o Luís Roberto, na Globo, que Marisa Monte e Vanessa da Mata são cantoras de MPB, desfilaram na Portela, mas não são a mesma pessoa.

Celso Portioli, no SBT, faz uma revelação bombástica: “Sou chicleteiro, sim!”. Não

quero pensar nisso.

Mas nada supera os repórteres especiais dos “Bastidores do Carnaval”, na Rede TV!. “Vira o rabinho aí, que é o que o brasileiro quer ver”, ordenava a transexual Ariadna às foliãs. Finaaaaa.

Mais feliz que gari sendo filmado na Sapucaí, Dr. Roberto Rey, comentarista da Rede TV!, dançou funk, apalpou a mulherada e fez consultas em rede nacional. “Prótese do bumbum é como ter duas carteiras para sempre no bolso de trás da calça”, ilustrava, enquanto desenhava nas nádegas de uma animada cobaia loira candidata à Panicat. Ih, filhinha, veste a calça. O “Pânico” agora está em outro canal.

PEDRO DORIA



Privacidade para quê?

• Nas últimas semanas, uma série de notícias que tratam de privacidade na internet encheu as páginas de jornais. Duas se destacam. Uma é a de que o Google puxaria informação não autorizada de quem usa o browser Safari, comum em computadores Macintosh, iPhones e iPads. A outra é de que vários apps de iPhone, incluindo Foursquare, Facebook e Twitter, carregam para seus servidores dados da agenda telefônica de seus usuários. As notícias estavam aqui no GLOBO, no argentino "Clarín", no "New York Times", no "Guardian" londrino. É tema recorrente, dá sempre uma boa manchete. Mas, quando as notícias sobre quebra de privacidade na internet começam a se proliferar, a pergunta se torna obrigatória: não será muito barulho por nada?

No caso do Google, a história foi publicada em primeira mão pelo diário americano "Wall Street Journal". O Safari permite

a seus usuários que estabeleçam certos níveis de privacidade como, por exemplo, bloquear que sites rastreiem por onde o leitor navega na rede. Com a intenção de tornar a rede social Google+ mais útil, a trupe de engenheiros achou por bem ignorar o desejo do usuário. O Google alega que quem se inscreveu em sua rede social quer poder dizer que curtiu um determinado artigo ou foto nalgum canto da internet. Dizem, também, que rastrear a navegação é uma definição complicada. O Google não estaria armazenando cada detalhe. Apenas estaria constantemente lembrando que aquele sujeito que lê aquele artigo naquele momento é o mesmo que responde por um cadastro específico no Google+. Não é um anônimo.

O caso dos apps que puxam o caderno de endereços de seus usuários é semelhante. Foi o site The Next Web que descobriu esta. Sem avisar qualquer um, estes aplicativos copiam sua lista de contatos, telefones, endereços e e-mails. Armazenam tudo, em alguns casos sem encriptação, nos seus servidores. Esta informação, em apps de mídias sociais, é útil. É a partir desta lista de contatos que uma rede pode informar quando um conhecido se logou pela primeira vez e que está à disposição para uma amizade virtual.

O microescândalo forçou a Apple a mudar sua política de privacidade. Dois deputados americanos também convocaram executivos da empresa a prestar explicações. Na ponta do Google, o sistema de buscas está em meio a uma complexa mudança de sua própria política. Impossível entrar em qualquer um de seus serviços — a própria busca, Gmail, YouTube etc — sem que uma mensagem não salte aos olhos: estamos mudando nossa política de privacidade, quer ler so-

Google, Apple, Facebook: todas continuarão a forçar a barra para ter mais informação sobre nós

bre ela? O desejo da empresa é, por um lado, simplificar e, por outro, unificar. Chega de cada site de sua constelação ter um jeito próprio de lidar com a questão.

A internet botou a questão da privacidade na mesa e, ao menos de alguns setores, a pressão para evitar violações está forte. Só que redes sociais são úteis justamente porque há muita informação nossa lá. Somos ingênuos. Não percebemos o quanto estamos compartilhando sobre nós mesmos nestes serviços. Porém, achamos estes serviços úteis. E a verdade é que, entre o anúncio e a indignação, não houve

qualquer movimento de boicote a Google, Safari, iPhone ou Facebook. Ninguém quer abrir mão destas ferramentas.

Estamos vivendo uma nova fase da história da internet. É agora que os novos limites entre o público e o privado serão estabelecidos. E somos nós, coletivamente, que ditaremos as normas futuras. Aquilo que realmente causar indignação será cancelado. Estas empresas todas, porém, continuarão a forçar a barra. Em alguns casos, isso é bom. Quanto mais estivermos presentes, de peito aberto, na rede, melhor seu potencial de aproximar pessoas e resolver problemas. Noutros casos, a exposição terá consequências nocivas.

Não é grave que decidamos abrir mão de alguns pontos de privacidade. De repente, é útil que alguns aplicativos conheçam nossa lista de contatos. É responsabilidade destas empresas zelar pela proteção destes dados, mas, fora isso, nos prestam bons serviços se tiverem tudo isso em mãos. O grave é que, constantemente, estamos tomando estas decisões de abrir mão de limites ignorando que uma decisão foi tomada.

E, aparentemente, é assim que continuará sendo nos longos anos por vir.

Os Estaduais vão se autodestruir (II)

Voltamos hoje a falar da falência dos estaduais. E do que fazer para salvá-los a partir de 2013. A princípio, parece que seria necessária uma grande discussão, da qual deveriam participar os maiores interessados na questão – dirigentes, treinadores e demais integrantes de comissões técnicas, jogadores, jornalistas esportivos, representantes de torcidas e até políticos, pois cada um desses segmentos tem um pouquinho de culpa nessa decadência.

Vejam um exemplo de equívoco: praticamente um terço do público que acompanha por exemplo o campeonato do Rio é de gente que entra nos estádios sem pagar – idosos, portadores de necessidades especiais, menores, proprietários de camarotes e de cadeiras cativas, tribuna de honra, tribuna desportiva e principalmente cortesias de entidades e dos clubes – em função da lei da gratuidade, criada pelos políticos, que também precisa ser revista.

Para que vocês tenham uma ideia, aí vão os números dos clássicos realizados até agora. Flamengo

e Botafogo jogaram para 8.863 pagantes e 3.576 gratuidades. Vasco e Fluminense para 7.622 e 2.794.

Logo, parece que os Estaduais precisam antes de tudo da valorização dos próprios cartolas, que vivem esvaziando os estádios, pregando que os campeonatos “não va-

No Rio, semifinais da Taça Guanabara no pós-Carnaval esvaziam os jogos

lem nada”, escalando equipes reservas e juniores para várias partidas, e pior, desvalorizando os clássicos.

Amanhã e quinta, também no Rio, mais um erro: as semifinais da Taça Guanabara na semana pós-Carnaval, muitos ainda com a cabeça no samba, outros chegando de viagem, tremendo fim de mês, quase todos sem dinheiro. Assim, vale mais uma vez o aviso: se não ocorrer uma reformulação, os estaduais se autodestruirão.

Adadeiro patrimônio nacional. Quem afirma é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no prefácio de belíssimo livro lançado recentemente por Araquém Alcântara e Manoel Beato. Em tempos de carnaval, cabe homenagear a mais brasileira das aguardentes.

Fama de cachaceiro Fernando Henrique não carrega. Mas, como sociólogo, argumenta ser a cachaça “parte antiga” da História brasileira, peça importante da cultura ligada aos caboclos da terra. Por esse motivo, aliás, o Decreto 4.062/2000, de sua lavra, define o termo “cachaça” como vocábulo de origem exclusivamente brasileira. O ato oficial procurou, na época, impedir que os Estados Unidos incluíssem a bebida, por interesses comerciais, na mesma categoria do rum. Nada a ver.

Elaborada a partir da fermentação do caldo da cana-de-açúcar, a cachaça surgiu nos rudimentares engenhos logo após o Descobrimento. Quem a apreciava eram os escravos e colonos, enquanto a elite da época, é óbvio, tomava vinhos e se embriagava com a bagaceira – um destilado de uva, semelhante à cachaça – trazida de Portugal.

O ciclo da mineração nas Minas Gerais, deslocando o eixo econômico e populacional para o Sudeste do Brasil, parece ter trazido estímulos ao consumo da aguardente de cana-de-açúcar. Uma das razões estava no clima, mais frio nas serras mineiras do que na Zona da Mata nordestina. Uma mordida na rapadura, um gole da branquinha ajudavam a aguentar a dureza do trabalho e a espantar a friagem noturna.

A preferência popular – e o preço barato – permitiu à caninha conquistar fatias mais amplas da sociedade colonial, atrapalhando os vendedores portugueses da bagaceira. Estes pressionaram a Corte a proibir por aqui, em 1659, a produção e o consumo da aguardente de cana. Tudo em nome da ordem, é claro. A esdrúxula medida provocou revolta na colônia e a proibição acabou revogada poucos anos depois.

Pesadas taxas de arrecadação foram tentadas para sufocar a produção, mas tampouco se efetivaram na prática. Não houve o que segurasse a expansão dos alambiques. Sinônimo de brasilidade, a cachaça mais tarde frequentaria a mesa dos Inconfidentes, virando símbolo de resistência contra a dominação portuguesa. Na Semana de Arte de 1922, ganhou status de modernidade.

quebra-goela, água que passarinho não bebe, uca – esta comum nas palavras cruzadas. Qualquer uma delas surge da fermentação do caldo da cana-de-açúcar por uma levedura (*Saccharomyces cerevisiae*). Existe, porém, uma diferença básica no modo de produzir, diferenciando o processo artesanal da fabricação industrial.

Nas destilarias artesanais, o mosto, ou garapa da cana, é fermentado naturalmente e colocado em alambiques de cobre, onde o calor promove a evaporação, com a consequente condensação, da bebida destilada. Especialmente por causa dos trabalhos de certificação de origem

Em tempo de carnaval, cabe homenagear a mais brasileira das aguardentes

mineira, nos últimos anos, cachaça passou a se denominar essa aguardente pura, oriunda de pequenos empreendimentos. Estima-se existirem 40 mil produtores de cachaça artesanal no Brasil.

Eles utilizam técnicas variadas para criar a marca característica da sua cachaça. Alguns colocam quirera de milho no fermento, outros utilizam arroz. A variedade da cana plantada, bem como do solo e do clima regional também influenciam no *terroir*, tal qual ocorre nas vinícolas.

Quem é da roça sabe que nas alambicadas caseiras os bons produtores desprezam a “cabeça” da aguardente, porque o início da destilação gera uma bebida com álcoois superiores, ficando muito forte. A “calda”, parte final do processo, também não se presta, pois começa a ficar muito aguada. Aproveita-se, então, apenas o “meio”, ou o “coração”, que representa 80% do caldo fermentado.

Nenhuma dessas manhas se utiliza nas grandes empresas. A pinga delas originada sai da destilação contínua em colunas de aço inox, semelhantes às usadas na fabricação do etanol combustível. Além do mais, a aguardente é estandardizada com açúcar e outros agentes químicos, visando a adquirir padrão comercial. As marcas famosas existentes – Tatu-zinho, 51, Velho Barreiro, entre outras – abastecem 75% do volumoso mercado nacional, estimado em 1,3 bilhão de litros por ano.

atras por habitante/ano. Uma boa dose.

Desde antigamente, e até hoje, a bebida alcoólica representa fonte de energia barata para a população mais pobre do País. Lembro-me, no final da década de 1970, dos estudos pioneiros coordenados pelo professor Dutra de Oliveira, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto, que mostravam a ingestão de pinga como fonte importante de energia para os combalidos boias-frias daquela região. A realidade continua.

Infelizmente, a pinga nacional ajudou a causar uma disfarçada doença que afeta 30 milhões de brasileiros: o alcoolismo. Essa desgraça representa, com certeza, a pior, pela extensão do problema, das nossas tragédias familiares. O crack, a maconha e as demais drogas ilícitas são terríveis. Mas o alcoolismo, legalizado, destrói as pessoas, causa violência contra mulheres e crianças no lar, mata no trânsito. Acaba com o cidadão.

Apreciar uma boa cachaça, seja no carnaval, seja no churrasco com os amigos, não envergonha ninguém, nem mal faz à sociedade. Mas beber socialmente, como se diz, não pode servir para esconder o drama do alcoolismo, um mal que precisa ser reconhecido e combatido.

Maldita pinga.

*
AGRÔNOMO, FOI SECRETÁRIO DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO. E-MAIL: XICOGRAZIANO@TERRA.COM.BR

SINAIS PARTICULARES



Mahmoud Ahmadinejad

No front

As notícias sobre o confronto começaram a chegar cedo à Redação do GLOBO no Rio, primeiro pelas redes sociais. De plantão, a editora assistente de O País **MAIÁ MENEZES** acionou a sucursal de São Paulo e pediu que mandasse imediatamente uma equipe para o local. Ao chegar lá, a repórter **MARCELLE RIBEIRO** e o repórter-fotográfico **MARCOS ALVES** encontraram moradores revoltados, clima de guerra nos bairros próximos à área conhecida como Pinheirinho, na Zona Sul da cidade paulista de São José dos Campos, confrontos com bombas de gás e tiros de borracha usados pela PM. Carros tinham sido incendiados pelos invasores.

Havia dois mil PMs na área.

No terreno, que pertence à massa falida da empresa Selecta, do investidor Naji Nahas, viviam cerca de 1.600 famílias (5.500 pessoas), segundo a prefeitura. No domingo, os barulhos de bomba eram ouvidos a todo instante, e restos de carros incendiados estavam espalhados pelas ruas. Ontem, os barulhos de bombas eram menos frequentes, mas o vandalismo continuava: uma biblioteca e um caminhão foram incendiados em plena luz do dia. Numa igreja, centenas de ex-moradores do local. No complexo esportivo onde passavam por uma triagem, os moradores estavam desesperados para conseguir retirar seus móveis

de suas casas, antes da demolição.

— Quando me viam, vários ex-moradores me perguntavam se eu era assistente social da prefeitura, porque queriam reclamar — conta Marcelle.

Em meio à confusão de bombas e gás, o fotógrafo Marcos Alves teve que se refugiar na casa de um morador de uma rua próxima ao Pinheirinho, que estava bastante revoltado com a ação da polícia. Ele disse ter uma filha deficiente e afirmou que passou o domingo inteiro atordoado com as bombas de efeito moral. O morador chegou a montar uma parede de ventiladores para eliminar a fumaça que invadia a sua casa.

A música segundo Tom Jobim

Fui ver o ótimo filme do Nelson Pereira dos Santos e Dora Jobim e me lembrei da frase do Nelson Rodrigues: “Nada mais antigo que o passado recente”. Perfeito; dá para ver a espantosa mudança da vida social e cultural dos últimos 20 anos. As canções, as plateias, os olhos e ouvidos ligados nos shows, o desejo de transmitir a beleza de uma reflexão sobre nossas emoções, um ritmo de vida celebrando a inocência e a delicadeza, o tema do amor sempre presente, a qualidade das letras e sonoridade (*Águas de Março* é um grande poema sobre o devir), em suma, tudo que não é manipulação, barulheira fácil e boçal, nessa proliferação de irrelevantâncias que pululam nas redes. Tudo bem, pode ser que estejamos no caos inicial, na infância de um novo e rico tempo cultural, como preveem os garimpeiros de ouro na bosta, mas, por enquanto, acho tudo um lixo.

O filme é a emocionante montagem de grandes momentos de nossa música como um discurso sem palavras. Saí do cinema como de um spa mental, no meio da poluição sonora e visual de São Paulo. Um filme terapêutico.

O documentário de Nelson e Dora me tocou muito. Sempre preferi

ver fotos amareladas, filmes precários, antigos, que nos dão a sensação de nebulosas vidas mortas. As personagens do preto e branco, do trêmulo filme mudo, nos consolam com sua vesturez. Suas mortes são mais suportáveis porque pensamos: “Ah... naquele tempo se morria; hoje não”. No filme moderno, o passado recente, em cores, nos mobiliza porque vira um presente implacável, embora impalpável. Vemos a alegria de festas sem som, sorrisos mudos, a juventude perdida dos rostos, as gargalhadas que não ecoam em lugar nenhum, as mulheres tão moças e lindas (e não nos dávamos conta disso) e nós mesmos, nossa saúde, nossos humores, tudo visível. Também vemos os indícios de erros que nos levarão ao fim – o corpo maltratado, a melancolia evitável, o riso amarelo, eu, você, nós todos no passado perdendo tempo, desvalorizando o que tínhamos. Mais emocionante que a tristeza de um passado é sua alegria perdida.

Lembrei-me que num dia feliz, sentado ao piano, Tom tocou para mim uma música nova – era *Chanson*, a obra-prima com a letra anglo-francesa: “I’ve never been in Paris for the summer, I never drank a scotch with this bouquet”. Fui das primeiras pessoas a ouvir a música – tenho esse orgulho. Sempre que a ouço, vejo-me com ele, curva-

do, cantando com voz arfante, como se contasse um segredo.

Henri Bergson, o filósofo, declarou, quando viu os filmes de Lumière: “O cinema é importante para vermos como se moviam os antigos”. Isso.

Sempre me emociono com esse milagre do cinema, em que as pessoas ressuscitam na tela e ficam ali, falando, como se nada tivesse acontecido. Isso me dói porque um dia serei também protagonista de um flashback de

Parafraseando Nelson Rodrigues, o filme parece uma viagem no tempo recente

mim mesmo. Assusto-me se estou num bar e, de repente, minha saudosa comadre Nara Leão começa a cantar baixinho ali ao meu lado, como aliás canta no filme, nos lembrando de sua intensa importância.

Já sentira isso na obra-prima do Miguel Faria Jr., *Vinicius*, quando escrevi: “O tempo era outro, e me refiro a tempo como ritmo, timing. Moviamo-nos de outro modo, em paisagens claras, com perspectiva, distâncias nítidas, andávamos pela praia até o Leblon”.

O mundo estava em foco e não era esse sumidouro de hoje. Esses filmes mostram um passado que poderia ser

nosso presente. Ipanema era uma ilha de felicidade num país injusto, foi um momento raro em que o desejo e o projeto se encontraram, na praia, no bar, nas ruas com amendoeiras, nos amores mais livres, na música e literatura, antes da massificação.

O tempo se acelerou brutalmente nos últimos dez anos. Os filósofos vivem berrando: “Não temos mais tempo, por que as coisas feticizaram o tempo!”

A cada dia, os blackberries, os iPads, os iPhones aumentam de potência, e o tempo vai se comprimindo. Até onde? Esta correria seria ótima se fôssemos chegar a alguma coisa, a uma estação Finlândia, a um terminal qualquer; mas, aonde chegaremos? No início do século 20, louvamos a velocidade crescente, revolucionária na arte moderna, a beleza do futuro, mas agora está chegando a hora de buscarmos a lentidão, a paz, o silêncio, como fazem as comunidades de “slow movement”. Aliás, o filme nos lembra que ainda havia silêncio. Outro dia, me falou uma “pianista” de twitters e facebook: “Hoje não há mais tédio – temos telinhas o tempo todo diante dos olhos”. Talvez, mas, sem vazio não há pensamento.

Agora, não temos condição de criticar e controlar mais nada, nem pela poesia, paródia, nem por nada. As coisas estão in charge, no comando da vi-

da. Que diria Tom sobre isso? Bem, em conversas, nas suas falas sobre a natureza e em seus gestos já dava para ver a melancolia disfarçada de ceticismo sábio, víamos que ele já sabia que a barra ia pesar ali em Ipanema e em toda parte.

Talvez ele dissesse: “Você sabe não é Jabor, você que é um árabe um beduíno sem deserto, você sabe que a música existe no tempo. Se acelerar muito, a música vai junto mas, depois de certo ponto, a arte perde o fôlego... Nós estamos querendo acabar com o Tempo”.

Isso me remete a um filme antigo cult, o *Planeta Proibido*, de Fred Wilcox, com George Sanders e Anne Francis, um planeta vazio onde todas as informações de um mundo morto estavam guardadas num imenso subterrâneo, uma gigantesca máquina, um super-Google. Toda a vida do planeta, tudo que se descobriu e construiu estava ali, arquivado para a eternidade. Só não havia mais vida em volta – a raça tecnológica dos Krells tinha sido extinta.

Mas Tom não ia prestar atenção neste papo cabeça. Ele gostava de ver o que era vivo ainda. Ele diria: “Deixa pra lá... Olha... lá no alto, os urubus caçadores estão dormindo na perna do vento...”

NA APROVAÇÃO recordista de Dilma Rousseff captada pelo Datafolha, uma indicação subjacente tem mais significados, para a atualidade política e cultural brasileira, do que a inesperada e larga ultrapassagem sobre as aprovações a Lula e a Fernando Henrique, iguais ao fim do seu primeiro ano de governo com 18 e 17 pontos percentuais a menos do que sua sucessora:

- A aprovação de Dilma Rousseff é a negação do marquetismo como fator básico e decisivo para o êxito na opinião pública.

A conduta de Dilma Rousseff ficou aquém, em tudo, do mínimo recomendável pelo marketing político. Nada de artifícios para criar eventos e situações que levem a demoradas e comentadas aparições nos telejornais, com bis nas primei-

ras páginas do dia seguinte. Solenidades palacianas, sempre as limitadas àquelas que ficariam incompletas sem a presença presidencial.

Nas falas necessárias, os improvisos, apesar de sua insegurança já diminuída, mas ainda traiçoeira, ganham a preferência por se permitirem maior brevidade. Sempre sem as elaborações demagógicas. Substituídas, quando seria sua vez, por frases objetivas e com sua força produzida pela firmeza da elocução. Se não improvisadas, no papel as falas não saem do mesmo estilo.

Sinal do recorde

JANIO DE FREITAS

Aprovação de Dilma é a negação do marquetismo como fator básico para o êxito na opinião pública

Nada de angariar homenagens no exterior, à maneira de Fernando Henrique. E lá fazer programas turístico-culturais com um séquito de repórteres e câmeras previamente coordenados. Nem provocar encontros com ilustres, à maneira de Lula, para a demonstração de seus novos patamares também pelos con-

tinentes afora.

Vida em família é em família, descanso é descanso, o instante que daí chega às câmeras não é elaborado nem proibido— é só um trabalho de outros. No gestual, no vestir, nos aparecimentos comuns, não mais do que a elegância discreta, formal, também comum. Nada, nunca, nessa conduta, para ser, mais do que apenas visto, captado como desejo a pretensa criação marqueteira.

Haverá muitas explicações, convergentes ou não, para os 59% de aprovação recebidos por Dilma. Na

aprovação vitoriosa que lhe é dada nos segmentos de renda e escolaridade mais altos, é provável, poré que seja imprudente não considerar a ausência do marquetismo como fator, consciente ou não, de aprovação manifestada.

A par de concordâncias e discordâncias com atos de governança aglomerou-se um senhor cansado com o marquetismo que a todos passou a seguir por anos. Diário, ininterrupto, repetitivo. Massacrante mesmo e nisso, não tenhamos esta dúvida intencional. A ver-nos todos com idiotas manipuláveis.

Graham Greene deu a um livro o celerente o título de "O Fator Humano". É isso, e não o seu contrário— marquetismo da artificialidade. Fica não dizer, sem deixar de dizer, falsificação.

Um candidato ao 'febeapá' de 2012

A primeira rodada do Estadual do Rio não trouxe qualquer novidade. Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, por ordem alfabética, não só ganharam com alguma facilidade como destruíram o mito alimentado quando o campeonato começa, o de que os pequenos vêm mais bem preparados no aspecto físico, porque já estão treinando desde o ano anterior. O que valeu de fato nesse início foi a distância técnica dos quatro para os seus adversários.

O quadro dos confrontos é sempre o mesmo: ataque contra retranca. E o encanto só permanece enquanto os grandes não abrem o placar. Daí em diante, os jogos se transformam em tédio, restando saber apenas de quanto será a vitória dos grandes.

Alguém dirá que o Resende vendeu caro a sua derrota, dado que o Botafogo só liquidou a fatura aos 67 minutos, quando fez 3 a 1. Nem tanto. O gol do time do interior foi um acaso. O de General Severiano já poderia ter disparado uma goleada no primeiro tempo. Até pênalti perdeu.

Pelo que se viu, teremos dois campeonatos óbvios: os grandes brigando pelo título – se levarem o campeonato a sério – e os outros 12 times para escaparem da Série B. Tudo isso leva a uma reflexão lógica: a necessidade de reformular o Estadual para 2013, quando o calendário será reduzido, por causa da

Reflexão lógica: a necessidade de reformular o Estadual para 2013

Copa das Confederações, para torná-lo de fato racional e rentável, principalmente diminuindo o número de clubes e valorizando os clássicos.

Pois caso não ocorra algo de imponderável que só o futebol é capaz de produzir, o campeonato do Rio em 2012 entrará para a lista do festival de besteiras que assola o país (febeapá), ao lado do BBB, do “ai se eu te pego” e do “menos Luiza, que está no Canadá”.

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Oscareta 2012! Perdemos! Prum sapo: "Música de 'Os Muppets' derrotou 'Rio', de Brown". Ah, não, perder pra sapo? Vamos ter que engolir esse sapo! Pior, perdemos mais um mês de Carnaval na Bahia! Por causa de um sapo! O Oscar foi pro brejo! Rarará!

Não teve um maluco pra subir no palco e rasgar o envelope?! E eu tava torcendo pro Carlinhos Brown e pra Meryl Streep! E o Brown ganhou um Oscarajé!

E tão dizendo que o Brasil só vai ganhar um Oscar quando o Timão ganhar a Libertadores! Rarará!

E o brega carpet?! A Jennifer Lopez tava um Drahma! E se a Angelina Jolie emagrecer dez gramas ela some no tapete! Um cara no meu Twitter disse que ela tá a cara da Noiva Cadáver! Não deve comer na-

Oscar 2012! Engolimos um sapo!

JOSÉ SIMÃO

da, se vê uma fatia de abacaxi, grita: "OBA!" Rarará!

E as bocas do red carpet? Todas com boca de bico de tênis Conga! E haja silicone! Se em 3032 os arqueólogos forem estudar as ruínas do red carpet só vão encontrar prótese de silicone! Silicone não é biodegradável!

E o Oscar de melhor maquiagem: Rubens Ewald Filho no TNT! Rarará! E pra tirar aquele monte de pancake do tapete vermelho? Só o pancake do Billy Cristal dava pra fazer dois "Avatar"!

E o Ricardo Teixeira devia ser indiciado pro Oscar! Rarará! E eu insisto em Oscar de melhor DVD pira-

Ah, não, perder pra sapo? Não teve um maluco pra subir no palco e rasgar o envelope?! Rarará!

ta. Porque contravenção é mais criativa. Por isso mesmo! Numa banca da 25 eu encontrei "Histórias Cuçadas", "Garfeld", "Idalús" e "Temos Shrek Dubrado". O "Shrek Dubrado" não merece um Oscar?

E a fabulosa Meryl Streep em "A Dama de Ferro"? "A Dama de Ferro" enferrujou. E quando eu vi o título deste filme, "A Dama de Ferro", pensei que era a vida da Dilma. Mas a Dilma não é Dama de Ferro, é Mão

de Ferro. Rarará!

E uma amiga me dizia que tinha três ícones: Madonna, Evita e Margaret Thatcher. Duas pê e uma filha da pê! Rarará!

E eu sempre digo que a estatueta do Oscar é gay: marombada, dourada e com uma espada na mão! Rarará! E como disse aquele outro: tudo bem a gente perder pros Muppets. Engolir sapo é com brasileiro mesmo. Rarará! Nós sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

simao@uol.com.br

@jose_simao

Ourgências. Qual a bandeira do escritor brasileiro nos tempos atuais, em que os inimigos estão ocultos sob nomenclaturas cheias de vaguidão, como “mercado”, “urgências sociais” e outras? Mesmo sem vaca e sem bandeira, ó Neruda, e muitas vezes sem editora, o escritor continua sendo o sustentáculo de qualquer política cultural consistente, em qualquer país. Ele reflete, rememora, inaugura, antecipa, testemunha, sugere, incentiva. E debate. Foi o que fizemos, 600 de nós, durante o Congresso Brasileiro de Escritores de 2011, que foi realizado em Ribeirão Preto.

Debatendo durante quatro dias, nós nos dispusemos a cobrar dos poderes públicos a proteção, a defesa e o apoio à produção literária e a incentivar as famílias a intervirem no processo da formação de leitores. O manifesto que resultou do nosso congresso já foi encaminhado aos ministros Aloizio Mercadante, da Educação, e Ana de Hollanda, da Cultura. E, neste espaço com que o jornal **O Estado de S. Paulo** nos privilegia, queremos ampliar a divulgação das nossas decisões.

Nós, escritores, protestamos contra modalidades de censura ainda em vigor, como as restrições judiciais que impedem a circulação de biografias e outras pesquisas, a pretexto de defender sucessores ou pesquisados, porque representa evidente cerceamento à liberdade criadora do escritor e também limita o direito dos leitores de conhecerem mais opiniões acerca de determinada figura pública ou de certos acontecimentos.

Restrições dessa natureza resultam em prejuízo para a pluralidade de opiniões e levam à superficialidade do pensamento. Em suma, empobrecem a própria educação. Também por isso, entendemos ser prioridade a defesa intransigente da qualidade da educação no Brasil, esperando do Estado os investimentos necessários à qualificação e ao aprimoramento dos professores e à manutenção de escolas e equipamentos; em especial, que seja resgatado o ensino da literatura nas escolas, com atenção ao conteúdo e ao valor, tanto pedagógico quanto artístico, das obras adotadas para leitura e exame, com ênfase para a produção nacional, com critério, mas sem censura.

Sustentamos, como premissa, que o governo brasileiro im-

pautada pelo respeito ao direito autoral, à liberdade de expressão, à busca de ampla divulgação e publicidade, em atendimento aos preceitos do desenvolvimento cultural de um país: educação, cidadania, democracia, igualdade, liberdade, diversidade, direitos humanos e preservação do acervo e do patrimônio cultural, estético, artístico e ecológico do País.

Não se chegará a isso sem a imprescindível ampliação dos programas em curso, especialmente de órgãos do Ministério da Cultura, para estimular a leitura e promover a difusão da lite-

Em manifesto, eles cobram do poder público proteção, defesa e apoio à produção literária

ratura brasileira, assim enfrentando o dramático descompasso, em nosso país, de índices de leitura de livros e, correlatadamente, do alarmante analfabetismo funcional.

Requeremos, igualmente, por parte dos órgãos públicos, consistência e regularidade nos programas de difusão da literatura brasileira no exterior, apoiando traduções de obras, mostras e apresentações de autores, a exemplo do que é feito, rotineiramente, pelos governos de outros países.

Esperamos esforços equivalentes das administrações estaduais e municipais, para que desenvolvam políticas culturais em consonância com esse esforço; especialmente, ao manterem e equiparem bibliotecas públicas e programas de promoção da literatura e incentivo à leitura, e pela boa divulgação da produção nacional em seus equipamentos culturais e meios de comunicação.

Repudiamos frontalmente programas de difusão de livros e incentivo à leitura, especialmente na área educacional, que exijam a renúncia a direitos autorais e de edição. Declaramos inadmissível qualquer equiparação da tradução literária ou qualquer escrita criativa à prestação de serviços, obliterando ou suprimindo direitos autorais. Exigimos transparência nas prestações de contas a autores por parte de editores e, por isso, propomos, como tópico da lei de direitos autorais ora em exame, a inserção de informe da tiragem pela gráfica nas edições em maior escala; e, naquelas em impressão digital ou nos livros por encomenda, que

por esse meio; e, também, que seja assegurada, nas compras de grandes quantidades de livros por órgãos públicos, a comprovação pelo editor de que o titular de direitos autorais foi informado da compra.

Lutaremos pelo fim dos privilégios no fomento à produção artística; pela reestruturação do Fundo Nacional de Cultura, de modo que este receba recursos originados do Imposto de Renda devido pelas empresas, a serem destinados a projetos aprovados por um conselho de representantes da sociedade civil que analisarão projetos a serem financiados por leis de incentivos, assim retirando das empresas patrocinadoras o poder decisório sobre a destinação final de tais recursos.

Aproveitamos para confessar as nossas próprias faltas e prometer os nossos melhores esforços para que a literatura brasileira cumpra o seu papel social, que é o de registrar nossa identidade, perscrutar nossa alma, brasileira e universal, e dar voz ao sentimento do mundo. E assim contribuir para a História. Talvez não como queremos, mas como podemos.

*

PRESIDENTE DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES (UBE)

SINAIS PARTICULARES



Meryl Streep

A crise da CBF

MARCIO BRAGA

A crise gerada pelas especulações acerca da renúncia de Ricardo Teixeira à presidência da CBF é uma grande oportunidade para repensar o futebol brasileiro e expõe a falta de organização e representatividade dos clubes, que, na 1ª divisão, votam nas eleições presidenciais da entidade, mas não podem habilitar candidatos e nem sequer participam das assembleias ordinárias.

As Federações Estaduais discutem sozinhas a sucessão na CBF, e os clubes simplesmente assistem passivos e calados ao episódio que define os destinos do futebol brasileiro. O absurdo é tão grande que das 27 Federações, 21 não representam nenhum clube na 1ª divisão.

Em 1987, a CBF não tinha dinheiro em caixa e simplesmente anunciou que não organizaria o Campeonato Brasileiro, deixando órfãos os clubes que dela esperavam a realização da competição, que é fundamental para sua sobrevivência econômica e desportiva.

Afinal de contas: time que não entra em campo não tem torcida.

Àquela época, os clubes se uniram e salvaram o futebol nacional, criando o Clube dos 13, realizando a Copa União com enorme sucesso de público e arrecadação.

Hoje, a situação é bem diferente: os clubes em graves dificuldades, e a CBF com as finanças equilibradas, arrecadando mais de R\$ 200 milhões por ano.

Apesar de todas as críticas, Ricardo Teixeira consolidou a liderança do futebol brasileiro no mundo, ganhando o maior número de títulos da história da seleção e articulando a candidatura única do Brasil para sediar a Copa de 2014, fato inédito na história das Copas desde que o evento se transformou na maior plataforma global de comunicação em massa.

O atual mandato da diretoria da CBF foi ampliado para que se pudesse garantir estabilidade política e administrativa neste período de preparação da Copa do Mundo, aproveitando seus efeitos como catalisadores de transformações estruturais importantes para

melhorar a governança do futebol no Brasil.

Ao invés de renunciar, Ricardo Teixeira tem a missão de liderar o processo de transformação que o futebol brasileiro precisa para ter sustentabilidade econômica no século XXI.

Enquanto a grande maioria das Federações Estaduais depende exclusivamente do subsídio financeiro da CBF, uma pesquisa recente da FGV demonstra que os clubes concentram 70% de todo valor da produção do futebol nacional, gerando cerca de R\$ 2,2 bilhões de reais por ano.

Assim como em 87, e hoje sem o Clube dos 13, os clubes estão novamente órfãos, e só CBF reúne as condições para liderá-los na criação da Liga de Futebol Profissional, que, a exemplo do que ocorreu na Europa, é instrumento fundamental para concentrar as discussões relevantes para o futebol brasileiro nos fóruns adequados e aumentar seus potenciais econômicos e esportivos.

MARCIO BRAGA *foi presidente do Flamengo.*

Que tal, como Raul, dar pipoca aos macacos?

O Blackburn fez 3 a 2 no Manchester United, incrível, vencia por 2 a 0, sofreu o empate e acabou ganhando, graças ao goleiro horroroso que Mr. Ferguson cisma em escalar.

O Manchester City tomou de 1 a 0 do Sunderland, com um gol oriental. E o Chelsea apanhou de 3 a 1 do Aston Villa, que foi o melhor da virada de ano.

O Old Trafford recebeu 75 mil pessoas. Havia a expectativa de uma goleada formidável, dado que os Devils enfiaram cinco a zero nos dois jogos anteriores.

E ainda festejava o 70º aniversário de Sir Alex – o grande freguês dos dentistas, tal a quantidade de chiclete que consome.

Mas o time da “dama de ferro” ganhou, mostrando porque o futebol, não importa o lugar, leva 75 mil a um estádio em pleno 31 de dezembro. Ok. Na Inglaterra, quem esteve por lá sabe, isso é comum, são mais de 100 anos com tal prática.

Mas isso só se suporta porque o Blackburn, o Sunderland e o Aston Villa são capazes de provocar uma zebra tripla numa única rodada.

Se o United, o City e os “Blues” ti-

vessem saído vencedores, o interesse pelo esporte mais popular do planeta diminuiria, até acabar.

Deve ser horrível não gostar de futebol. Ou talvez, quem sabe, seja ótimo. O sujeito passa as quartas-feiras e os fins de semana tranquilos, cinema, teatro, museu, almoço com a família, ou, como dizia Raul-

Rodada emocionante de zebra tripla leva multidões aos estádios ingleses

zinho Santos Seixas, dando pipoca aos macacos, enfim...

Amanhã tem mais Manchester United. Contra o Newcastle. Lá.

Cá entre nós, é muito mais emocionante que visitar o Jardim Zoológico. Mas a zebra – que não tem asas – está no ar.

Por isso você vai ligar a TV. Para torcer a favor dos Devils – como eu – ou contra – como os Shitizens.

E viva o futebol. E o De Gea, hein? O que é aquilo?

Condenado a torcer por Obama

CLÓVIS ROSSI

SE MITT Romney ganhar o “caucus” de Iowa hoje, tende a consolidar-se como o pré-candidato mais sólido para ser o nome da oposição republicana a Barack Obama.

Azar do Itamaraty: Romney será uma verdadeira usina de problemas para a diplomacia brasileira, a julgar por suas posições a respeito de América Latina.

James Bosworth, blogueiro do Latin America Monitor, incrustado no “Christian Science Monitor”, levantou alguns dos pontos que Romney já colocou no papel.

Escreveu o blogueiro: “Estrategicamente, Romney vê duas grandes ameaças na região”. A primeira: “Venezuela e Cuba estão liderando um movimento ‘bolivariano’ virulentamente antiamericano na América Latina, que busca minar as instituições de governança democrática e as oportunidades econômicas”.

Sabendo-se o tratamento que os

Estados Unidos, com governos democratas ou republicanos, dão a Cuba, fica fácil imaginar o problema que será equiparar a Venezuela de Chávez à ilha caribenha. Chávez nem precisa de ações norte-americanas para sentir-se permanentemente ameaçado pelo “imperialismo”. Imagine então se houver de fato alguma ação.

Ele fatalmente pedirá solidariedade a seus pares da Unasul e da recém-lançada Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e do Caribe), ambas concebidas, pelo menos aos olhos de Chávez, como maneira de afastar a ingerência norte-americana em assuntos do sub-

A alternativa mais forte, Mitt Romney, tende a ser usina de atritos para a diplomacia brasileira

continente.

Segunda ameaça: “A região está também testemunhando uma epidemia de gangues criminosas violentas e de cartéis de droga, que espalharam morte e desgraça por México, América Central e Caribe”.

A resposta de Romney, se eleito, seria criar uma Força-Tarefa Conjunta para Crime e Terrorismo no hemisfério, que “coordenará o trabalho de inteligência e de aplicação

da lei”. A força-tarefa seria o instrumento para “cortar todas as conexões financeiras, logísticas e materiais” entre a região e os grupos terroristas externos, como o Hizbollah.

Parece desnecessário lembrar que essa iniciativa é uma revisita ampliada ao plano de usar bases na Colômbia pelos militares norte-americanos, que foi uma fonte de atrito direto com o Brasil. Se aconteceu assim com um projeto menos ambicioso, imagine a confusão que dará a tentativa de colocar todos os países da região em uma ação conjunta, que, fatalmente, teria a liderança dos EUA, dada a formidável disparidade de meios entre Wa-

shington e qualquer um dos países latino-americanos/caribenhos.

Por fim, Romney pretende, nos primeiros cem dias no cargo, lançar uma “Campanha para Oportunidades de Econômica na América Latina” destinada a “contrastar os benefícios de democracia, livre-comércio e oportunidades econômicas com os males causados pelo modelo autoritário de Venezuela e Cuba”.

Tem todo o jeito de ser uma retomada da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), posta em hibernação, aparentemente definitivamente, justamente pelos desentendimentos entre Estados Unidos e Brasil.

O potencial de atritos é, portanto, enorme, em forte contraste com a placidez das relações Lula/Bush e Obama/Lula e Dilma/Obama.

rossi@uol.com.br

AMANHÃ EM MUNDO

Mark Weisbrot

O risco de ficar refém

Crônica

PERCY RODRIGUES

Depois da fusão Tam e Lan, é a Gol que recebe volumoso aporte de capital de empresa estrangeira.

Contrariando os preceitos de Maquiavel, a empresa mineira acaba de filiar-se à megatransportadora americana Delta. Maquiavel recomendou ao príncipe que não fizesse parcerias com entidades mais fortes que ele, porque, logo, ficaria seu refém. Certamente, é o que acontecerá à Gol.

No bojo das negociações, ficaram estabelecidos procedimentos operacionais que não chegam ao conhecimento do grande público. Com participação expressiva no capital da Gol, a empresa americana conquista exclusividade na reserva de rotas não operadas pela Gol e nas conexões domésticas nos Estados Unidos, mesmo que estas não se-

jam as mais adequadas para os passageiros da Gol. Isto é o mínimo que pode acontecer. O mais dramático é a dependência econômica que se estabelece em razão da crescente necessidade da empresa brasileira de capitalizar-se para fazer face aos altos custos de sua operação. É bem verdade que a Constituição estabelece limitação de participação estrangeira nas aéreas brasileiras, mas temos visto que esse dispositivo legal tem sido contornado mediante filigranas jurídicas, aprovadas pela autoridade concedente.

Falta, às nossas autoridades e políticos, reconhecer que a aviação comercial brasileira necessita receber tratamento fiscal diferenciado. De capital intensivo, elevado número de empregados e grande importadora de implementos para sua operação, desde a aeronave até o mais singelo dos parafusos, a aérea nacional não tem condi-

ções de competitividade com as estrangeiras, protegidas pelos governos e geradoras de receita em moeda forte.

A história da aviação comercial brasileira está repleta de casos de insucesso. As empresas que se dispuseram a realizar escalada internacional capitularam fragorosamente depois de investir elevada soma de recursos em frota e infraestrutura sem, contudo, obter resultados positivos. Assim, também, caminham Tam e Gol, se não for estabelecida nova política para o transporte aéreo comercial no Brasil.

PERCY RODRIGUES é consultor em transporte aéreo. E-mail: percyrodrigues@openlink.com.br.

 **O GLOBO NA INTERNET**
OPINIÃO Leia mais artigos
oglobo.com.br/opiniao

Os canalhas nos ensinam mais

Nunca vimos uma coisa assim. Ao menos, eu nunca vi. A herança maldita da política de sujas alianças que Lula nos deixou criou uma maré vermelha de horrores. Qualquer gaveta que se abra, qualquer tampa de lata de lixo levantada faz saltar um novo escândalo da pesada. Parece não haver mais inocentes em Brasília e nos currais do País todo. As roubalheiras não são mais segredos de gabinetes ou de cafezinhos. As chantagens são abertas, na cara, na marra, chegando ao insulto machista contra a presidente, desafiada em público. Um diz que é forte como uma pirâmide, outro que só sai a tiro, outro diz que ela não tem coragem de demitilo, outro que a ama, outro que a odeia. Canalhas se escandalizam se um técnico for indicado para um cargo técnico. Chego a ver nos corruptos um leve sorriso de prazer, a volúpia do mal assumido, uma ponta de orgulho por seus crimes seculares, como se zelassem por uma tradição brasileira.

Temos a impressão de que está em marcha uma clara "revolução dentro da corrupção", um deslavadão processo com o fito explícito de nos acostumar ao horror, como um fato inevitável. Parece que queremos convencer de que nosso desti-

no histórico é a maçaroca informe de um grande maranhão eterno. A mentira virou verdade? Diante dos vídeos e telefonemas gravados, os acusados batem no peito e berram: "É mentira!" Mas, o que é a mentira? A verdade são os crimes evidentes que a PF e a mídia descobrem ou os desmentidos dos que os cometeram? Não há mais respeito, não digo pela verdade; não há respeito nem mesmo pela mentira.

Mas, pensando bem, pode ser que esta grande onda de assaltos à República seja o primeiro sinal de saúde, pode ser que esta plethora de vícios seja o início de uma maior consciência crítica. E isso é bom. Estamos descobrindo que temos de pensar a partir da insânia brasileira e não de um sonho de razão, de um desejo de harmonia que nunca chega.

Avante, racionalistas em pânico, honestos humilhados, esperançosos ofendidos! Esta depressão pode ser boa para nos despertar da letargia de 400 anos. O que há de bom nesta bosta toda?

Nunca nossos vícios ficaram tão explícitos! Aprendemos a dura verdade neste rio sem foz, onde as fezes se acumulam sem escoamento. Finalmente, nossa crise endêmica está em cima da mesa de dissecação, aberta ao meio como uma galinha. Vemos que o País progride de lado, como um caranguejo mole das praias nordestinas. Meu Deus, que prodigiosa fartu-

ra de novidades sórdidas estamos conhecendo, fecundas como um adubo sagrado, tão belas quanto nossas matas, cachoeiras e flores. É um esplendoroso universo de fatos, de gestos, de caras. Como mentem arrogantemente mal! Que ostentações de pureza, candor, para encobrir a impudícia, o despudor, a mão grande nas cumbucas, os esgotos da alma.

Ai, Jesus, que emocionantes os súbitos aumentos de patrimônio, declarações de renda falsas, carrões, iates, piscinas em forma de vaginas, açougues fantasmas, cheques podres, recibos laranjas de analfabetos desdentados em fazendas imaginárias.

Vemos que o País progride de lado, como um caranguejo mole das praias nordestinas

Que delícia, que doutorado sobre nós mesmos!... Assistimos em suspense ao dia a dia dos ladrões na caça. Como é emocionante a vida das quadrilhas políticas, seus altos e baixos – ou o triunfo da grana enfiada nas meias e cuecas ou o medo dos flagrantes que fazem o uísque cair mal no Piantella diante das evidências de crime, o medo que provoca barrigas murmurantes, diarreias secretas, flatulências fétidas no Senado, vômitos nos bigodes, galinhas mortas na en-

cruzilhada, as brochadas em motéis, tudo compondo o panorama das obras públicas: pontes para o nada, viadutos banguelas, estradas leprosas, hospitais cancerosos, orgasmos entre empreiteiras e políticos.

Parece que existem dois Brasis: um Brasil roído por ratos políticos e um outro Brasil povoado de anjos e "puros". E o fascinante é que são os mesmos homens. O povo está diante de um milenar problema fisiológico (ups!) – isto é, filosófico: o que é a verdade?

Se a verdade aparecesse em sua plenitude, nossas instituições cairiam ao chão. Mas, tudo está ficando tão claro, tão insuportável que temos de correr esse risco, temos de contemplar a mecânica da escrotidão, na esperança de mudar o País.

Já sabemos que a corrupção não é um "desvio" da norma, não é um pecado ou crime – é a norma mesmo, enranhada nos códigos, nas línguas, nas almas. Vivemos nossa diplomacia na cultura da sacanagem.

Já sabemos muito, já nos entrou na cabeça que o Estado patrimonialista, inchado, burocrático é que nos devora a vida. Durante quatro séculos, fomos carcomidos por capitania, labirintos, autarquias. Já sabemos que enquanto não desatracarmos os corpos públicos e privados, que enquanto não acabarem as emendas ao orça-

mento, as regras eleitorais vigentes, nada vai se resolver. Enquanto houver 25 mil cargos de confiança, haverá canalhas, enquanto houver Estatais com caixa-preta, haverá canalhas, enquanto houver subsídios a fundo perdido, haverá canalhas. Com esse Código Penal, com essa estrutura judiciária, nunca haverá progresso.

Já sabemos que mais de R\$ 5 bilhões por ano são pilhados das escolas, hospitais, estradas. Não adianta punir meia dúzia. A cada punição, outros nascerão mais fortes, como bactérias resistentes a antigas penicilinas. Temos de desinfetar seus ninhos, suas chocadeiras.

Descobrimos que os canalhas são mais didáticos que os honestos. O canalha ensina mais. Os canalhas são a base da nacionalidade! Eles nos ensinam que a esperança tem de ser extirpada como um furúnculo maligno e que, pelo escracho, entenderemos a beleza do que poderíamos ser!

Temos tido uma psicanálise para o povo, um show de verdades pelo chorrilho de negaças, de "nuncas", de "jamais", de cínicos sorrisos e lágrimas de crocodilo. Nunca aprendemos tanto de cabeça para baixo Céus, por isso é que sou otimista! Ânimo, meu povo! O Brasil está evoluindo em marcha à ré!

Brasil, professor de capitalismo?

CLÓVIS ROSSI

NÃO SE realizará a visita da presidente Dilma Rousseff a Cuba que está na cabeça de todas as entidades de direitos humanos. Gostariam que a presidente justificasse sua afirmação de que os direitos humanos estariam no centro de sua política externa e, portanto, fizesse pelo menos uma menção à situação na ilha caribenha.

Não fará. O chanceler Antonio Patriota, na sua passagem por Davos, na semana passada, afirmou que Dilma não falaria para os ouvidos dos jornalistas, no que é uma insinuação de que falará aos ouvidos dos dirigentes cubanos.

Duvido. Não combina com o estilo Dilma, ainda mais que Cuba faz parte do museu da memória sentimental da esquerda latino-americana, e Dilma cultiva essa memória, mesmo sendo uma democrata.

Até entendo a posição histórica do Itamaraty, neste como em gover-

nos anteriores, de respeitar sempre a soberania de cada país. Mas discordo: direitos humanos são (ou deveriam ser) patrimônio da humanidade e, portanto, devem ser defendidos acima de qualquer fronteira.

Passemos à segunda —e real— visita da presidente. Neste ponto, é preciso desbastar a linguagem diplomática do chanceler Patriota, para quem o objetivo prioritário da viagem é conversar “sobre a atualização do modelo econômico cubano, em busca de maior eficiência”.

Na verdade, o governo brasileiro acredita, desde a administração anterior, que está em condições de ensinar algo de capitalismo a Cuba,

Governo acredita que possa ajudar Cuba a transitar para uma economia mais aberta

privada dele nos últimos 50 e poucos anos. Não é uma vã pretensão. Cuba está dando os primeiros —e tímidos— passos rumo a uma versão caribenha do modelo chinês. Ou seja, economia parcialmente de mercado com ditadura.

Essa transição para o capitalismo, parcial ou não, foi sempre acompanhada de alta da desigualdade, na Rússia pós-soviética, nos países da Europa Oriental e até na China,

apesar do formidável crescimento.

O que o chanceler Patriota considera, com grande exagero, “modelo brasileiro” não precisou transitar para o capitalismo, que nunca abandonou, mas conseguiu, com sucesso, sair da ditadura para a democracia, estabilizar a economia e, ao menos, não aumentar a desigualdade, embora não a tenha reduzido (só reduziu a diferença entre salários, mas não entre a renda do capital e a do trabalho, a verdadeira obscenidade).

A mais relevante contribuição brasileira para a transição cubana não será, entretanto, uma eventual aula teórica, mas algo bem mais

concreto: o financiamento para a modernização do porto de Matanzas a 40 quilômetros de Havana.

Marco Aurélio Garcia, o assessor diplomático tanto de Lula com Dilma, acredita que ampliar Matanzas só faz sentido se for para o comércio com os Estados Unidos. Havana não existe, pelo embargo imposto pelos norte-americanos à ilha.

Logo, ao financiar o porto, o governo brasileiro acredita estar contribuindo para uma aproximação com os EUA (não, como é óbvio, um ano eleitoral como 2012). Essa hipótese só se tornará possível se Cuba abrir sua economia sem gerar tumulto. Se o fizer, mas continuar uma ditadura, não é um problema insolúvel para Washington (de suas relações com a China).

cross@uol.com.br

AMANHÃ EM MUNDO

Mark Weisbrot

Mais perto da notícia

Assim como o assinante do GLOBO abre diariamente a porta de sua casa para a chegada do jornal, O GLOBO agora também está abrindo suas portas para o assinante. É assim que a gerente de Marketing de Assinaturas, **GLÁUCIA NEVES**, explica o novo projeto "O Globo bem de perto". Ontem, foi realizada a primeira de uma série mensal de visitas de assinantes à Redação, no Centro, e ao parque gráfico, em Duque de Caxias. Além de conhecer o espaço físico do jornal, o grupo foi recebido com café da manhã e assistiu a uma palestra.

— É um encontro muito interessante, pois há uma troca. Eles nos questionam, fazem sugestões de melhorias, são muito participativos. Na palestra, falamos do funcionamento do jornal, da produção da notícia e do nosso portfólio de produtos — conta Gláucia.

Ano passado, durante a comemoração dos 86 anos do GLOBO, as instalações do jornal foram abertas aos assinantes pela primeira vez. Devido ao interesse, o projeto foi amplia-

do. Todos os meses, haverá uma seleção de 20 assinantes com acompanhante que irão conhecer a empresa em uma visita guiada.

— Minha mãe, que já faleceu, assinava O GLOBO há mais de 20 anos. Sempre li o jornal. Cheguei a entrar na Redação há muitos anos, mas não era tão moderna — contou Júlio Marinho.

Editor adjunto da editoria Rio, **JORGE ANTÔNIO BARROS** deu detalhes sobre a cobertura do assunto mais importante do dia: o desabamento de prédios na Cinelândia. Entusiasmada, Luciane dos Santos elogiou a visita:

— É melhor do que esperava. Esta visita é um incentivo a mais à leitura de jornais, principalmente para o meu filho, Edian, que está doido para mostrar as fotos aos colegas.

Para participar da visita em fevereiro, os assinantes terão de se inscrever no site oglobo-bemdeperto.com.br e responder à pergunta "Por que você quer conhecer O GLOBO bem de perto". Os autores das 20 respostas mais criativas serão selecionados. As inscrições serão abertas mensalmente.

O velho dilema do anúncio de biscoito

Lembram do anúncio? O biscoito está sempre fresquinho porque vende muito? Ou vende muito porque está sempre fresquinho? Voltamos ao dilema, após a segunda rodada do Estadual do Rio. Como? Bom, na semana passada, dissemos aqui que a diferença de qualidade entre grandes e pequenos é flagrante. Pois Botafogo e Flamengo ficaram no 0 a 0 com seus adversários. E Fluminense e Vasco encontraram alguma dificuldade para vencer.

Daí, levando-se em consideração tais resultados, vêm as perguntas que imitam a do comercial do biscoito. Os pequenos não são assim tão ruins como afirmamos? Ou os grandes é que não têm a tal qualidade apregoada? Ora, Botafogo e Flamengo criaram apenas duas chances efetivas de gol em pouco mais de 90 minutos. E Fluminense e Vasco só resolveram seus jogos após uma hora de jogo. Mérito dos pequenos? Nem tanto. Pois esses, francamente, não mostraram força ofensiva alguma. E só resistiram porque se aos tricolores e cruz-maltinos faltou maior ousadia para li-

quidar seus compromissos com maior facilidade, a capacidade de alvinegros e rubro-negros para superar as retranscancas foi absolutamente zero.

Mas a crítica maior vai para o Flamengo, que optou pelo ridículo de poupar seus principais jogadores em um jogo oficial porque

Poupar jogadores para pegar time de segundo escalão da Bolívia é dose...

teria outro em três dias, dentro do Rio de Janeiro, contra uma equipe de segundo escalão da Bolívia.

RELÍQUIA

Você tem interesse em adquirir uma camisa original da Seleção Brasileira usada e autografada por Pelé em 1966? Pois procure o professor José Lins no telefone (21) 9476-6760 e poderá ter o seu desejo realizado.

PEDRO DORIA



No iPod, música sem qualidade

A notícia estava cá no site do GLOBO e em tudo quanto é canto da internet: em casa, Steve Jobs ouvia LPs. Vinil, mesmo. A informação foi passada por Neil Young, um dos grandes músicos da história do rock. A turma do Twitter, claro, adorou: LPs, segundo Jobs teria dito a Young, têm mais qualidade do que a música num iPod. Trending topics mundial. E, em meio à curiosidade geral, a sofisticada análise de Young a respeito do estado da música se perdeu.

A música num LP é infinitamente superior àquela ouvida nos iPods. Não há nada de polêmico na afirmação. É matemática. Também não vai, aí, qualquer julgamento a respeito da discussão entre reprodução digital ou analógica de música. A música num CD também é infinitamente superior àquela ouvida nos iPods. Novamente: é matemática. Uma música de 3 minutos em CD tem algo entre 30 e 40 Mb. A mesma música convertida

para os formatos MP3 ou AAC, padrões mais populares em iPods, tem menos de 3 Mb. Isso mesmo: o disco baixado da loja iTunes, da Apple, tem muito menos qualidade do que o CD comprado na esquina. Para comprimir, muita informação foi jogada fora.

O som é formado por ondas que fazem o tímpano vibrar e são traduzidas pelo cérebro naquilo que ouvimos. O desenho destas ondas é reproduzido nos sulcos do vinil. Um bom vinil carrega a representação perfeita do que foi gravado. É por isso que muita gente defende o analógico. Quem tem memória daqueles tempos ainda nos anos 80, porém, sabe que nada é tão simples. Para que o som seja perfeito, o disco não pode estar empenado, não pode haver grão de poeira, a agulha tem que ser de diamante novo. É para quem pode, não para quem quer. Dá trabalho e custa caro. E o disco perde qualidade com o tempo.

Som digital é diferente. O equipamento faz um retrato daquela onda sinuosa de tempos em tempos e o registra em número. Se fosse um desenho, ao invés de uma linha contínua da curva veríamos inúmeros pontinhos, um seguido do outro, na forma da mesma curva. Quanto menor os intervalos entre cada registro, mais parecido o resultado final. A olho nu, nem se percebe a diferença. Ou a ouvido nu.

O ouvido humano mais afiado não ouve nada abaixo de 20Hz (é um baixo bem surdo) ou acima de 20.000 Hz (e põe agudo nisso). Para segurar o tamanho da música, o padrão de CD corta todos os sons abaixo e acima desta faixa. A turma purista sugere que, embora não ouçamos estas faixas, nosso cérebro as percebe de outra forma. A perda desta informação afetaria os mais sensíveis. Além disso, CDs também economizam na informação dos extremos. Quanto mais próximo de 20Hz ou de

Steve Jobs ouvia música em LPs. Mas o digital tem salvação. É só o MP3 que se perdeu

20.000Hz o som, menos dele é registrado. É porque, como ouvimos pior nessas frequências, menos delas seriam necessárias para causar o efeito.

Música digital no computador, MP3 e similares joga fora 90% da informação no CD. Para enganar nossos ouvidos é necessário um sistema bem complexo. Ele quebra cada trecho de áudio e descobre como economizar. Corta ainda mais nas faixas que ouvimos menos, se há um agudo numa frequência seguido de outro agudo numa frequência bem parecida, junta os dois, e segue neste processo fazendo economias e cortes e junções. O resul-

tado é um iPod com 10.000 músicas e ninguém percebe a diferença em música bate estaca. Mas, aí, o trompete de Dizzy Gillespie tem um quê menos de brilho e o ouvido do maestro mal reconhece Mozart. Quanto mais complexa a música, maior a perda.

É evidente que o leitor precisaria ter um ouvido um tanto melhor do que o meu para perceber tudo isso. Mas a matemática não mente: a informação foi embora.

O som do LP nas condições ideais não precisa ser melhor do que o digital. Num disco Blu-ray cabe uma quantidade infinitamente maior de informação do que num CD. Nada precisaria ser jogado fora e o equipamento para reproduzir música já começa a entrar na casa das famílias de classe média.

E aí está a proposta de Neil Young. O MP3 pirata, ele sugere, é o novo rádio. A música não tem a mesma qualidade daquela que o ouvinte compra na loja, mas serve para divulgar, para que as pessoas conheçam o que há de novo. O que falta é existir, nas lojas, uma opção muito superior. Algo para além do CD, com qualidade total de música.

Se existisse, bastaria ao ouvinte sentar-se no sofá, imerso nas 5.1 caixas do home theater, e se perder. Dizzy merece.

Você sabe quanto custa uma saca de café? Provavelmente, não. No mercado atual, que está aquecido, paga-se ao redor de R\$ 500 por uma saca (60 kg) de grãos secos. Mas o café da Fazenda Rainha, vendido no leilão eletrônico da Bolsa de Nova York, valeu R\$ 5.400, dez vezes acima do preço normal. Mágica? Não, qualidade.

Acontece que as 22 sacas oriundas dos cafezais da Fazenda Rainha, situada no município de São Sebastião da Gramma, ali dentro da Mogiana Paulista, venceram o 12.º concurso chamado Cup of Excellence, promovido pela Associação Brasileira de Cafés Especiais. Outros produtores selecionados compuseram 25 lotes de excelente bebida, todos eles arrematados por elevadíssimos preços no mesmo leilão (18/1).

Um consórcio asiático comprou o lote campeão, entre vários estrangeiros que disputaram no tapa a primazia de comercializar um café inesquecível. Reconhecer a qualidade e, melhor ainda, pagar um bom diferencial por ela estimulam os cafeicultores a investir em boas práticas agrícolas. Custa mais, porém vale a pena.

Não existe segredo, mas, sim, trabalho apurado. Um cafezal somente gera produto de qualidade especial se for muito bem cuidado, na adubação das plantas, no controle de pragas e doenças, na colheita do fruto maduro e, por fim, no trato dos grãos durante o processo pós-colheita, seca e beneficiamento. Esse zelo agrônomo, porém, ainda será insuficiente se as condições ambientais não forem propícias.

Café, para dar excelente bebida, precisa estar plantado em terrenos com elevada altitude, acima de 800 metros, no mínimo. Nas encostas da Serra da Mantiqueira, por exemplo, seja do lado paulista ou mineiro, os cafezais encontram excelente clima, em que as noites frias são essenciais. Durante a colheita, normalmente entre julho e outubro, o tempo precisa estar seco, sem chuvas. Senão o grão de café pode "arder", perdendo sabor.

Candada por uma mulher, Ana Cecília, a Fazenda Rainha apresenta 280 hectares de cafezais localizados até a altitude de 1.300 metros. Tem um sistema de gestão ambiental de última linha, controlando minuciosamente cada gleba de produção, anotando tudo - da tecnologia, do trabalho humano ou dos fenômenos naturais - como se fosse um diário feminino. Especial-

equilibrada, aromas intensos". Parece coisa de enólogo. Origem certificada, nome próprio, assim os produtores e distribuidores começam a customizar o apreciador de café, ganhando clientela sofisticada. Caso do Café Orfeu, controlador da Fazenda Rainha.

O trabalho de marketing baseado na qualidade da bebida começou a mudar o mercado de café no Brasil a partir de 1989. Nessa época, 67% dos brasileiros pesquisados pela Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic) acreditavam que café bom era exportado, restando aqui dentro a porcaria. A Abic criou um selo de qualidade e resolveu enfrentar

A cafeicultura nacional alimenta o sonho de ver cada chinês tomando uma xícara de expresso

as costumeiras fraudes na composição do café torrado e moído distribuído no País. Havia de tudo: grãos de café estragados, misturados com casca ou, pior, acrescidos de palha de arroz. Até areia colocavam no pó de café para aumentar o peso. Sempre muito adoçada, a bebida tradicional escondia tais mazelas.

O "selo de pureza" da Abic pegou. E os consumidores começaram a ficar mais espertos com a qualidade do café que adquiriam, conferindo no rótulo da embalagem a etiqueta de garantia. Nessa mesma época, as modernas máquinas de café expresso começaram a vencer o velho coador nos botecos da cidade. A disputa do expresso na xícara contra o cafezinho no copo contou com a ajuda da medicina, que progressivamente desmistificava a fama de que beber café fazia mal à saúde, dava gastrite. Ao contrário, pesquisadores médicos passaram a recomendar a bebida no combate ao estresse e até mesmo à depressão humana, graças ao efeito estimulador não apenas da cafeína, mas também dos polifenóis que contém.

O somatório de fatores positivos resultou, globalmente, no estímulo ao consumo de café, cuja qualidade melhorou, e muito. O mercado, demandando mais, puxou os preços, estimulando os produtores rurais com boa remuneração. Criou-se um círculo virtuoso que agrada a todos. Países que nunca participaram do mundo cafeeiro despertaram para a oportunidade surgida. Assim, o longínquo Vietnã tornou-se o segundo maior produtor mundial de café. Quem diria!

ta. A primeira, mais delicada, originou-se na Etiópia; a segunda, mais rústica, surgiu na costa atlântica da África. O arábica sempre predominou, pois sua bebida é mais expressiva, com paladar marcante. Já o robusta, embora apresente teor mais elevado de cafeína, oferece uma bebida meio sem graça. Figurava na segunda linha da cafeicultura mundial.

Tudo mudou, todavia, com a chegada do café expresso. Sabem por quê? É que aquela espuma da xícara, apreciada pelos consumidores, somente se consegue misturando um pouco do robusta no pó do arábica, técnica que gera o *blend* característico das marcas de expresso. Foi a sorte dos capixabas. No Espírito Santo, os pesquisadores agrícolas investiram, há anos, na lavoura do café robusta, fazendo-o ganhar produtividade. Dominam hoje esse veio do mercado.

Anda animada a cafeicultura nacional. Investe na qualidade, faz bons negócios e dorme alimentando um sonho: ver cada chinês tomando uma xícara de café expresso. Café e agricultores especiais.

*

AGRÔNOMO, FOI SECRETÁRIO DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO
E-MAIL: XICOGRAZIANO@TERRA.COM.BR

SINAIS PARTICULARES



Luxemburgo deu um tiro no próprio pé

Vanderlei Luxemburgo disse que foi fritado. Engano. O próprio técnico é que iniciou esse processo, ainda no Estadual de 2011, quando passou a pôr em prática um futebol pragmático, ou “com inteligência” – como ele mesmo definia –, de rara obsessão ofensiva, contrariando a tradição do Flamengo, visando apenas os resultados. Que foram alcançados no campeonato do Rio, dada a fragilidade dos adversários, mas que começou a desaparecer ainda no primeiro turno do Brasileiro.

Com isso, Vanderlei admitiu publicamente, diante dos rubro-negros que enxergam efetivamente futebol, que o material que tinha às mãos não era de qualidade suficiente para buscar o título. Pior ainda: que assim sendo estava conformado com empates caseiros, derrotas estratégicas – como se isso fosse perfeitamente aceitável – e posições secundárias da tabela, que praticamente impediram o time de brigar pelos títulos.

Só os que não conhecem com um pouco mais de intimidade a história do Flamengo é que engoliram passivamente as eliminações pas-

sivas na Copa do Brasil e na Sul-Americana. E que comemoraram – alguns nas ruas! – o quarto lugar no Brasileiro.

Vanderlei deu um tiro no próprio pé quando tentou manobrar a vida inteligente da torcida no estilo defensivo – pôr a vantagem mínima e recuar – que destruiu várias vitó-

Técnico tentou manobrar a vida inteligente da torcida no estilo defensivo

rias. E mais, quando quis convencer esse mesmo pessoal que a tal da quarta colocação era ótima. Essa vida inteligente é mais influente sobre técnicos e cartolas.

Essa pressão e as barbeiragens da diretoria do Flamengo nesse início de 2012 completaram o quadro de fritura e demissão. “Projeto” em qualquer time grande é ser campeão. De outra forma, como agora, o técnico acaba cavando a sua própria cova.

Não houve licença para matar

CLÓVIS ROSSI

Brasil insiste em que sírios devem dialogar, com ajuda da ONU e da Liga Árabe; crise é 'obra em progresso'

ria todo o corredor Irã/Iraque/Líbano, além da própria Síria.

O que fazer, então, para evitar o incêndio, mesmo levando em conta que não há solução mágica? Patriota trabalha com a esperança de que seja recuperada proposta brasileira formulada em outubro, a de envio de uma missão conjunta de observadores da Liga Árabe e das Nações Unidas. Teria a vantagem de somar a legitimidade da Liga Árabe para atu-

ar na região e a experiência da ONU em missões semelhantes (nem sempre bem-sucedidas, é verdade, mas não há substituto legítimo para as Nações Unidas).

Ou, então, a criação da figura de enviado especial do secretário-geral da ONU.

A diplomacia brasileira trabalha em permanente contato com os dois outros países do grupo Ibás (Índia e África do Sul, que continuam sendo membros não-permanentes do Conselho de Segurança). Como ambos votaram a favor da resolução que Rússia e China vetaram, é razoável deduzir que o Brasil, se ainda estivesse no CS, teria desta vez se

alinhado com o Ocidente.

Patriota lembra, a propósito, que Brasil sempre votou a favor de resoluções da ONU condenando a Síria por violações aos direitos humanos.

Para reforçar o apoio do Brasil à resolução vetada, o chanceler Melantônio lembra que ela continha dois elementos que o Itamaraty considera essenciais: primeiro, uma clara referência a uma ação militar e, segundo, uma referência a que o processo já desenvolvido pelos próprios sírios — ou seja, nada de uma solução imposta de fora.

Como diz o embaixador Melantônio, a crise síria é uma "obra em progresso" que, por isso mesmo, exige avaliações e reavaliações a cada poucas horas. É o que o Brasil está fazendo

rossi@uol.com.br

AMANHÃ EM MUNDO
Roberto Abdenur

PONTO DA situação síria, segundo virtual consenso entre analistas, resumido assim por Daniel Byman, diretor de pesquisas do Centro Saban da Brookings Institution:

"O ditador sírio não é forte o suficiente para subjugar a oposição, mas esta não é forte o suficiente para colocá-lo para fora".

Corolário extraído pela diplomacia brasileira: "Diante desse equilíbrio de poder, a única saída é as partes conversarem entre si", diz o embaixador Cesário Melantônio, enviado especial para o Oriente Médio.

Proposta sensata, mas que esbarra na resistência de ambos os lados. Na verdade, "não há fórmula mágica", como reconhece o chanceler Antonio Patriota. Mas Patriota se recusa a aceitar que o impasse no Conselho de Segurança, no qual Rússia e China vetaram resolução proposta pela Liga Árabe e apoiada pelos países ocidentais, "seja in-

terpretado como o esgotamento dos esforços diplomáticos, que, ao contrário, são cada vez mais urgentes e necessários".

O chanceler tampouco acha que a paralisia em que caiu o CS possa servir de cobertura para uma escalada de violência, no que não deixa de ser um crítica ao governo Bashar Assad, que ontem lançou novo e mais feroz ataque à cidade de Homs.

Patriota conversou ontem com Nabil El Araby, secretário-geral da Liga Árabe, que evocou o fantasma de uma guerra civil, que, como constatou o chanceler, "não se limitaria à Síria, pois teria reflexos regionais". De fato, um conflito na Síria afeta-

Bartolomeu Campos de Queirós, escr

Premiado no Brasil e no exterior por sua obra infantojuvenil, autor mineiro trabalhou pela difusão

Guilherme Freitas

guilherme.freitas@oglobo.com.br

Consagrado internacionalmente como autor de livros infantojuvenis, o mineiro Bartolomeu Campos de Queirós teve o mesmo sucesso quando publicou seu primeiro romance, "Vermelho amargo" (Cosac Naify), no ano passado. Com uma prosa lírica e melancólica, o livro é narrado por um homem que revisita lembranças dolorosas da infância, quando ele e os irmãos procuravam lidar com a ausência da mãe, o alcoolismo do pai e os abusos da madrasta.

Em entrevista ao GLOBO na época do lançamento do livro, em maio, Queirós contou que, embora seja em parte autobiográfico, o romance usa a ficção para explorar a maneira como todos nós lidamos com o passado: "A memória é sempre um lugar onde o vivido e o sonhado conversam", disse.

Autor deixa um livro inédito

Mesmo antes de "Vermelho amargo", Queirós já tinha amplo reconhecimento, tanto no Brasil como no exterior. Publicou mais de 40 livros, entre eles "O peixe e o pássaro" (1974) e "Raul" (1978), e recebeu os mais importantes prêmios literários do país, como o Jabuti, o da Academia Brasileira de Letras, o da Funda-

ção Nacional do Livro para Crianças e Jovens (FNLIJ), o Prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil e Juvenil e o Grande Prêmio da Crítica em Literatura Infantil/Juvenil da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Foi condecorado como Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres, na França, e recebeu a Medalha Rosa Branca, concedida pelo governo de Cuba.

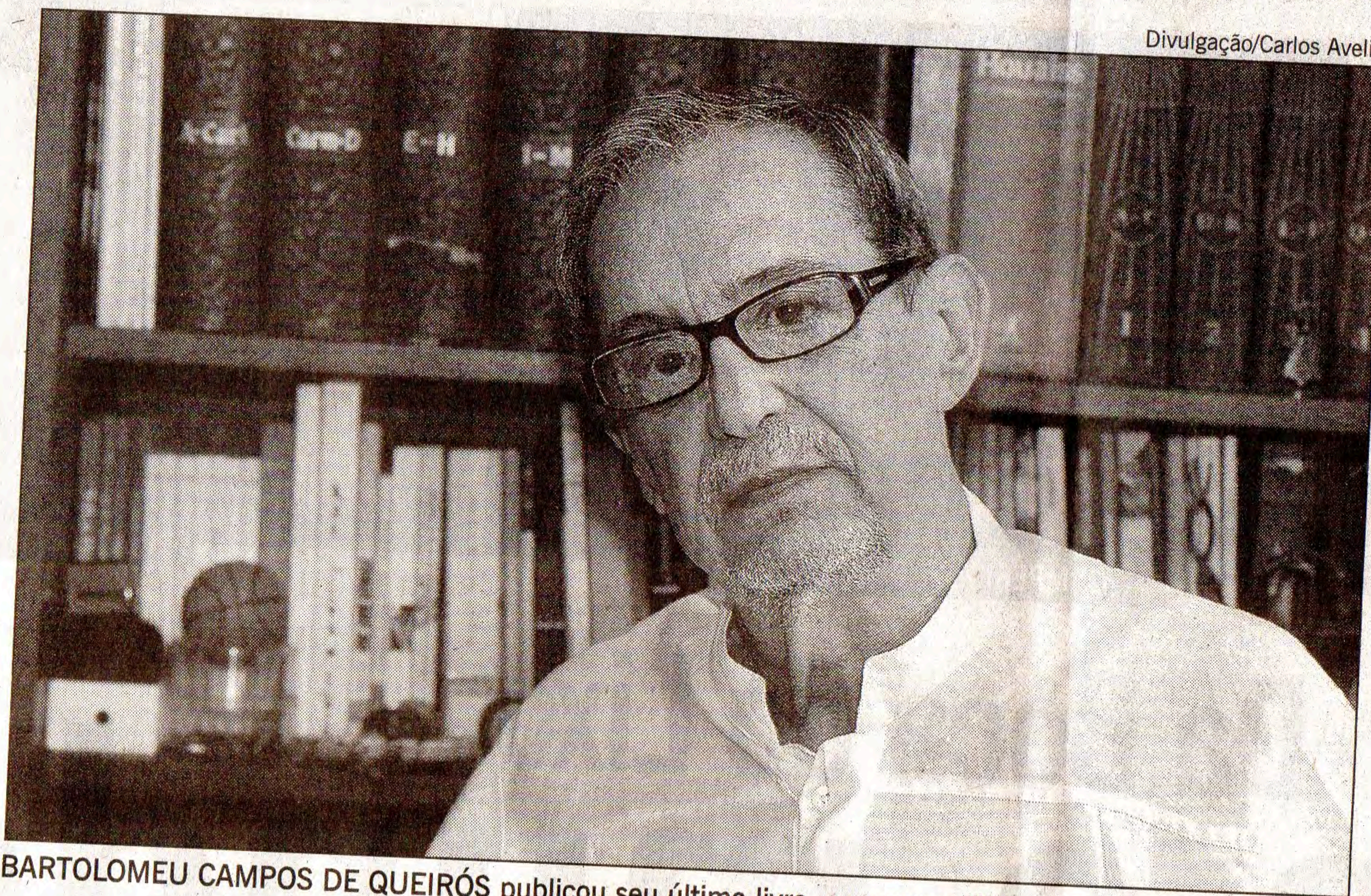
Queirós foi também educador e teve atuação destacada na promoção da leitura entre os jovens no país. Foi um dos

idealizadores do Movimento Por Um Brasil Literário, lançado em 2009 durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). O manifesto de criação do projeto, assinado por ele, declarava o desejo de fazer do Brasil "uma sociedade leitora", através da promoção de "atividades mobilizadoras que promovam o exercício da leitura literária".

Colaborou também com o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), criado em 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Foi ain-

da presidente da Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes e membro do Conselho Estadual de Cultura, em Minas Gerais.

Nascido em 1944 na cidade de Papagaio, interior de Minas Gerais, Queirós morreu na madrugada de domingo para segunda-feira, aos 67 anos, em Belo Horizonte, em decorrência de um problema nos rins. Era solteiro e não tinha filhos. A Cosac Naify anunciou que o autor deixou um livro inédito, uma narrativa breve e onírica intitulada "Elefante", sem data de publicação definida. ■



Divulgação/Carlos Avelin

BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS publicou seu último livro, o romance "Vermelho amargo", em 2011

Cantor fala sobre DVD 'We Come in Pieces' e da dificuldade de cantar sucessos do grupo

IURI DE CASTRO TÔRRES
DE SÃO PAULO

Quem vê Brian Molko, 39, se pavoneando no palco não imagina que, por trás da maquiagem e do visual andrógino, bate um tímido coração.

O vocalista da banda Placebo, que embala corações jovens há 18 anos com canções pesadas e melancólicas, lança o DVD "We Come in Pieces", registro da turnê do disco "Battle for the Sun".

Gravado em 2010, na Brixton Academy, famosa casa de shows de Londres, mostra uma banda entrosada percorrendo sua trajetória no palco.

Em entrevista exclusiva à **Folha**, Molko admite não ser fácil definir que músicas tocar em shows — muito menos subir ao palco e ser filmado.

"Sou uma pessoa muito tímida, senão não sentiria a compulsão de subir num palco", diz Molko. "Soa como um paradoxo, mas tem tudo a ver com a psicologia dúbia que existe nos músicos."

E continua: "Receber validação e admiração de estranhos é uma forma de superar uma baixa autoestima. É o que nos leva adiante."

O conflito também vem na hora de escolher que canções tocar, já que o músico vive em guerra com a própria obra.

Molko diz que, embora os grandes hits da banda o deixem "enjoadado" (principalmente "Pure Morning"), não dá para deixar de fora músicas conhecidas do público.

Estão no DVD clássicos da

"Every You Every Me".

"Tenho uma relação muito disfuncional com a maior parte do meu catálogo antigo", explica. "É a razão para sempre escrever novas músicas. Se eu achasse meu primeiro disco bom, nunca teria escrito o segundo."

O que foi fácil, segundo o cantor, foi a escolha da Brixton Academy, seu "lar espiritual", para encerrar a turnê.

"Quando era muito novo e sonhava em estar em uma banda, tocar na Brixton era o ideal de sucesso para mim", diz. "Ia lá todas as semanas, assistir a bandas como Pavement, Fugazi e Sonic Youth."

RAIVA E PRECONCEITO

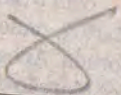
A versão "deluxe" do DVD vem com um documentário que mostra os bastidores da turnê e o curta-metragem "Trigger Happy Hands".

Molko está muito mais interessado no documentário do que no show ("nem assisti", garante). "Mostra a banda em momentos bem íntimos, e não só o lado glamouroso de ser um rock star."

O curta, que leva o título de um hit da banda, é uma ficção sobre palhaços revoltados. Para Molko, ele aborda um sentimento comum nas canções do Placebo: a raiva.

"Placebo sempre foi uma casa para os 'outsiders'", diz. "A raiva sempre foi uma força positiva para mim, porque consegui trabalhar com ela de um jeito bom, escrevendo músicas. Em vez rejeitar a sociedade, tentamos adaptá-la

Bate-Bola



Rodrigo Caetano

NOVO DIRETOR EXECUTIVO DE FUTEBOL,
EM SUA APRESENTAÇÃO OFICIAL

1. Por que o acerto com o Fluminense demorou tanto a sair?

• Nós tivemos diversas reuniões e conversas justamente para que tudo fosse definido nos mínimos detalhes para estabelecermos um planejamento. O objetivo era tra-

çar algo que não tivesse um prazo para terminar. Demoramos por causa disso. Não foi algo pré-determinado por causa do Vasco.

2. Sabe como ajudar o Fluminense a conquistar a Libertadores?

• Eu já disse que o que faz um clube conseguir um título de uma competição é a sua participação constante nela. O Fluminense tem sido frequentador assíduo da Libertadores e

isso aumenta as chances de uma vitória. São caminhos tortuosos, difíceis, já fui vice-campeão da Libertadores pelo Grêmio, sei como é complicado. Mas vejo o Fluminense com chances reais de conquista.

3. O que acha de chegar ao clube com o elenco já montado?

• É uma situação nova para mim. Tanto no Vasco quanto no Grêmio, tive um papel de construção de um

grupo de trabalho. Mas é uma melhor situação, é mais fácil chegar onde há uma estrutura já definida.

4. O que espera deste início?

• Terei o trabalho facilitado neste momento. Mas o importante é saber que não existe apenas uma filosofia de trabalho, uma maneira de trabalhar. Por isso que neste começo o que mais farei será ouvir. Ainda estou numa fase de diagnóstico.

Clementino Coelho, presidente interino da Codevasf

‘Coloquei o meu cargo à disposição por diversas vezes’

Em entrevista exclusiva, o irmão de ministro refuta o nepotismo e diz considerar ‘ético e legítimo’ ocupar a presidência da Codevasf

Vamildo Mendes / BRASÍLIA

O presidente interino da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), Clementino Coelho, rompeu o silêncio ontem para negar que tenha praticado nepotismo ou privilegiado sua terra, Pernambuco, na destinação de verbas da estatal. Em entrevista ao **Estado**, por e-mail, disse que considera “ético e legíti-

mo” ter ocupado o cargo por um ano, mesmo sendo subordinado hierarquicamente ao irmão, o ministro Fernando Bezerra Coelho. Indiferente à tempestade política que cerca a ele e ao irmão, Clementino continuou despachando ontem, além de assinar atos na presidência da estatal, na qual trabalha como técnico do quadro desde 2003.

● O sr. considera legítimo e ético ocupar a presidência da Codevasf no período em que o seu irmão é seu superior hierárquico?

Ético e legítimo, sim, porque não poderia, como gestor público responsável, deixar de cumprir com as obrigações estatutá-

rias de companhia em função da vacância da presidência. Além disso, coloquei meu cargo à disposição logo no início da nova gestão e por diversas vezes em seguida. Com relação ao nepotismo a legislação é clara, como expresso no inciso III do artigo 4.º da lei (7.203/2010 *que exclui das vedações as nomeações, designações ou contratações realizadas anteriormente ao vínculo familiar entre o agente público e o nomeado, desde que não caracterize ajuste prévio para burlar a lei do nepotismo*).

● O sr. assinou contrato para fornecimento de 60 mil cisternas e quase 40% foram destinados a Petrolina, cidade onde seu sobri-

Diário Oficial da União - Seção 3

Nº 6, segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

RESULTADO DE JULGAMENTO CONCORRÊNCIA Nº 18/2011

A Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba - CODEVASF, comunica aos interessados em

valor Global de R\$ 2.904.239,73 (dois milhões novecentos e quatro mil, duzentos e trinta e nove reais e setenta centavos).

CLEMENTINO DE SOUZA CELHO
Resp. p. Presidência

Assinatura. D.O.U mostra que Clementino continua no cargo

nho é pré-candidato a prefeito.

Por que o privilégio?

Isso não é verdade. O que o contrato define é que as cisternas licitadas serão entregues nas 7 superintendências da Codevasf, para posterior distribuição em 96 municípios em diversos Estados. Das 22.799 mil cisternas entregues na superintendência de Petrolina, apenas 2.658 serão instaladas neste município. Quem define a distribuição é o Comitê Gestor do Programa

Água para Todos, composto pelo MI, o MDS, o MMA, o Ministério da Saúde/Funasa, o Ministério das Cidades, a Fundação Banco do Brasil, com base nos dados do Cadastro Único, o mesmo do Bolsa Família.

● O sr. participou de reuniões da Codevasf com seu irmão e seu sobrinho deputado de Pernambuco, interpretadas como uso da máquina em favor dos interesses políticos do seu grupo familiar.

Como responde a essa crítica?

Sempre que convocado, participei de reuniões administrativas com a equipe do ministério, sendo que em algumas ocasiões, o ministro se fez presente. Esclareço que em nenhuma ocasião realizei ou participei de reunião administrativa com presença do deputado Fernando do Filho. Participei, contudo, como é natural, de eventos públicos de lançamento de programas em vários Estados com presença de parlamentares, prefeitos, governadores e outras autoridades. Em algumas dessas ocasiões o deputado Fernando do Filho se fez presente.

● O sr. se considera injustiçado?

Injustiçado não. Era esperado que surgissem interpretações equivocadas baseadas no desconhecimento específico do estatuto da Codevasf e das exceções da legislação contra o nepotismo, prova disso que tive a iniciativa de colocar meu cargo à disposição diversas vezes

Bate-Bola

Sergio Landau

DIRETOR EXECUTIVO DO BOTAFOGO

✚ O Botafogo já foi procurado para negociar a realização do evento do UFC no Engenhão?

⦿ Ninguém nos ofereceu alguma proposta em relação a isso ainda. Não temos nada de concreto por enquanto. Estamos pronto para recebê-los, mas eles têm de nos procurar primeiro.

✚ O estádio teria estrutura e disponibilidade para receber o evento?

⦿ Eles não precisam nem nos visitar, pois já o fizeram há dois anos. Eles conhecem nossa estrutura.

✚ O Engenhão poderia receber mais do que sua capacidade total para um evento do UFC?

⦿ Podemos fazer um evento para mais de 45 mil pessoas. Quem não gostaria de receber um UFC? O Engenhão é um estádio olímpico e está pronto para qualquer evento.

E+ UFC

Confira no site campeão da rede to-

LANÇE!

Ainouz começa a rodar 'filme de macho'

Após produções com temas femininos, diretor abordará estereótipos masculinos, como a paixão por máquinas

Com locações em Berlim e Fortaleza, 'Praia do Futuro' terá Wagner Moura no elenco; gravações começam no dia 27

FABIO CYPRIANO
ENVIADO ESPECIAL A BERLIM

Depois de produções com temáticas femininas, como o longa "O Céu de Suely" (2006) e a série de televisão "Alice" (2008), o diretor brasileiro Karim Ainouz começa a filmar no dia 27 "Praia do Futuro", que trata de estereótipos masculinos, como a paixão por máquinas e velocidade. "Vai ser filme de macho",

disse o diretor cearense à **Folha**, em tom de brincadeira.

A entrevista foi feita em um restaurante no alternativo Kreuzberg, bairro turco de Berlim, primeira locação do filme. Fortaleza, onde Ainouz nasceu, será a outra.

Dez anos depois de lançar o premiado "Madame Satã"

“ Eu quero fazer um filme de ação e aventura, bagunçar um pouco a ideia de filme de autor

KARIM AINOZ
diretor

(2002), Ainouz dirige pela primeira vez no exterior.

"Eu cheguei a ter alguns convites, mas não achava que estava preparado nem queria fazer por fazer. 'Praia do Futuro' é um filme afetivo, rodado em lugares em que vivi ou vivo, então acho que agora faz sentido", contou.

Ainouz morou em Berlim em 2004 e, desde 2008, ele divide seu tempo entre São Paulo e a capital alemã.

O filme, com roteiro de Felipe Bragança e do próprio Ainouz, se passa em dois momentos. O primeiro se situa em 2004, quando o salva-vidas cearense Donato (Wagner Moura) resgata o turista alemão Konrad (Clemens

Schick), na praia do Futuro, em Fortaleza. Em seguida, ambos vão para Berlim.

O outro se passa em 2012, quando o irmão de Donato, Ayrton (Jesuita Barbosa), um entusiasta das motocicletas, sai em busca do irmão.

BRIC

Diferentemente da situação de "Terra Estrangeira" (1996), longa de Walter Salles e Daniela Thomas, quando imigrantes brasileiros viviam, em geral, como subempregados, "Praia do Futuro" deve refletir o novo momento do país.

"Estamos em 2012, diante da força do Bric [bloco econômico formado por Brasil, Rússia, Índia e China], e o Do-

nato vai ser um brasileiro que fala alemão e tem um bom emprego", explica o diretor.

Os principais personagens do filme são baseados em heróis de quadrinhos e séries de TV. O salva-vidas foi inspirado no Aquaman, e o irmão, no piloto Speed Racer.

"Eu quero fazer um filme

“ Eu cheguei a ter convites [para filmar no exterior], mas não achava que estava preparado nem queria fazer por fazer

de ação e aventura, bagunçar um pouco a ideia de filme de autor [de produções mais intelectualizadas e com autonomia do diretor], até ser abusado dizendo que quero algo tipo James Bond

Orçado em cerca de milhões, "Praia do Futuro" será uma coprodução com a Alemanha com cinco milhões e outras duas em Fortaleza.

Em seguida, ainda neste meio semestre, ele espera o lançamento de "O Aterrissagem" no Brasil. O filme que liga o Ceará à Alemanha deve ser lançado em

O jornalista **FABIO CYPRIANO** se tornou convidado do Festival de Berlim

'Há o mesmo mecanismo de exclusão do Brasil'

Relatora brasileira da ONU para o direito à moradia desafia críticas a Israel e Autoridade Palestina

ENTREVISTA

Raquel Rolnik

• TEL AVIV. Em sua oitava missão desde que assumiu o posto de Relatora Especial da ONU para o direito à moradia adequada, em 2008, a brasileira Raquel Rolnik passou as últimas duas semanas verificando *in loco* em que condições de habitação estão vivendo israelenses e palestinos. Pela primeira vez na região, a arquiteta e urbanista paulista não se intimidou com a complexidade dos problemas, que misturam questões socioeconômicas, étnicas e religiosas.

O relatório preliminar que divulgou no último domingo não poupa ninguém. Raquel acusa o governo da Autoridade Nacional Palestina (ANP) de não ter controle sobre projetos de construção nas áreas que controla, na Cisjordânia. E de priorizar a construção de moradias para a classe média — como o projeto da moderna cidade de Rawabi, perto de Ramallah — em vez de investir na construção de casas populares.

Mas é Israel o alvo das críticas mais ferozes da relatora. Ela censura o governo do país pela violação dos direitos dos palestinos na Cisjordânia e por ajudar a piorar as más condições de habitação na Faixa de Gaza com o bloqueio econômico à região. Isso sem contar a discriminação sistemática da minoria

árabe através de um planejamento habitacional que limita ou ignora populações inteiras, como vilarejos beduínos no Deserto do Negev, no Sul do país. Israel também estaria tentando “judaizar” Jerusalém Oriental com uma política de demolições de casas de palestinos da cidade e de proibição de novas construções.

Em entrevista ao GLOBO após a divulgação do relatório — cujo texto final será discutido no Conselho de Direitos Humanos da ONU em março de 2013 — Rolnik conta como a experiência no Brasil a preparou para lidar com regiões tão distintas e encontrar, apesar de tudo, tantos pontos em comum.

Daniela Kresch
internacio@oglobo.com.br

Especial para O GLOBO

• Como o olhar brasileiro ajuda a entender a situação no Oriente Médio?

RAQUEL ROLNIK: A experiência do Brasil me trouxe o conhecimento de como você pode ter um sistema de planejamento que exclui uma parte da população do acesso à terra e como uma população pode se instalar informalmente e se tornar ilegal. Essa população sem acesso a possibilidades formais de expansão de suas casas e de seus bairros acaba construindo por si só, e o sistema de planejamento não reconhece sua existência. E ao não re-

conhecer, transforma o que eles produzem em algo ilegal, o que leva a remoções, às vezes violentas, reassentamentos forçados de comunidades que estão naqueles lugares há muitos anos. É como o que estamos assistindo no Brasil hoje, na preparação de algumas cidades para as Olimpíadas e para a Copa do Mundo.

• Que paralelo a senhora faria com o conflito entre israelenses e palestinos?

ROLNIK: Reconheço aqui esse mesmo mecanismo, que constrói uma ordem que exclui as minorias para depois incluí-las só quando se quer. Israel tem um planejamento muito mais rígido que o brasileiro, muito mais estruturado. Mas é um planejamento que ignora a existência de algumas comunidades árabes dentro de Israel. Ao chegar nessas comunidades “invisíveis”, as autoridades imediatamente declaram que há casas ilegais, que têm que ser destruídas ou removidas. A minha visão brasileira é essencial para poder declarar que é possível aceitar a diferença e fazer as coisas de maneira mais democrática.

• Criado para abrigar uma mi-

noría, o Estado de Israel não consegue lidar com suas próprias minorias?

ROLNIK: O problema é que além da questão nacional, há dimensões étnicas e religiosas. Antes da criação de Israel, já havia outro povo vivendo aqui. Algumas dessas pessoas tiveram que sair e são refugiadas até hoje, sonhando em voltar um dia. Tudo isso torna toda

a questão aqui muito mais complexa. E esse é o ponto fundamental: os dois povos têm que ter acesso à terra e o direito a uma nação livre, autônoma e independente. Mas o que acontece, na prática, é a contínua ocupação das terras e a instalação de colônias. É muito chocante ver que há na Cisjordânia uma si-

tuação criada pelos Acordos de Oslo (1994) que deveria ser temporária, mas que se mantém. Pelos acordos, Israel iria se retirar do controle da área C (60% da Cisjordânia), que iria sendo passada progressivamente para a Autoridade Palestina. Mas, na verdade, o que está acontecendo na área C é puramente ocupação da terra, é a expansão das fronteiras israelenses, é a instalação de colônias. O cha-

mado muro da Cisjordânia é mais uma violação inaceitável.

• E a alegação de que Israel se mantém na Cisjordânia por motivos de segurança? Não tem fundamento?

ROLNIK: A segurança é parte de toda essa máquina. O modo funciona como uma justificativa para a expansão e a apropriação. Ao mesmo tempo, percebo é que essa estratégia de expandir e controlar provoca mais ódio ainda, não está contribuindo para a paz. Essa justificativa pela guerra, pelo terrorismo transforma todo e qualquer palestino em terrorista, o que não é verdade, assim como não é verdade que todo israelense seja um autoritário ou um colono ocupante.

• A senhora também não poupa a Autoridade Nacional Palestina no relatório. Por quê?

ROLNIK: Não parti de um pressuposto definido, de que há bandidos e mocinhos. Por isso é que também levantei a questão de algo que está acontecendo dentro da área controlada pela ANP, que está estrangulada, com capacidade de agir limitadíssima. Justamente por isso, levar adiante a construção de Rawabi, uma cidade com 5 mil casas para classe média alta, não é uma prioridade quando há tanta gente carente de serviços básicos como água e esgoto. ■



O planejamento ignora a existência de algumas comunidades árabes em Israel

TIAGO LEIFERT ENLATADO

Apresentador do *Globo Esporte* lança caravana por São Paulo

Ilina Dauroiz

Amo pelo estilo despojado que deu à edição paulistana do *Globo Esporte*, Tiago Leifert ganha, a partir da próxima segunda-feira, uma versão de programa “enlatada e com rodinhas”, como ele mesmo apelidou o novo estúdio móvel que aparecerá pelo menos uma vez por semana no jornalístico.

Adaptado pela equipe do *Lata*

Velha, quadro de restauro de automóveis do *Caldeirão do Huck*, o ônibus perdeu as poltronas e ganhou telão, sofá para receber convidados, luzes de estúdio, além de redação, camarim e banheiro, para comportar ao menos 20 pessoas da produção.

“Queremos ir aonde a notícia está. Vamos circular por São Paulo, na porta dos treinos e na saída das escolas, onde tem uma molecada com boa

energia, que é a cara do programa”, explica Leifert que, na última quinta-feira, completou três anos como apresentador e editor-chefe do *Globo Esporte*.

Segundo o jornalista, a ideia do ônibus começou a ser discutida no fim de 2010 e veio da vontade de contemplar quem não está

em casa para ver o programa ou quem, na hora do almoço “está na padaria vendo a TV no mudo”.

“Quase todo dia tem no estúdio filho de funcionário, gente do Comercial da Globo e cliente de fora, todos doidos pra ver como o programa é feito. Então, pensei em sair do estúdio. Mas a

ideia do ônibus foi da nossa produtora Karina Falzoni”, conta.

Leifert, que se diz “meio fominha” no trabalho, diz que, provavelmente, ele comandará as matérias do veículo, mas não descarta que outros repórteres da casa possam substituí-lo. “Acho que o único que pode ter



Ônibus e estúdio. Para “ir aonde a notícia está”, diz o jornalista

alguma dificuldade é o (repórter) Bruno Laurence, que tem mais de 1,90m e não cabe de pé no ônibus”, diz, rindo.

A princípio, a jornada da caravana do *Globo Esporte* fica pelo Estado de São Paulo, para cobrir o Campeonato Paulista, mas Leifert não descarta a visita a outros Estados, quando começar o Campeonato Brasileiro.

“Quería até aproveitar esta entrevista para mandar um abraço pro pessoal da CET (*Companhia de Engenharia de Tráfego*)”, disse o apresentador por telefone ao *Estado*. “Vamos ter de contar com eles, porque, com certeza, onde o ônibus parar vai chamar a atenção. Não queremos atrapalhar ainda mais o trânsito de São Paulo.”

Já sobre o *Central da Copa*, programa que apresentou Leifert à rede nacional, e que alcançava bons índices de audiência na madrugada, depois dos jogos, Leifert diz que a atração pode voltar no meio do ano, para a Eurocopa

MINHA HISTÓRIA RODRIGO CUNHA

13 ANOS DE ESPERA

Filho de **deputada morta** se prepara para o julgamento do crime. "Foi difícil escutar: 'Por que você não vai lá e **resolve isso?**'"

(...) Depoimento a

SÍLVIA FREIRE
DE SÃO PAULO

Alagoas ainda tem fama de ser terra de pistoleiro, onde a gente tem que revidar. Foi difícil escutar as pessoas dizendo: "Rapaz, por que você não vai lá e resolve isso?"

Em 16 de dezembro de 1998, minha mãe, a deputada Ceci Cunha, foi diplomada para mais um mandato. Era um momento de muita alegria para nós. Na época, eu tinha 17 anos.

No dia do crime, comecei a receber telefonemas de pessoas que não costumam me ligar. Perguntavam se estava tudo bem, eu dizia que sim, desligavam. Tentava falar com meus pais, mas não conseguia. Telefonei para a minha irmã, na época com 19 anos, que disse estar recebendo as mesmas ligações.

Não tivemos dúvida de que alguma coisa tinha acontecido com nossos pais.

Começamos a percorrer os hospitais. Ninguém tinha coragem de nos dizer.

Ao chegar ao terceiro hospital, um taxista falou ter ouvido que tinham matado a deputada e toda a família dela. Abracei minha irmã e começamos a chorar.

Depois entendemos que as pessoas ligavam para a gente porque pensavam que também tínhamos sido mortos.

Foi um crime que marcou nossa vida. Em 2000, Talvane Albuquerque [acusado de ser o mandante do crime] se matriculou na mesma faculdade de direito que eu, em Maceió. Desisti do curso. Não conseguiria conviver com ele.

Seis meses depois, fiz vestibular em outra faculdade.

Nossa cultura é resolver as coisas na bala, acredito que pela certeza da impunidade. Mas minha índole e minha educação nunca foram essas.

Meu onculho foi o mais sofrido: ir atrás da Justiça mesmo sabendo que os bandidos que tinham matado meus

pais estavam soltos.

Via os acusados indo a restaurantes, à praia, como se não tivessem feito nada. Ficaram presos por pouquíssimo tempo.

O JULGAMENTO

Nada justifica a demora de 13 anos para o julgamento. O processo está bem instruído, não existem duas versões e há provas robustas. Mas os advogados de defesa sempre conseguiam adiar.

O que mais eu ouvia era: "Não se iluda, não vai dar em nada". Eu respondia: acredito e vou lutar para isso.

Criei um site [www.queremosjustica.com.br], que reúne o conteúdo do processo. Há um vídeo de um dos assassinos confessando.

Muitos acham que eu digo que foi Talvane o mandante porque ele foi o único beneficiado com a morte de minha mãe. Mas tenho certeza pelas provas do processo. Acredito na condenação.

Estou preparado para acompanhar o julgamento. Será uma carga emocional muito forte, mas é necessário para fechar o ciclo, cicatrizar feridas e virar a página.

Até hoje não vi foto do crime. Acredito que, no julgamento, quando mostrarem as imagens, vou fechar os olhos.

Quero guardar a imagem da minha mãe e do meu pai como pessoas felizes.

O advog

LENTI

Program
casos co

Edinho

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!,
EM MANGARATIBA

1. Você se considera parecido com o Abel Braga?

☺ Fico feliz demais com essa comparação, de ser parecido com ele. O Abel sempre confiou em mim.

2. Ele era zagueiro e você é volante. Quais as maiores diferenças?

☺ Minha posição exige muito que eu treine forte sempre. E com um time tão qualificado como esse do Fluminense, tenho de estar sempre focado na marcação.

3. Como você descreveria o seu treinador, rapidamente?

☺ Com ele não tem essa de olhar. O Abel fala mesmo na cara, é um sujeito que cobra mesmo. Ele gosta das coisas bem simples...

4. Alguma característica do estilo dele que seja mais marcante?

☺ O torcedor às vezes não gosta muito, mas ele pede para que joguemos feio mesmo pelo resultado. É bonito o trabalho de cada um, fazer o gol, dar um passe para o gol, mas ele sabe muito bem o trabalho de cada jogador.

5. E como foi trabalhar junto com ele lá no Internacional?

☺ Aprendi muita coisa lá no Sul. Foi um momento legal na minha vida, conquistei muitos títulos.

'NÃO SOU O TIPO QUE BEBE CERVEJA'

A cantora e atriz americana Jennifer Lopez, 42, chegou às 22h10 no Camarote Brahma da Sapucaí, anteontem. Ela conversou com alguns jornalistas. A seguir, as perguntas da coluna:

Folha - Você gosta de beber cerveja?

Jennifer Lopez - Não, eu não sou o tipo que bebe cerveja, mas tenho muitos amigos que bebem [risos].

Então por que você aceitou fazer essa campanha [da Brahma]?

Porque era sobre o Brasil, sobre o Carnaval, sobre a celebração da vida. Era mais sobre essas coisas boas do que qualquer outra. E eu nunca tinha estado no Carnaval. Pensei que era uma boa maneira de ter essa experiência.

E você ganhou muito dinheiro com a campanha?

Hã? 'Sorry?' [Desculpe?]. Eu não sei. Eu não penso muito nessas coisas. E acho que falar disso é de mau gosto.

Quais os benefícios de se relacionar com alguém mais novo [seu namorado, Casper Smart, tem 24 anos]?

Ah! Ra-ra-ra [estica o braço

em direção à repórter, fecha a mão em um gesto de acabou].

A assessoria fala: "Obrigada, gente. Acabou!". Um dos dois seguranças que vieram dos EUA com J.Lo grita: "Todo mundo pra fora, agora!".

Pouco antes, Luciana Gimenez, apresentadora da RedeTV!, tinha deixado a salinha onde Jennifer estava irritada. "Rolou uma confusãozinha lá dentro, estresse, deixa acabar."

A confusão é que J.Lo só falou com a TV Record, porque ela terá um programa de show de talentos dentro de uma atração comandada por Rodrigo Faro.

A cantora e seu entourage de 14 pessoas, entre eles figurinista, cabeleireiro etc., vão para o cercadinho VIP ver as escolas de samba. Rodrigo Faro não desgruda. Faz fotos com o celular, mostra as passistas. O ar condicionado da área VIP parece uma cachoeira e uma faxineira coloca dois baldes no local.

J.Lo arrisca dançar. Come

pastéis de carne e batata frita. O fotógrafo da coluna a flagra mordendo o petisco. Ela faz um não com a mão e vira de costas.

A atriz Deborah Secco entra no cercadinho. "Ela me perguntou se eu era atriz, porque viu que sou reconhecida. Eu disse que ela era bonita e ela respondeu: 'Você que é.'"

O ator Marcelo Serrado tira foto com a estrela. "Falei pra ela: 'Enjoy your time here' [aproveite o seu tempo aqui]", diz Serrado. E ela? "Falou: 'Thanks a lot' [Muito obrigada]."

À meia-noite, quando as duas horas de presença na festa combinadas em seu contrato vencem, Jennifer deixa a Sapucaí.

Rodrigo Santoro, que contracenou com a atriz na comédia inédita "O que Esperar Quando Você Está Esperando", não conseguiu vê-la. "Fiquei duas horas no trânsito", diz ele. Perguntado se ela beija bem, responde: "É beijo técnico".

Luiz Fernando Pezão

VICE-GOVERNADOR DO RIO

✚ Como foi o início das negociações com o governo federal para a transferência das obras?

○ A presidente pediu as ministras Gleise (Hoffmann, Casa Civil) e Miriam (Belchior, Planejamento) para falar com a gente.

✚ E como foi o encontro?

○ Eu e o Eduardo (Paes, prefeito do Rio) fomos a Brasília e iniciamos as conversas. Temos outra reunião agendada para março.

✚ O novo autódromo em Deodoro será erguido pelo estado?

○ Sim. Tudo a ser construído em Deodoro ficará com o estado.

RENÉ CANTA FREUD

René. Uma sensual
ex-testemunha
de Jeová

Em turnê pelos EUA, a polêmica
dama do jazz evoca no novo CD
o criador da psicanálise, sobre o
qual fala em entrevista exclusiva

Antonio Gonçalves Filho

René Marie é uma cantora cult de 56 anos sempre lembrada por ter trocado há quatro anos a letra do hino americano numa cerimônia pública em Denver – ela usou no lugar os versos da subversiva *Lift Every Voice and Sing*, poema de James Weldon Johnson (1871-1938) considerado o hino nacional dos negros. O prefeito de Denver recebeu inúmeras mensagens de protestos, mas ela não se desculpou.

Sua mais nova provocação é o disco *Black Lace Freudian Slip* (lançado nos EUA, mas não no Brasil, onde esteve em 2009, cantando no Bridgestone Music Festival). Em turnê pelos EUA, ela diz que adoraria voltar a País. Sobre o disco e sua carreira ela fala a seguir, em entrevista exclusiva, ao Estado.

● Você sempre inclui composições suas nos discos e o mais recente, *Black Lace Freudian Slip*, é uma coleção de peças originais. De certo modo, isso leva a uma comparação inevitável com cantoras e compositoras como Joni Mitchell e Patricia Barber, ambas sempre dispostas a criar álbuns conceituais, tradutores de uma ideologia. Essa foi a razão de você ter escolhido Freud como tema de um CD que fala fundamentalmente de experiências psicológicas? A ideologia por trás de *Black Lace Freudian Slip* me intriga, quero dizer, não estou bem certa de onde veio a ideia do título ou por que escolhi as canções que estão nele. Gosto dessas coisas que me deixam assombrada. Para mim, o processo não é me aprofundar para desco-

bri algo, mas, antes, ter a coragem de liberar sentimentos que tento encobrir. Por exemplo, na faixa-título, *Black Lace Freudian Slip*, o que emerge é uma entrega sensual, provocativa, visceral. Há um aspecto nessa entrega que pode ser considerado agressivo – e acredito, de fato, que exista alguma agressão aí, mas apenas no contexto do “Ouçam-me, veja como sou uma mulher sexy e inteligente”. Conheço minha força e minha fraqueza: sei o que quero, como quero e não tenho medo de dizer isso a ninguém.

● A faixa *Thanks, But I Don't Dance* sugere o ambiente de um clube noturno diferente do cenário familiar em que você vivia com o marido e seus filhos antes de começar sua carreira. Tem um raro senso de humor que contrasta com seu passado triste de esposa desrespeitada, segregada por ser negra e ter sido



Black Lace Freudian Slip
René Marie
Motema Rec, importado, US\$ 14

testemunha de Jeová. A canção é uma provocação? A canção foi escrita por Patti McKinney. Na verdade, é uma metáfora sobre o ato de se apaixonar. O verso “Você conquista o coração de alguém por causa de sua arte, e então sua arte é que aponta o caminho” resume uma experiência que muitos músicos tiveram. Todos amam um músico cuja arte toca a alma – é fácil se apaixonar por ele. Porém, o aspecto criativo do estilo de vida desse músico pode impor desafios ao mais sólido dos relacionamentos. Músicos frequentemente passam muito tempo fora de casa e, ao chegar nela, precisam da solidão para se inspirar. Acontece que topamos com estranhos que nos importunam e, então, *Thanks, But I Don't Dance* simplesmente significa: “Gosto de você, eventualmente posso até amar, mas isso será um problema para nós dois. Portanto, não devemos levar a coisa adiante, aproveitemos o momento”.

● A canção *Deep in the Moun-*

tains é do seu filho Michael, que lhe encorajou a cantar. Quantos anos ele tinha e por que razão você adiou o início de carreira, que lembra a história de Alberta Hunter ter ficado afastada 30 anos do palco para se dedicar à enfermagem? Michael é um talentoso compositor e cantor. Diria isso mesmo se não fosse meu filho. Ele beirava os 20 anos quando tivemos essa conversa sobre cantar. Eu fazia isso o tempo todo em casa, mas, por me ver apenas como esposa, mãe e uma pessoa religiosa, não me passava pela cabeça ser cantora.

● No CD *Voice of My Beautiful Country* você canta uma música em espanhol, *Angelitos Negros*. Qual a importância da cultura latina em sua formação?

Quando estive em São Paulo há três anos cantei músicas de Jobim e também *Like a Lover* (*O Cantador*), de Dori Caymmi. Sobre *Angelitos Negros*, belo poema de Andres Eloy Blanco musicado por Manuel Alvarez Maciste, foi o tema que me inspirou. Nela, um poeta pede ao pintor que não pinte só anjos brancos, mas também negros. Isso me encantou. É bem conhecido o fato de que a maioria dos oprimidos no mundo são negros ou mestiços – e nos EUA,

os descendentes de espanhóis são igualmente discriminados. Não posso fazer nada a esse respeito, mas posso cantar algo que traduza o que sinto.

● Sua posição ideológica como defensora dos direitos civis é bem conhecida desde que cantou o hino nacional americano com letra trocada numa cerimônia oficial. Quais são suas expectativas sobre as próximas eleições e sua opinião sobre Obama?

Não acredito que política ou eleições mudem alguma coisa. Acredito, sim, que pessoas comuns possam mudar o mundo por meio de atos individuais de coragem e consciência.

● Você esteve ligada no começo à Maxjazz. Por que largou o selo?

Sempre escolho as canções que vou cantar. Sempre. O selo nunca insistiu para que gravasse uma canção específica, mas vetaram uma da qual gostava muito, sugerindo que registrasse um cover no lugar. No meu novo selo, Motema, tenho liberdade de misturar tudo, como fiz no CD *Voice of My Beautiful Country*, que reúne canções folk como *John Henry* (sobre um escravo que trabalhou na construção de estradas de ferro) rock como *White Rabbit* (sobre o consumo de substâncias lisérgicas por Alice, a do país das maravilhas), jazz como *Strange Meadow Lark* (hit de Dave Brubeck) ou até mesmo recriar o som da Motown com *Just My Imagination*.

“

NOS PRIMEIROS
DISCOS TENTAVA
IMITAR OUTRAS
CANTORAS, MAS
AGORA ME SINTO
MELHOR AO PERMITIR
QUE MINHA VOZ SEJA
O QUE DE FATO É”

“

IGNORO AS
EXIGÊNCIAS
COMERCIAIS PARA
ME MANTER FIEL À
DIREÇÃO QUE
ESCOLHI. SÓ CANTO
O QUE QUERO”

José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobrás

'Este é apenas um ciclo que se fecha'

Presidente da estatal diz que troca no comando é natural e garante que problema com sondas não causou desgaste

Irany Tereza / RIO

Algumas horas antes de embarcar para a Suíça, onde participará do Fórum Econômico de Davos, o presidente da Petrobrás, José Sergio Gabrielli, em entrevista por telefone, classificou sua saída do cargo como parte de um processo normal de mu-

dança de gestão executiva. Para ele, chegou o momento de "fechar o ciclo". Gabrielli desmente qualquer atrito com o governo e nega que o intrincado processo de contratação de 21 sondas, cuja licitação foi suspensa no mês passado, tenha contribuído para sua saída. "Não tenho nenhuma informação de nenhuma notícia de uma mudança com tensão ou problemas", disse. A seguir, os principais trechos da entrevista:

● **Houve antecipação na sua saída? A que o sr. atribui a troca?**

Estou na Petrobrás há nove anos. Como presidente, há seis anos e sete meses. Sou o presidente mais longo da companhia. Acho natural que isso ocorra. É um ciclo que se fecha. O outro elemento que pesou na mudança foi o convite do governador Jaques Wagner. Estou indo para o governo da Bahia.

● **Para qual secretaria? É uma preparação para a campanha ao governo em 2014?**

Não sei ainda para qual secretaria. O governador é que vai decidir. Estou indo para ajudá-lo no

governo, não para fazer campanha. 2014 ainda está muito longe.

● **O que muda na Petrobrás com a troca na presidência?**

Acho que não haverá grandes mudanças. A Graça (Foster) é uma profissional de altíssima qualidade, me dou muito bem com ela. Os grandes temas da companhia permanecem os mesmos, os processos, as formas, as pessoas. Acho que ela vai continuar trabalhando em perfeita sintonia.

● **As ações da Petrobrás estão subindo muito hoje (ontem). A que o sr. atribui isso?**

Acho que à garantia da continuidade da empresa. O mercado não espera grandes mudanças.

● **Mas, é natural que a nova presidente mude nomes na diretoria... Isso é tarefa do Conselho (de**

Administração). Não sei ainda o que será definido no próximo dia 14, mas é tarefa do conselho, do qual ainda sou membro, decidir sobre mudanças.

● **O que o sr. destacaria como marca de sua gestão na Petrobrás?**

Em primeiro lugar, o fortalecimento do Sistema Petrobrás. Unificamos as funções corporativas, reorientamos a estrutura de gestão da companhia para um processo, e não para uma gestão de resultados, para aproveitar melhor o benefício de ser uma empresa grande como a Petrobrás. Também aceleramos o compromisso de crescimento com nossa cadeia de fornecedores. Por fim, identificamos gargalos operacionais e montamos programas para resolvê-los. Hoje, mais da metade do pessoal da Petrobrás tem menos de 10 anos de empresa. Renovamos

muito o nosso quadro.

● **Há comentários de que o novo governo terá uma relação entre a direção da estatal e o governo federal que não existia no governo anterior? Há algum problema?**

Acho isso absolutamente sábio. Trabalhamos sempre para o melhor resultado possível. Mas o ritmo de resolução de questões depende da complexidade de cada assunto. A gestão das sondas é um processo complexo, mas não acho que tenha tido qualquer problema. Não tenho nenhuma informação, das minhas conversas com a presidente Dilma Rousseff, os ministros (Guido Mantega e Edison Lobão), com o governador Jacques Wagner, com o ex-presidente Lula ou nenhuma notícia de mudança com tensão ou problema. É apenas um ciclo que se fecha.

NUA HÁ

meio século

HÁ 50 ANOS, VERA FRANÇA, 70, TEM O MESMO OFÍCIO: SERVIR DE MODELO NU PARA ARTISTAS. ABAIXO, ELA CONTA SUA TRAJETÓRIA E DIZ POR QUE ESCOLHEU ESSA PROFISSÃO

(...) Depoimento a

ALEXANDRE ARAGÃO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Eu gosto de ficar pelada desde pequena, quando ainda morava em Afogados de Ingazeira (PE), onde nasci.

Aprendi a andar a cavalo com meus primos, eu tinha uns 12 anos, e ia nua tomar banho no açude.

Minha professora falava: "Que menina safada, nua em cima de um cavalo!", e contava para o meu pai.

Apanhava, chorava, mas não adiantava: fazia de novo.

Quando fiquei mais mocinha, andava por aí só de saia. Meu pai brigava comigo, falava pra eu ficar dentro de casa, mas não adiantava.

Éramos 13 irmãos —era a mais velha, criei todo mundo. Dava pinga com rapadura para eles dormirem e ia até a janela namorar.

Meu nome não é Vera.

Em casa tinha muita Maria: Maria Josefa, Maria de Lourdes, Maria José.

Não gosto do meu nome de batismo, Maria das Dores. Se fosse Maria Antônia, até acharia bonito.

Um dia, ainda em Pernambuco, decidi comigo mesma: de hoje em diante, me chamo Vera. Não é que pegou? Tem muita gente que não sabe meu nome real.

Meu primeiro convite para posar como modelo nu aconteceu quando trabalhava num parque de diversões em Salvador. Eu tinha 20 anos e queria ser bailarina de cancan, mas acabei virando Tanagra, a menor mulher do mundo. Um jogo de luz fazia com que as pessoas me vissem dentro de um aquário. Usava um biquíni bem pequenininho, da cor da pele.

Um dia, um estudante de engenharia me viu no parque e perguntou se eu queria ser modelo de uma escola de belas artes de Salvador. "É o que eu mais quero, mas só se for uma coisa de respeito."

Na verdade, não sabia direito o que era — não sabia que era pra ficar pelada pros outros me desenharem.

Quando trabalhava em Sal-

vador, conheci uma mulher chamada Maitê, de São Paulo. Ela tinha ido à Bahia de férias e aproveitou para procurar uma modelo. Mais ou menos um mês depois de conhecê-la, cheguei a São Paulo.

SÃO PAULO

Desembarquei do ônibus à meia-noite, era dia 3 de abril de 1966. A Maitê foi quem me apresentou ao Flávio de Carvalho, o primeiro artista para quem posei aqui, logo que cheguei.

Acabei ficando no apartamento dele, na avenida Ipiranga, número 81.

Um tempo depois de eu vir para São Paulo, minha família toda veio de Pernambuco para cá. Eles não implicavam com a minha profissão. Hoje, dos 13 irmãos, só eu e mais uma continuam vivas.

Continuei posando mesmo quando fiquei grávida da minha segunda filha, quando tinha 40 anos.

Quando fiz 50 anos de carreira, no início de 2011, alguns colegas fizeram questão de trazer um bolinho para comemorar

Divido meu apartamento, no centro, com uma de minhas duas filhas e meus dois netos. Minhas poses continuam sendo importantes para pagar as contas da família.

“Quando fiz 50 anos de carreira, no início do ano, alguns colegas fizeram questão de trazer um bolinho para comemorar

VERA FRANÇA, 70
Modelo nu há meio século

Aos 27 anos, Qinho avalia os efeitos do tempo em novo CD

Cantor carioca lança novo disco hoje, às 21h, no Oi Futuro Ipanema

Divulgação/Jorge Bispo

Luiz Felipe Reis

luiz.reis@oglobo.com.br

É como alguém que sai de casa para descobrir a cidade, depara com a violência e contra-ataca pela crítica direta. Percebe então o inverso como base da transformação: lança um olhar afetuosamente sobre as relações humanas e, passados alguns anos, avalia as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Após o primeiro CD com sua ex-banda, Vulgo Qinho & Os Cara, e o *début* solo, "Canduras", o cantor Qinho, 27 anos, lança hoje, às 21h, em show no Oi Futuro Ipanema, o álbum "O tempo soa". Nele, Qinho é um observador que escuta — mais do que vê — a ação do tempo vibrar e apontar mudanças na cidade que habita e nos sons que trazem suas impressões.

— Com a banda, o ponto de vista era o de um homem de frente para a cidade; em "Canduras", era eu de frente para o amor; agora, de frente para o tempo — diferença. — Estou me ocupando de sentir o tempo passar, de notar a sua ação. O tempo revela como a história muda.

Foi o que ele percebeu com o 3º Dia da Rua, realizado em novembro. Idealizado por Qinho e Freddy Ribeiro, o evento, que retorna após o carnaval, espalhou pela orla do Leblon e de Ipanema dez nomes da música carioca — Tono, Letuce, Os Outros, Do Amor,

Fino Coletivo e outros. A ideia surgiu em 2008, depois de Qinho e seu ex-grupo decidirem ocupar as esquinas da Zona Sul, num movimento que respondia a três premissas: se aproximar e descobrir públicos, mostrar que a urbe não era um campo de batalhas, mas um espaço privilegiado para a troca, e, também, denunciar a falta de estrutura para shows na cidade.

— A cidade vivia um clima hostil, de medo e violência. Agora ela está mais tranquila, e as pessoas, abertas ao encontro. O desconhecido já não é tão estranho, e o outro já não é um inimigo. A política

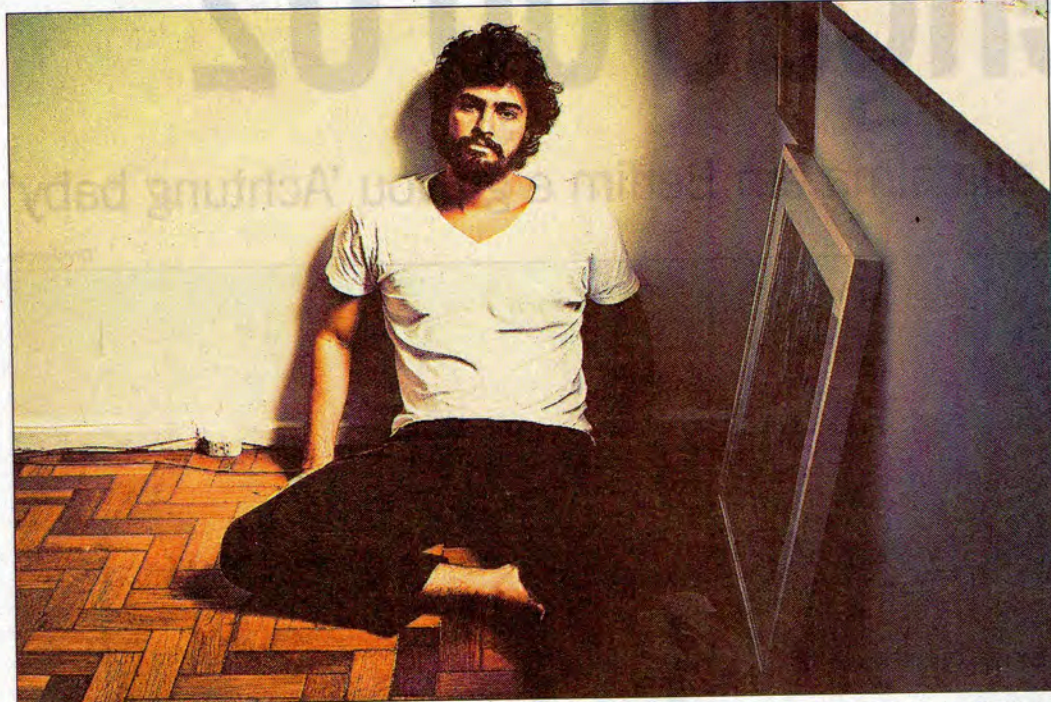
que está sendo implementada pode ser questionável em muitos pontos, mas é inquestionável a mudança na atmosfera da cidade.

Produzido por Bernardo Palmeira, "O tempo soa" traz mudanças na sonoridade e na poética de Qinho. Enquanto "Canduras" se opunha à electricidade funk e rock de sua ex-banda, em arranjos minimalistas onde a voz e o violão estavam à frente, "O tempo soa" é um disco de banda.

Com músicos da Abayomi Afrobeat Orchestra, a delicadeza das melodias e a estrutura aberta e experimental — sem refrão — de algumas

canções ganham consistência, enquanto faixas mais radiofônicas e arredondadas pegam força nas participações especiais de Mart'nália ("Segredinho"), Elba Ramalho ("Morena"), Botika ("Coração gigante") e Amora Pêra ("Irmã forte"). O show de hoje une novas e antigas canções, num repertório que cresce a olhos nus.

— Minha música tem beleza, mas também estranheza, desvio do óbvio — diz. — Trago uma brasilidade muito evidente, e agora quis misturá-la ainda mais com o *black* e com a música negra como um todo. ■



QINHO: "O tempo soa", seu segundo disco, traz participações de Mart'nália, Elba Ramalho e Botika

Bate-Bola

Gomes

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!,
ONTEM, APÓS O TREINAMENTO

1- **Dá para ser campeão?**

☉ Vai ser um jogo muito bom. Dá, sim. Temos de fazer aquilo que a gente já vem fazendo, jogar do mesmo jeito, ir para cima. Aí, teremos chance de ser campeões.

2- **Quais as suas características e em quem você se espelha?**

☉ Meu ponto forte é o desarme e de vez em quando chego à frente, mas tenho de aperfeiçoar a saída. E gosto do jeito que o Ralf joga, é em quem me espelho na posição.

3- **Acha que se tiver chance no profissional irá evoluir mais?**

☉ Seria muito bom. Acho que eu iria aprender muito também treinando com eles no dia a dia.

5- **A torcida pode ajudar o time na final? Faça a sua convocação...**

☉ Contamos com a presença de todos, pois será muito importante para nós. Faremos de tudo dentro de campo para sermos campeões.

MINHA HISTÓRIA VÍTOR SUAREZ CUNHA, 21

Sou um garoto comum

Chamado de herói por defender mendigo, rapaz espancado diz que queria apenas conversar



Paula Giolito/Folhapress

RESUMO - Vítor Suarez Cunha, 21, foi chamado de herói na TV e nas redes sociais depois de espancado no dia 2, na Ilha do Governador, no Rio. Teve 15 fraturas no rosto, que lhe valeram 8 placas de titânio, 63 pinos e uma cicatriz no crânio, de orelha a orelha. Ele e testemunhas dizem que os agressores haviam sido repreendidos por terem chutado um mendigo.

(...) Depoimento a

CLAUDIA ANTUNES
DO RIO

Morei quase a vida inteira na Ilha do Governador, que é como uma cidade do interior, todo mundo se conhece. Meus pais se separaram quando eu era pequeno, e moramos um tempo na casa da minha avó.

Dividíamos um quarto eu, meu irmão mais velho, minha mãe e minha tia. Só mais tarde minha mãe comprou um apartamento de sala e quarto.

Estudei até a 8ª série na Lemos Cunha [escola particular] porque minha mãe trabalhava lá e a gente tinha bolsa. Ela é formada em serviço social e conseguiu essa vitória de trabalhar na prefeitura. Trabalha no abrigo Stella Maris, para moradores de rua.

No ensino médio tive uma fase de rebeldia. Morei dois meses com meu pai, mudei várias vezes de colégio. Estudei eletrônica na Faetec [escola técnica do Estado] e desisti. Fiz supletivo e estou no 6º

período de desenho industrial na Gama Filho [universidade privada].

Trabalhei desde cedo de garçom, vendedor. Na faculdade estagiei numa malharia, fazendo o site, e numa editora de marketing médico. Ganhava R\$ 600. Tinha acabado o estágio e estava de férias, ia viajar no Carnaval para Squarema [litoral fluminense].

Sempre saio na praça em que aconteceu aquilo. É o que tem para fazer na ilha. Um

amigo tem um carro com som, a gente compra umas cervejas e fica conversando.

No dia estava com o Kleber [Carlos Silva] e mais dois amigos [um casal], num quiosque. O morador de rua estava deitado, desacordado, e começaram a chutá-lo. O Kleber se levantou. Vi ele argumentando e fui argumentar porque conhecia um dos rapazes, o Tadeu [Assad Ferreira].

Falei: "Cara, para com isso". Ele: "Meu pai vai chegar aqui

de manhã para caminhar e vai ver essa sujeira". Daí veio o William [Bonfim Nobre Freitas] e começou a me agredir.

Quiseram que eu brigasse com o Tadeu. Não topei, mas ele veio para cima de mim e me bateu, ia fazer o quê? Daí cinco pessoas me cercaram. Fiquei desmaiado, tomei chute, acordei e ainda estava tomando porrada. Acho que seguraram o Kleber. Só batiam na cabeça. Cheguei a mijar nas calças. Gritei de desespero.

Fui para a casa do Kleber, mas não aguentei, e ele me levou para o hospital.

Não sou super-homem, não fui lá para falar: "Parem, estou mandando". Fui conversar. Foi a educação que tive; todos da minha família não conseguiriam ver essa injustiça.

Acompanho política sim. Todo cidadão tem que entender o que acontece porque pagamos imposto. Gosto de videogames, buraco, de jogar papo fora. Sou um garoto co-

‘O Super-Homem é que é um herói’

Motorista que reconheceu e imobilizou bandido do ônibus conta que agiu por impulso

Waleska Borges

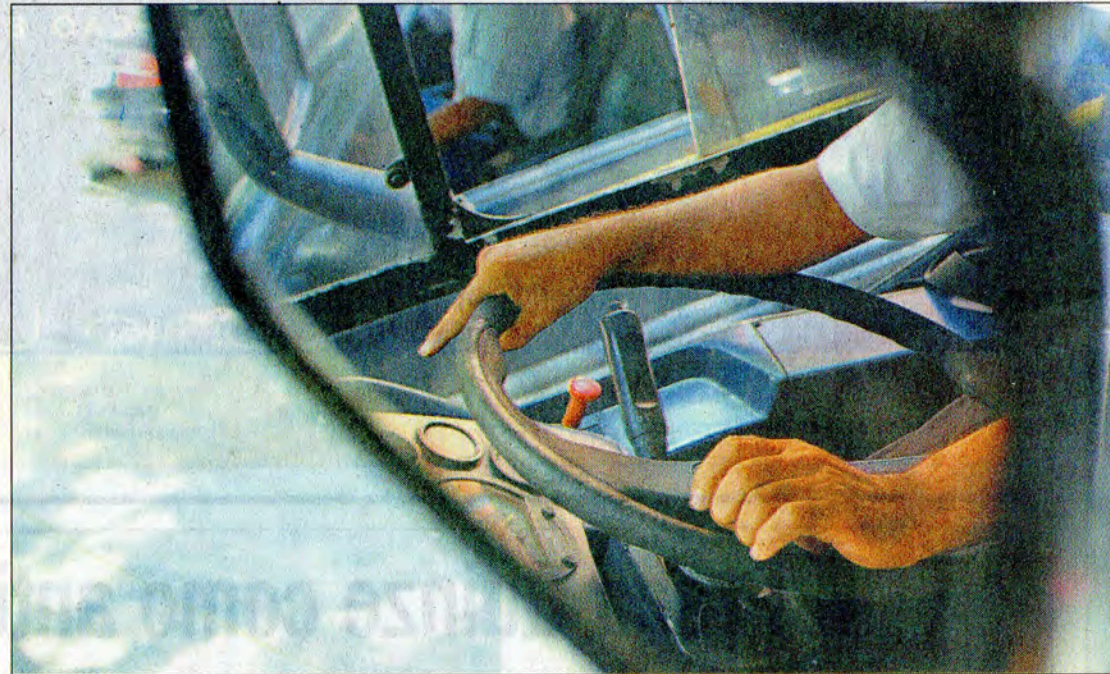
waleska.borges@oglobo.com.br

• Foi pelo retrovisor que o motorista do ônibus onde foi preso Paulo Roberto da Silva Dias — acusado de estuprar uma menina de 12 anos dentro de outro coletivo que passava pelo Jardim Botânico este mês — viu o bandido apontando um dos dedos para uma vítima que acabara de assaltar. Sem conseguir localizar carros da polícia, o motorista conta que agiu no impulso ao pular a roleta e imobilizar o ladrão. Mesmo ameaçados de morte, ele e o trocador não pensaram duas vezes.

— Não sou herói. O Super-Homem é que é um herói. Tomei a atitude de ir para cima dele no impulso. Acho injusto uma pessoa ser roubada. Eu já tinha marcado o rosto do bandido quando ele entrou porque tinha roubado uma moça dias antes no ônibus que eu dirigia — frisou o motorista, lembrando que ele e o trocador só desconfiaram que o ladrão podia ser Paulo Roberto Dias depois de ele já estar imobilizado. — Naquela hora, lembrei do cartaz com o rosto dele, colado na minha empresa.

O motorista, de 46 anos, que pediu para não ter o nome revelado, não se intimidou em reagir.

— Tentei encontrar os carros da PM que ficam perto do Jockey, mas não estavam lá. Então pensei: “vai



Márcia Foletto

ter que ser comigo mesmo”. Pulei a roleta e fui para cima dele. Puxei pela camisa que rasgou, e ele tentou dar um mergulho pulando a roleta, mas o trocador o segurou pela calça. Colocamos o bandido no banco e prendi as pernas dele com as minhas. Ele dizia que ia matar a gente. Tivemos que bater nele.

Depois de segurar o bandido no ônibus, que tinha cerca de 15 passageiros, o motorista gritou para que pedestres chamassem a polícia.

Em seguida, um policial apareceu, algemou o bandido e o levou para 15^a DP (Gávea).

Motorista há sete anos, o homem que prendeu Paulo Roberto Dias já havia reagido a outros dois assaltos. Num deles, na década de 80, quando era trocador, tomou a arma do bandido que tentava roubar seu caixa. O caso mais recente foi há três anos. Na ocasião, ele percebeu um homem roubando carteiras. Parou o ônibus próximo de PMs e o bandido foi preso.

— Fiz um curso de vigilante noturno. Trabalhei quase três anos nessa área e aprendi, por exemplo, como tomar a arma de uma pessoa.

Casado há 23 anos, natural de Recife, e morador de Duque de Caxias, o motorista é pai de dois filhos, de 10 e 22 anos. Ao saber do estupro da menina de 12 anos, ele se revoltou:

— Se eu tivesse uma filha e acontecesse isso com ela, iria correr dia e noite atrás desse bandido. Ia querer colocar a mão nele. No dia em

O RETROVISOR

usado pelo motorista: ele viu quando o bandido apontou para uma vítima que assaltou no ônibus

que ele foi preso, deitei com a cabeça no travesseiro e dormi aliviado.

Tímido e com a fala mansa, o motorista se considera uma pessoa calma, mas conta que também fica nervoso. Nestes momentos, faz um exercício que aprendeu na empresa onde trabalha, a Viação São Silvestre:

— Respiro fundo, esvazio o cérebro e solto o ar. Adoro dirigir, esse sempre foi meu sonho desde criança.

Antes de conseguir o emprego como motorista, ele passou 12 anos desempregado. Neste período, para sustentar a família, fez de tudo: foi pedreiro, eletricitista, vigia e balconista. Sem dinheiro, precisou vender seu Opala por R\$ 200 para um ferro-velho.

A proeza do motorista que prendeu o estuprador deixou orgulhosos os seus colegas de trabalho. Ontem, muitos deles davam os parabéns e o chamavam de herói. Ele, porém, apenas sorria.

— Ele foi um cara valente. Faria o mesmo se fosse comigo. É gente boa, mas tem o defeito de ser pão duro — brincou o motorista Luiz Henrique Rocha, de 43.

Com a rotina de trabalho puxada, o motorista que prefere não ser chamado de herói sai de casa às 3h45m e volta às 21h. Nos momentos de lazer, gosta de ir à praia e de ver novela. Ao contrário da maioria dos homens, não torce para nenhum time de futebol: “Sou daquele que ganha”.

Wellington Nem

EM ENTREVISTA COLETIVA NO CRISTO
REDENTOR, AO LADO DA FAMÍLIA

✚ **Imaginava este assédio todo ao subir o Cristo pela primeira vez?**

🍷 Há dois meses poderia subir aqui e ninguém estaria falando comigo. Isso cresceu muito, estou estranhando um pouco, mas estou gostando. Este ano está sendo de descobertas para mim. É bom demais ser campeão pelo Fluminense, ti-

me pelo qual torço. Estou muito feliz com tudo que aconteceu.

✚ **Já pode dizer que hoje você é titular do time do Fluminense?**

🍷 Ainda não me sinto titular, preciso trabalhar muito ainda para conseguir meu espaço no Fluminense.

✚ **Como foi ter que enfrentar a marcação do Dedé no clássico?**

🍷 Ele é meu amigo, jogamos juntos na base do Fluminense e é um grande jogador. Acho que aquele primei-

ro drible que dei nele, no início da partida, foi o começo de tudo.

✚ **O que sonha para a Olimpíada? Imagina jogar ao lado do Neymar e de outros craques?**

🍷 Seria um prazer voltar a jogar com o Neymar, que já joguei na base, pela Seleção. Joguei com ele e com o Phillippe Coutinho. Será muito bom para mim ter essa chance de disputar a Olimpíada. É o sonho de qualquer jovem jogador e vou tentar alcançar esse objetivo.

Ex-presidente acha correta decisão do tucano de candidatar-se à Prefeitura; Não significa que ele não possa ser outra coisa'

Gustavo Chacra
CORRESPONDENTE / NOVA YORK

A candidatura de José Serra à Prefeitura de São Paulo permitiu-lhe "voltar à cena política com força" e foi a decisão mais adequada para o ex-governador para o PSDB, afirmou ontem o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em entrevista exclusiva ao **Estado**. "Dá a chance para o partido ganhar e dá a ele uma revitalização política", analisou o ex-presidente.

Segundo FHC, a eleição para prefeito não significa que o ex-governador abandona o projeto de disputar a Presidência no futuro. "Política é uma coisa muito dinâmica. Tem sempre a cláusula de prudência. Política não é uma coisa em que os horizontes se fecham", disse, ao comentar sobre a possibilidade de o tucano, mais uma vez, deixar um cargo para se candidatar a outro, como aconteceu quando foi prefeito e governador de São Paulo.

O ex-presidente falou com o **Estado** em Nova York, onde lidera uma comitiva de 12 CEOs e empresas brasileiras ligadas ao Comitê de Entidades Criadas por Ruth Cardoso para incentivar o investimento social corporativo.

O anúncio da candidatura de José Serra à Prefeitura não esvaziou as prévias do PSDB?

"Não estou no Brasil e não acompanhei de perto esta evolução. Quem está coordenando é o go-



Cláusula da prudência. FHC afirma que política é dinâmica e, portanto, não tira José Serra do páreo presidencial em 2014

vernador Geraldo Alckmin. Agora, o peso eleitoral do Serra é de tal magnitude que eu acho que o partido vai se ajustar à realidade política.

● Mas não faltam caras novas no PSDB? Afinal, há anos Serra e o Alckmin se revezam em candidaturas em São Paulo. O PT tenta essa renovação agora com Fernando Haddad.

As prévias foram uma tentativa nesta direção. Mas quando você tem alguém com a densidade política do Serra, que se dispõe a ser candidato a prefeito, do ponto de vista do PSDB há uma importância estratégica porque existe realmente viabili-

dade de ganhar São Paulo.

● O sr. mencionou que o senador Aécio Neves (MG) é o candidato óbvio do PSDB para 2014.

Foi uma pergunta feita pela revista *The Economist*: quem é o candidato óbvio? Eu respondi que o Serra vai sair candidato, não vai desistir. E eles perguntaram quem seria o outro. É o Aécio. É uma coisa que todo o mundo sabe. São os dois que estão despontando com mais força.

● Mas com o Serra se candidatando a prefeito...

Abre espaço para uma outra candidatura para presidente. Agora, sempre tem que colocar

aquela cláusula de prudência. A política é muito dinâmica. O Serra pode ganhar ou pode perder. Nos dois casos, o fato de ele ser candidato agora reforça a presença dele como um líder. Todo líder político, enquanto quiser se manter ativo na política, tem de ter a expectativa de poder. Tem que ser candidato. Eu, por exemplo, quando deixei a Presidência, disse que não seria mais candidato a nada e não fui. Disse que estava saindo de cena. No começo, as pessoas não acreditaram. Como não sou ingênuo, ao tomar esta decisão, estava mesmo saindo de cena. Para quem não tomou esta decisão ainda, a melhor coisa a

fazer é se candidatar. Você pode se candidatar em vários níveis. O Serra, ao tomar a decisão de se candidatar (*para a Prefeitura*), volta à cena política com força. Onde ele é necessário neste momento? Onde o partido o vê com bons olhos neste momento? É aí (*na Prefeitura*). Isso significa que amanhã ele não pode ser outra coisa? Não.

● Mas não pega mal para o Serra, que já foi prefeito uma vez e saiu para se candidatar (o tucano deixou a Prefeitura em 2006, para disputar a Presidência, e o governo do Estado, em 2010, para mais uma vez entrar na disputa presidencial)?

'A população de SP vai acreditar nele', afirma Kassab

● O prefeito Gilberto Kassab (PSD) voltou a afirmar ontem que ouviu do próprio Serra que ele abandonou o projeto presidencial. "(Ele) disse para mim que abandonou a ideia de ser presidente para se dedicar à cidade de São Paulo." Questionado se os paulistanos não teriam dúvidas, já que Serra deixou a Prefeitura uma vez e também o governo do Estado para disputar a Presidência, Kassab enfatizou: "(A população) vai acreditar porque é verdade". "Existia uma circunstância na eleição passada para a sua renúncia. Tanto a cidade aprovou que o elegeu governador. Agora não. Agora a cidade, por conta da renúncia, está cobrando com consistência um compromisso. É diferente da vez anterior." / ARTUR RODRIGUES

Ele vai tomar as precauções devidas porque ele tem de ganhar a eleição. Provavelmente ele vai reafirmar a disposição dele (*de permanecer na Prefeitura*). Mas não vi, não falei com ele. Política não é uma coisa em que o horizonte se fecha. De repente, o que estava fechado se abre. Acho que a decisão do Serra foi a mais adequada neste momento para ele e para o partido. Dá a chance para o partido ganhar e dá a ele uma revitalização política.

● Mas para a Presidência, o Serra e o Aécio continuam sendo os dois nomes fortes do PSDB? Eu acho que sim.

VENCESLAU BORLINA FILHO
DE SÃO PAULO

Se o governo brasileiro não adotar nenhuma medida específica, o setor automotivo não vai crescer em 2012, ou vai crescer só de 2% a 3%, afirmou à **Folha** o presidente da montadora chinesa JAC no Brasil, Sérgio Habib.

Ele defende que a presidente Dilma Rousseff adote uma nova redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) para o mercado, assim como fez seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, no último mandato.

Em entrevista à **Folha**, o executivo fala sobre as perspectivas de retomar a participação de 1% no mercado em 2012, sobre o aumento do IPI para carros importados e sobre a indústria de autopeças.

Dono de 93 concessionárias das marcas JAC, Citroën, Jaguar, Aston Martin e Volkswagen, Habib começou como importador. De 2001 a 2008, presidiu a Citroën no Brasil.

★

Folha - Qual será o comportamento do setor automotivo brasileiro em 2012?

Sérgio Habib - Se o governo brasileiro não adotar nenhuma medida específica, o setor automotivo não vai crescer em 2012, ou só vai crescer de 2% a 3%. A medida específica é o que o governo Lula fez no passado, que foi a redução de IPI. Se não fizer uma medida específica, o mercado não vai crescer.

Agora, o governo liberar financiamento não adianta nada se o banco não liberar por ficar com medo da inadimplência. Como a inadimplência subiu, os bancos estão restringindo as fichas [financiamentos].

A JAC foi responsável pelo aumento do IPI para carros importados?

Falar que a JAC foi responsável pelo aumento do IPI é um pouco pretencioso. O que eu diria é o seguinte: nós incomodamos o mercado.

Agora, o aumento do IPI foi uma medida desnecessária. A importação total dos carros chineses está em US\$ 400 milhões no ano. Já a remessa de lucros [das montadoras nacionais para os países de origem] foi de US\$ 4 bilhões no mesmo período.

Qual é a sua crítica sobre a medida do governo de elevar o IPI para importados?

Se tem uma coisa muito chata e desagradável empresarialmente nessa medida é que ela mudou as regras do jogo no meio do jogo. Há dez anos o Brasil não mudava as leis de comércio exterior tão profundamente sem aviso prévio. Você tem centenas de brasileiros que investiram muito dinheiro na rede de concessionárias de carros importados e que foram surpreendidos pelo anúncio.

A economia do Brasil acabou de passar a da Inglaterra. Um país como o nosso, do tamanho que tem hoje, não precisa mudar a regra no meio do jogo.

O que você espera do novo re-



ENTREVISTAS 2011/2012 SÉRGIO HABIB

Setor de autos não cresce em 2012 sem incentivo

PRESIDENTE DA MONTADORA CHINESA JAC NO BRASIL DEFENDE REDUÇÃO DO IPI PARA VEÍCULOS, "COMO LULA FEZ NO PASSADO"

gime automotivo prometido pelo governo?

A gente precisa de um período de transição, para importar veículos com o IPI antigo enquanto a fábrica está em construção. Sem esse prazo, não consigo montar uma rede, que é mais caro do que uma fábrica.

Todas que estão aqui, nos últimos 20 anos, como Honda, Toyota, Peugeot, Nissan, Mitsubishi, começaram importando carro, montaram a rede e depois a fábrica.

Mas vai ter que cumprir a exigência de conteúdo nacional mínimo de 65%.

É impossível lançar um carro com 65% de [conteúdo] nacional. O correto é ter uma fábrica e ir subindo 30%,

40%, 50%. Um carro tem dez mil componentes. É impossível acertar 5 mil no Brasil. Agora, o que vai sair eu não sei. Eu nem sei quando.

O aumento do IPI afetou as vendas no primeiro ano da JAC no Brasil?

O que aconteceu com a JAC no Brasil no primeiro ano foi que a nossa estimativa de vendas era 30 mil [veículos]. Vamos fechar mais ou menos com 26 mil carros.

Antes da publicação do IPI, a gente tinha 1% do mercado. Agora temos 0,7%. Isso perturbou um pouco o mercado e acredito que vamos voltar a 1% nos próximos meses.

Qual foi a sua avaliação sobre o primeiro ano?

Em janeiro e fevereiro, quando se falava em JAC para contratar vendedor, para ir na TV Globo, para falar com investidores, rede de concessionárias, ninguém sabia o que era. Nos nossos primeiros oito meses no Brasil, a coisa mais importante é que agora quando se fala de JAC Motors no Brasil, muita gente sabe o que é.

Como foi posicionar a marca para o consumidor brasileiro?

A colocação da marca no Brasil foi excelente nos primeiros oito meses. A contratação do Fausto [Fausto Silva, apresentador de TV] foi determinante no nosso sucesso. Além disso, gastamos neste ano R\$ 120 milhões em marketing, em visibilidade.

“ Falar que a JAC foi responsável pelo aumento do IPI para carros importados é um pouco pretencioso. O que eu diria é o seguinte: nós incomodamos o mercado. Agora, o aumento do IPI foi uma medida desnecessária ”

RAIO-X
SÉRGIO HABIB

IDADE
53

CARGO
Presidente da montadora JAC Motors no Brasil

ATUAÇÃO ANTERIOR
Presidente da Citroën no Brasil de 2001 a 2008

FORMAÇÃO
Engenharia eletrônica e pós-graduação em administração de empresas

Venda em 2011 bate recorde, mas não atinge meta

DE SÃO PAULO

As vendas de automóveis e comerciais leves registraram novo recorde em 2011, mas ficaram abaixo do esperado pelos fabricantes. Segundo a **Folha** apurou, foram 3,425 milhões de unidades no ano — aumento de 2,82%.

Em dezembro, foram comercializados 329.237 veículos. O crescimento foi de 7,86% ante o mês anterior. Já com relação a dezembro de 2010, as vendas foram 8,85% menores. No período, foram comercializados 361.197 unidades no país.

A expectativa das montadoras era vender até 3,69 milhões de automóveis e comerciais leves no ano.

Para este ano, as projeções de crescimento variam de 2% a 4%, para até 3,8 milhões de unidades, se não houver agravamento da crise na Europa.

Os dados oficiais serão divulgados amanhã pela Fenabreve (Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores). Ontem, a associação não confirmou os números. Algumas montadoras divulgaram seus resultados.

A Fiat alcançou a liderança de vendas pelo décimo ano seguido. Segundo a montadora italiana, foram 754.276 unidades. A empresa se manteve com 22% de participação no mercado brasileiro. A Ford afirmou que vendeu 344.400 carros em 2011.

Segundo a **Folha** apurou, a Volkswagen vendeu 698.404 unidades no ano, enquanto a GM (General Motors) vendeu 632.259 unidades. A Renault comercializou 194.294 unidades em 2011. A Toyota, 99.236 veículos.

A Volkswagen e a GM não divulgaram seus resultados ontem. A Renault afirmou que divulgará os números ainda hoje. (v8f)

Pelo Smartphone ou pelo iPad® faça sua reserva online de qualquer lugar.
MAKSOUZ PLAZA São Paulo - SP Basta Digitar: www.maksoud.com.br
(11) 3345 8000 0800.0.13.44.11 Al. Campinas, 150

Rafael Hetttsheimeir

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!, POR TELEFONE

'Gostaria muito de jogar na NBA um dia. É um sonho'

1- Desde que você virou capitão do time e passou a ter mais minutos em quadra, como ficou a relação com a torcida? Você é muito assediado?

☉ Nossa torcida é fanática. Em um ginásio para 12 mil pessoas, sempre há umas 10 mil. Os torcedores gostam bastante de mim, sempre me param na rua para conversar e apoiar. Mas eu sou tímido, então às vezes fica um pouco complicado. Como sou capitão, algumas vezes tenho de falar no microfone e isso me dá bastante vergonha.

2- Durante o Pré-Olímpico, você ganhou o apelido de Shaqmeieir (em referência a Shaquille O'Neal) por gostar de enterradas. Este apelido realmente pegou por aí?

☉ A torcida não sabe. Mas meus

companheiros sempre brincam com isso cada vez que dou uma enterrada nos treinamentos.

3- Com este desempenho que está tendo, chegou a receber propostas de outros times. Pensa em um dia tentar a sorte na NBA?

☉ Até agora não teve nada, mesmo porque meu contrato com o Zaragoza vai até o meio do ano e estou muito feliz aqui. Quanto à NBA, é um sonho que tenho. Gostaria muito de jogar lá um dia.

4- Com as suas atuações, acredita que é possível brigar pelo prêmio de Jogador Mais Valioso (MVP)?

☉ Nada é impossível. Eu estou em um bom caminho. Espero jogar ainda melhor até o fim do ano.

Sérgio Cabral, governador do Rio

'Vou colaborar muito na reeleição de Dilma'

RIO

O governador Sérgio Cabral assegura que cumprirá o mandato até dezembro de 2014 e nega qualquer atrito com Dilma Rousseff, prometendo trabalhar pela reeleição da presidente.

● 2011 foi o pior dos seus cinco anos de governo?

Todos os anos ofereceram dificuldades e conquistas. A partir de 2008, o segundo ano do governo, as conquistas se evidenciaram, porque em 2007 nos dedicamos a organizar a casa. Investimos em gestão, serviço público, qualificação das pessoas. Este foi um ano como os demais, com grandes conquistas e grandes desafios. Quem

diria que o Rio seria o Estado com a recepção dos maiores investimentos brasileiros e estrangeiros em 2010? Iniciamos o ano com o desafio dos complexos da Penha e do Alemão, terminamos com a pacificação da Rocinha.

● **Em julho o sr. criou uma comissão de ética do Estado. Ela é para valer? Pode mudar o comportamento do funcionário público?** Ela está sendo montada pela Casa Civil, mas jamais foi apenas uma resposta para qualquer momento da minha vida pública. O nosso governo age com muita firmeza do ponto de vista ético. Demitimos inspetores de renda, funcionários públicos de todas as áreas. Não

compactuamos com nenhum tipo de má conduta. A comissão de ética é importante como órgão consultivo.

● O sr. se sentiu na obrigação de rever a sua própria conduta em relação a voos em aviões emprestados ou aceitar convites de empresários?

Não fiz nada de ilegal, mas é evidente que reavaliei e por isso estão contidas algumas restrições no procedimento da comissão de ética.

● **Nas contas do governo, vemos dois recordes. O sr. pagou R\$ 1,6 bi em despesas com obras e R\$ 172,5 milhões com publicidade. Quais as razões desses gastos?** O contrato de publicidade é de R\$ 150 milhões e vai de abril a abril. É menos do que gastam a Bahia, São Paulo, Minas. Eu poderia ser o segundo do ranking porque sou o segundo Estado do Brasil. Mas não sou. Nas obras, ainda teremos mais investimentos em infraestrutura.

Aumentamos em 50% o esgoto tratado no Estado em apenas cinco anos. Vamos recuperar estradas, porque o interior está crescendo muito. O segredo de São Paulo ter crescido muito é o interior pujante. Temos um novo ciclo de investimento em áreas antes abandonadas. É muita obra, muito investimento. E cada vez que a gente vai pacificando as comunidades, é um jogo de ganha-ganha. Temos cinco, dez anos de uma boa perspectiva pela frente.

● Qual é o seu plano para depois 2014?

Meu projeto é terminar o mandato no governo, colaborar muito para a reeleição da Dilma (*Rousseff*) e do Michel (*Temer*). Acredito muito nesta aliança de centro-esquerda PT-PMDB. Tem feito muito bem ao Brasil. Você veja que o segundo mandato do presidente Lula foi muito melhor que o primeiro porque houve estabilidade para governar. Em 2012,

quero colaborar com a reeleição do prefeito Eduardo Paes, sem dúvida o melhor prefeito da história da cidade do Rio. Em 2014 quero eleger Pezão meu sucessor e passar o bastão para ele.

● A discussão sobre os royalties do petróleo afastou o sr. da presidente Dilma?

De forma alguma. Temos uma relação muito afetuosa. Ela, recentemente, em um evento em São Paulo, foi muito gentil ao comentar o quanto se sente à vontade em ser parceira do Rio, o quanto ela confia e acredita em nosso trabalho. Temos um grande respeito recíproco, uma grande parceria. Fez um primeiro ano exemplar, impôs seu estilo sem deixar de valorizar nosso líder maior, que é o presidente Lula. Ela está muito centrada e serena em um momento difícil do mundo, com grande sensibilidade e grande prevenção, com medidas importantes e corajosas. /L.N.L.

O FOGUETE DO THE BLACK KEYS

Pedro Antunes

Em julho, o duo The Black Keys fez uma participação no *The Colbert Report*, do canal Comedy Central. E o comediante Stephen Colbert mal conseguia se conter. “No ano passado, vocês eram o barbudo (*Dan Auerbach*, vocalista e guitarrista) e o cara de óculos (*o baterista Patrick Carney*) que tocavam rock’n’roll. Agora vocês são o The Black Keys! Três prêmios Grammy. Tudo o que vocês fazem agora é demais. É como se vocês estivessem numa espaçonave rumo à Lua.”

Ainda era exagero. Era preciso o sétimo álbum de Auerbach Carney, *El Camino*, sucessor do estrondoso *Brothers*. Veio 6 de dezembro e o disco foi direto para o segundo lugar na *Billboard* americana. Em duas semanas, 300 mil cópias vendidas.

Depois, no anúncio do line up do Coachella, megafestival realizado na Califórnia, eles figuram lá no alto, como a atração para fechar a primeira noite. Por fim,

eles são capa da edição de janeiro da *Rolling Stone*, como uma “máquina supercarregada de batidas”. Para se ter a dimensão do tamanho da banda, hoje, eles escolheram o Arctic Monkeys para os shows de abertura na turnê norte-americana.

El Camino, o nome do disco, representa tudo o que passou o Black Keys, mas veio sem querer. Em entrevista ao **Estado**, Auerbach contou que o nome foi escolhido a esmo, quando ele e Carney cruzaram com um Chevrolet El Camino pela estrada. “Depois, vimos que tinha algum sentido. Algo que representa a nossa trajetória.”

O caminho foi duro e sinuoso, na base de shows e de discos inventivos. Mais um mérito para a dupla, pois por mais que cada álbum traga uma nova sonoridade, uma nova experimentação, a voz de Auerbach, rouca e doce, sua guitarra com riffs de blues em meio a acordes de punk, e as porradas na bateria de Carney estão sempre ali.

O rock’n’roll puro, mas embe-

bido por outras sonoridades que cruzam o caminho da dupla. Auerbach conta que a cada álbum, as músicas vão nascendo de forma espontânea. “Tudo é muito variável, na verdade. Reflete o que estamos comendo, em que carro estamos andando, o que estamos escutando”, diz. *El Camino* foi gravado em 41 dias, mas as estadas no estúdio foram interrompidas pelas turnês. “Ficávamos quatro ou cinco dias gravando, e depois tínhamos que ir fazer show. Foi algo bastante cansativo”, lembra o vocalista. Apesar de ser grande apreciador da sonoridade dos vinis (“por melhor que seja a masterização de um CD, nunca vai soar

como um bom vinil, não é?”), Auerbach não dispensa seu iPod durante as viagens: “Então, para *El Camino*, ouvi muito rock dos anos 60, andei em carro dos anos 80, acho que isso resume bem como estamos tocando agora: é um rock’n’roll clássico, sem viagens psicodélicas ou estranhas. É só guitarra e bateria”.

Nem mesmo a produção de Brian “Danger Mouse” Burton, dado a experimentações e batidinhas pop, alterou a pegada roqueira do disco. “As gravações foram demais. Acho que nós três aprendemos muito desde quando trabalhamos juntos (*no disco ‘Attack & Release’, de 2008, e no hit premiado ‘Tighten Up’*). Quando se pensa nele, vem a imagem de um rato de estúdio, cheio de truques. Mas decidimos que não teria nada disso, só iríamos tocar”, explica Auerbach.

Apesar da euforia com o lançamento de *El Camino*, a dupla não quis que o álbum ficasse disponível para audição em streaming em outros sites. “Isso é um roubo, sabia? As gravadoras recebem, mas nós, músicos, não”, disse, brevemente, antes de atacar o dono do Megaupload, Kim Schmitz, preso semana passada. “Pensa em quantos discos deixaram de ser vendidos por causa dele. Ele ficou rico. É justo?”

Por fim, Auerbach conta que anseia por vir ao Brasil. “Estava tudo acertado para tocarmos no primeiro semestre, mas tivemos problemas de agenda. Mas nos vemos no segundo, sem falta.” Enfim, o The Black Keys chegou ao topo do mundo. E Colbert não poderia estar mais certo.

*
“NÃO HÁ VIAGENS
PSICODÉLICAS. É SÓ
GUITARRA E
BATERIA”



THE BLACK KEYS
El Camino
Warner Music / R\$29,90

David

ATACANTE DO FLAMENGO, EM ENTREVISTA
COLETIVA NO NINHO DO URUBU

✦ Você acha que a chegada de Wagner Love pode ser um problema para sua continuidade na equipe titular do Flamengo?

🌀 Problema não, ele vai trazer é solução. Um jogador assim só tem a acrescentar no nosso elenco. Ele encaixa bem no estilo de jogo do time do Flamengo, além de ser muito

inteligente. Tem características importantes, sabe fazer tabelas, tem muita velocidade e finaliza muito bem. Tenho certeza que terá mais uma boa passagem aqui.

✦ Você jogou na Europa muito tempo, pelo Fenerbahçe (TUR) e o Wagner Love pelo CSKA (RUS). Chegaram a se enfrentar por alguma competição internacional?

🌀 Sim. Houve uma partida entre a equipe dele e a minha. Sempre tivemos um bom relacionamento e agora será melhor ainda.

Pouco antes de a escritora Zoé Valdés nascer em Havana, em 1959, Che Guevara (1928-1967) colocou na barriga de sua mãe uma bandeira cubana. A revolução tinha quatro meses.

O líder Camilo Cienfuegos presenciou a cena. Trinta e cinco anos depois, Valdés se exilou em Paris e passou a ser uma feroz dissidente.

Para ela, a Revolução Cubana é um produto de marketing. Defende que a presidente Dilma Rousseff, que visita o país, se reúna com as opositoristas Damas de Branco.

Nesta entrevista, concedida por telefone de Paris, ela diz que não é de extrema direita, mas de centro. Votou em Nicolas Sarkozy nas últimas eleições. Estará no Brasil na próxima Flip, que acontece entre 4 e 8 de julho.



RAIO-X
ZOÉ VALDÉS

VIDA

Nasceu em Havana em 1959. Radicou-se em Paris nos anos 1990. É opositora do regime castrista.

PRINCIPAIS LIVROS

"Te Dei a Vida Inteira", "O Nada Cotidiano", "O Todo Cotidiano".

BLOG

Em www.zoevaldes.net, discute política e literatura.

ENTREVISTA ZOÉ VALDÉS

Fidel criou o produto de marketing que se chama Revolução Cubana

ESCRITORA EXILADA NA FRANÇA, QUE LANÇA O LIVRO "O TODO COTIDIANO" E ESTARÁ NA FLIP, DIZ QUE A PRESIDENTE DILMA DEVERIA CONVERSAR COM OPOSIÇÃO DE CUBA

Folha - Como a sra. começou a escrever?

Zoé Valdés - Por volta dos 11 anos, comecei a fazer diários e poemas. Era asmática e vivia num quarto numa espécie de favela. Minha avó era atriz de teatro e trazia livros e peças para ler.

Lia Júlio Verne, [Charles] Baudelaire, "As Flores do Mal". Minha mãe me deu "Dom Quixote" quando fiz 12 anos. Li "Moby Dick", Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Marcel Proust.

Seu livro "O Todo Cotidiano" é autobiográfico?

É bastante autobiográfico, mas é um romance. O personagem de Yocandra, que é uma mistura de Jocasta com Cassandra, tem muito de mim, mas é um personagem mais de romance do que real. A primeira parte do livro, "O Nada Cotidiano", é sobre o que eu vivi em Cuba no período especial, um momento muito precário, de 1993 a 1994. "O Tudo Cotidiano", a segunda parte, é sobre o exílio, que tem o que vivi misturado com a experiência de outras pessoas.

O tom é muito político. Por que a sra. rompeu com o regime cubano?

Rompí com o regime, mas não com Cuba. Foram eles que romperam comigo. Quando se publicou "O Nada Cotidiano" na França, mandaram uma mensagem dizendo que eu não poderia voltar a Cuba. Sou "persona non grata" em meu próprio país. Mas não acho que seja

um livro muito político, é um livro de amor.

Como a sra. explica que o regime continue forte depois de tantos anos?

Fidel Castro, que tinha uma admiração enorme por Hitler, soube aperfeiçoar o horror e criar um produto de marketing que se chama Revolução Cubana. Descendemos dos índios tainos, os mais inofensivos.

Os espanhóis os exterminaram, mas a alma dos tainos ficou. Uma mescla nefasta entre essa inocência e a ignorância dos cubanos permitiu que o regime fosse implantado com tal força. Creio que hoje muito poucos cubanos apoiam esse regime, mas têm medo.

Mas não há coisas boas? A desigualdade é pequena e os sistemas de saúde e educação têm bons resultados, não?

São pontos muito comparáveis com o nazismo. Durante o nazismo, a desigualdade era ótima e a educação era

muito boa, os hospitais, extraordinários e a economia, magnífica. Hoje os hospitais para os cubanos são péssimos, e as pessoas morrem por falta de medicamento e de atendimento médico correto.

As crianças cubanas nada sabem da história de Cuba, de José Martí. A única coisa que sabem é que há cinco heróis presos nos EUA, que Fidel Castro é bom. Falam como robôs.

Como explica a força da imagem de Che Guevara?

É uma imagem que surgiu no Maio de 68 aqui da França. É uma foto, mais que um personagem. É um aventureiro, um homem que foi comunista. Apesar dos horrores do comunismo, ser comunista segue sendo positivo para alguns.

O que a sra. pensa da viagem da presidente Dilma a Cuba?

Ela vai por razões econômicas. Tenho grande admiração por Dilma Rousseff. Não tenho nenhuma admiração

pelos guerrilheiros nem pelo passado guerrilheiro dessa senhora. Mas essa senhora soube evoluir.

Depois do assassinato de Wilman Villar Mendonza [morto no dia 19/1, em greve de fome], tanto Dilma Rousseff quanto o papa deveriam cancelar suas idas a Cuba. Mas creio que não o farão.

Penso que Dilma Rousseff,

“ Penso que Dilma Rousseff, que teve um gesto muito bom dando o visto a Yoani Sánchez, tem que compreender é que o problema de Cuba não é somente Yoani Sánchez: são 11 milhões de cubanos que vivem como escravos e presos na ilha de Cuba

que teve um gesto muito bom dando o visto a Yoani Sánchez, tem que compreender é que o problema de Cuba não é somente Yoani Sánchez: são 11 milhões de cubanos que vivem como escravos e presos na ilha de Cuba.

Creio que ela [Dilma] deveria se reunir com a oposição, com as Damas de Branco. Deveria ver a viúva de Wilman, que perdeu seu marido numa greve de fome. E falar também de economia. Os interesses econômicos às vezes primam desgraçadamente sobre os interesses dos seres humanos.

Um personagem do livro fala que prefere Batista a Castro. A sra. concorda?

Sempre me disseram que Fulgencio Batista (1901-1973) [ditador cubano deposto em 1959] era pior do que Fidel. Mas Fidel, por anos-luz, é muito pior do que Batista.

Como a sra. se define politicamente?

Dizem que eu sou uma pes-

soa de extrema direita. Não sou de extrema direita. Sempre me identifiquei com a esquerda. Quando me exilei, vi como a esquerda se comportou comigo. Eu me situo numa espécie de centro, de independência política.

Na democracia é preciso ouvir o que as pessoas têm a dizer, à direita e à esquerda. Temos que ouvir a todos.

Qual será o seu próximo livro?

Tenho três romances sobre três mulheres. Dois estão escritos. O primeiro, publicado na Espanha, é "Caçadora de Astros", sobre uma pintora. O segundo é sobre três dias na vida de Dora Maar. O terceiro é sobre a antropóloga cubana Lydia Cabrera. São três mulheres relacionadas com o fascismo e com o comunismo por diferentes razões.

O TODO COTIDIANO

AUTORA Zoé Valdés

EDITORA Benvirá

TRADUÇÃO Ari Roitman e Paulina Wacht

QUANTO R\$ 34,90 (320 pags.)

Mas então há relação com a PEC 300, que define piso salarial para a categoria e que o governo é contra por estourar os cofres públicos?

Estamos investigando os fatos e fazendo as devidas apurações.

O que dizem os boletins mais recentes?

Há ainda pontos que precisam ser resolvidos, mas as tropas restauraram clima de tranquilidade ao cidadão em diversos pontos. Nós cuidamos de fazer policiamento sem terrorismo, pois nosso objetivo é o cidadão baiano.

Mas o senhor partilha da hipótese de motivação política?

Não quero fazer considerações dessa natureza, por ora. Obviamente, estamos investigando e cuidando de restaurar a ordem.

O efetivo enviado para o Estado é suficiente?

Colocamos o maior contingente de tropas federais da história e, se precisar, aumentamos.

O comando está com o general Gonçalves Dias. Aquilo que ele achar que é necessário, nós atenderemos.

» ENTREVISTA

Grevistas abusam e fazem vandalismo, afirma ministro

NATUZA NERY
DE BRASÍLIA

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, afirmou ontem que, se necessário, enviará mais tropas federais à Bahia e deu um recado ao movimento grevista: reivindicações têm que ser baseadas em argumentos, e não em coação.



Folha- Ministro, o que está acontecendo na Bahia é levante de cunho político ou greve?

José Eduardo Cardozo - Uma coisa é reivindicar e exercer o direito de greve; outra coisa é o abuso, a prática de crimes e atos de vandalismo. Infelizmente, uma minoria de policiais tem agido dessa forma.

Eles praticaram ato de vandalismo?

Policiais confundem direito de reivindicar a ações criminosas. É impensável uma pessoa que tem arma e salário custeados pelo Estado para garantir a ordem voltar essa arma contra o próprio cidadão, a quem ele tem o dever de defender.

O governo federal vê ação orquestrada da PM em vários Estados para pressionar o Executivo a apoiar a PEC 300 no Congresso?

O direito de reivindicar é legítimo, o que se discute aqui é o método.

Se alguém imaginava que usar esse expediente criminoso vai ter sucesso, está enganado. Quem quer convencer autoridade, que use argumentos, não coação.

Bate-Bola

Deco

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!

1 Você considera o Flu favorito ao título da Libertadores?

☉ Não chegamos como únicos favoritos. Somos um dos times bons que tem no torneio ao lado de praticamente todos os times brasileiros e argentinos. A Universidad do Chile também é forte. Não chegamos como azarões, mas também não somos superfavoritos.

2 Você não teve muitas oportunidades no torneio em 2011...

☉ Tive um problema físico pouco antes da Libertadores. Perdi alguns jogos e voltei contra o América. Joguei bem, entrei e depois tivemos problemas internos.

3 Esses problemas afetaram a campanha tricolor?

☉ Quando as coisas estão erradas é difícil que no campo aconteça. Tinha muita coisa errada dentro do clube – não dentro da diretoria – então era difícil. Foi isso que aconteceu ano passado.

4 Está preparado para jogar na Bombonera, contra o Boca?

☉ Voltei ao Brasil para viver experiências novas. Libertadores é isso, jogar em lugares onde nunca atuei. Você pode ir e conhecer a qualquer hora. Mas jogar e sentir essa sensação é muito legal.

5 Já projetou uma final do Mundial entre Flu e Barcelona?

☉ Se chegarmos lá já vai ser fantástico. Até porque não sabemos se o Barcelona vai ganhar a Liga.

'Governo não vai tolerar atos de vandalismo e crimes'

Ministro da Justiça afirma que 'esse tipo de postura, que configura prática criminosa', é inaceitável e será combatido

ENTREVISTA

José Eduardo Cardozo

BRASÍLIA. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, diz ontem que o governo não vai tolerar atos de vandalismo e crimes que estariam sendo cometidos por ordem dos chefes da greve da PM em Salvador. Ele afirmou que não pode prever se o movimento se estenderá a outros estados. O serviço de inteligência federal já detectou que o movimento na Bahia obedece a uma estratégia de paralisação em âmbito nacional.

Jailton de Carvalho
jailtonc@bsb.oglobo.com.br

GLOBO. Como está a situação em Salvador?

JOSÉ EDUARDO CARDOZO: Há uma situação em Salvador que precisa ser (vista de forma) diferenciada. Uma coisa é a reivindicação. Isso é absoluta-

mente normal numa democracia. Agora, coisa bastante diferente é a prática de atos de vandalismo, atos criminosos, a disseminação de ações que, obviamente, são orquestradas no sentido de gerar insegurança nos cidadãos. Esse tipo de postura, que configura prática criminosa, não pode ser tolerada.

● *É verdade que grevistas mataram moradores de rua em Salvador?*

CARDOZO: Nós não podemos fazer uma afirmação sem a efetiva prova. Então acho que cabe, neste momento, investigar com rigor suspeitas que possam existir de envolvimento de algumas pessoas nesses atos hediondos. Cabe à polícia investigar, elucidar e propor a punição ao Poder Judiciário.

● *É verdade que grevistas apontaram armas para as pessoas e usaram ônibus como barreiras nas ruas?*

CARDOZO: Alguns desses relatos nos foram passados. Isso



Ailton de Freitas

CARDOZO: Não se pode utilizar uma arma para atemorizar a população

é inaceitável. Greve é um direito legítimo, independentemente do mérito do que se reivindica. Não nos cabe julgar o mérito. O que não se aceita é se utilizar arma, comprada com dinheiro público, para atemorizar a população que paga por essas armas. O que não se aceita, não se admite, é que pessoas que devem garantir a ordem

pública sejam as primeiras a buscar a sua desestruturação.

● *A Polícia Federal vai prender os líderes grevistas acusados de cometer crimes?*

CARDOZO: Por solicitação do governador Jaques Wagner, a presidente determinou medida de garantia de lei e ordem, que está prevista em nossa legislação e admite a utilização das For-

ças Armadas. As ações de apoio na Bahia são comandadas pelo Ministério da Defesa. O general Gonçalves Dias coordena as ações. As forças do Ministério da Justiça (Polícia Federal e Força Nacional) se somam a isso. Nossa linha é cumprir os mandados de prisão em conjunto com a Secretaria de Segurança da Bahia.

● *Mas já há os mandados?*

CARDOZO: Os mandados já existem. E a PF, por si só ou em conjunto com as forças de segurança da Bahia, irá cumprir esses mandados (contra o comando do movimento grevista).

O senhor acha que há risco de esse movimento se espalhar por outros estados?

CARDOZO: Nós temos situações bastante diferenciadas nos estados. É impossível prever o que possa acontecer em cada estado. É muito importante que exista diálogo entre os governadores e as polícias. Agora, o que não se admite é o desrespeito à lei. E, nesse ponto, sempre que neces-

sário, o governo federal estará preparado para agir.

● *Essas greves das polícias militares estão se tornando cíclicas e cada vez mais violentas? O governo tem alguma proposta de reforma estrutural das polícias?*

CARDOZO: Nossa política de segurança pública parte do pressuposto de garantir aos estados autonomia com a disciplina do seu quadro de pessoal. Buscamos incentivar a integração das forças estaduais com as federais. Inclusive desenvolvemos ações para que possamos estruturar melhor as atuação das polícias nos estados.

● *O governo da Bahia vai negociar, vai reajustar os salários como querem os grevistas?*

CARDOZO: Não posso entrar no mérito de algo que não compete ao governo federal. O que eu posso afirmar é que parece correta a postura do governo do estado de não negociar anistia para crimes que tenham sido cometidos por agentes policiais. ■

Esta de volta à agenda do País'

o ex-ministro das comunicações do governo Fernando Henrique, leilão de aeroportos representa a retomada de um modelo

ber Gonçalves / RIO

Contraste com o que o PT queria nos anos 1990, o governo Dilma privatizou ontem os mais importantes aeroportos do País. Para o economista Luiz Carlos Mendonça Barros, o leilão nada mais é que o retorno das privatizações ao País, política que foi alvo de críticas petistas na gestão de Fernando Henrique Cardoso nas campanhas presidenciais que se seguiram.

Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ministro das Comunicações no governo Fernando Henrique, Barros critica o modelo adotado pelo PT, em especial a manutenção do setor de aeroportos no capital dos aeroportos concedidos.

Na entrevista ao **Estado**, Barros rebate o argumento do governo de que o modelo de concessão da estatal tem o objetivo de obter dividendos para serem repassados aos outros aeroportos. Para ele, esses recursos poderiam vir do valor pago pelas concessionárias ao governo, que seriam maiores se a estatal permanecesse no negócio.

Seguir, os principais trechos da entrevista.

● Como o senhor vê o modelo adotado para a concessão dos aeroportos?

Dada a posição ideológica do PT contra as privatizações, o modelo me parece razoável e eficiente. Não é meu modelo ideal, mas o mais importante desse leilão é que ele marca a volta da privatização como instrumento legítimo e eficiente para aumentar os investimentos na infraestrutura. Depois de mais de oito anos sistematicamente colocado no limbo por questões políticas e ideológicas, a parceria entre governo, via agências reguladoras, e setor privado volta à agenda do País.

● No que esse modelo difere daqueles do governo FHC?

A menos da participação da Infraero – uma verdadeira jabuticaba criada pelo PT para tentar diferenciar o modelo de agora dos adotados no período FHC –, a lógica intrínseca dos contratos de concessão é a mesma: um grupo privado, explorando os serviços comercialmente segundo seus objetivos de eficiência e lucratividade, mas balizado por regras estabelecidas pela Anac. Na sua função de agência reguladora é ela que estabelece as regras de defesa do cidadão consumidor e fiscaliza a qualidade e economicidade dos serviços prestados.

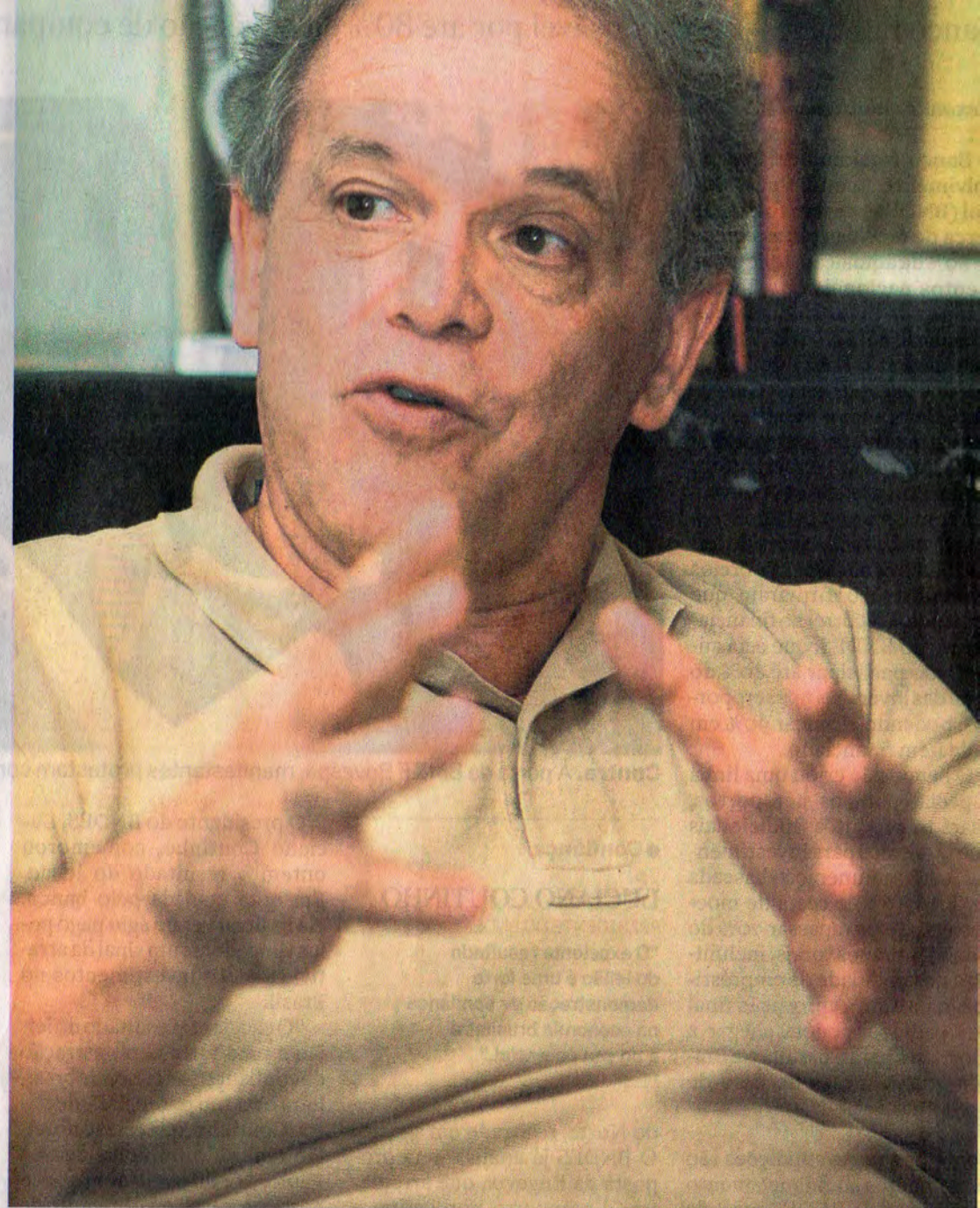
● O apetite dos investidores está maior agora que naquela época?

Sim, pois a Brasil é hoje

economia mais estável – inclusive em termos políticos pela nova postura do PT – e com uma economia que encontrou nova dinâmica a partir do surgimento da China como grande potência econômica. Nossas reservas externas são substanciais, o que faz com que nossa moeda seja uma das mais fortes do mundo emergente. Além disso, a crise nos Estados Unidos e na Europa faz dos países como o Brasil um dos polos mais dinâmicos na próxima década.

● Na sua avaliação, a Infraero deveria continuar com a fatia de 49% nos aeroportos concedidos?

Não acho esta questão relevante, embora para mim ela não faça sentido, pois é a Anac que tem a responsabilidade de regular e fiscalizar esse setor. O argumento de usar parte dos lucros nos aeroportos privatizados para financiar suas atividades nos aeroportos deficitários não faz sentido, pois estes recursos deveriam vir do pagamento das concessões. É preciso entender que os preços pagos pelo setor privado nos leilões já levam em conta que apenas 51% dos lucros serão apropriados por eles. Se não houvesse essa imposição, os ganhos seriam mais elevados via maior pagamento pelas concessões e mais que compensariam financeiramente a não participação da Infraero.



Detalhe. Infraero é a 'jabuticaba' para tentar diferenciar os modelos, diz Mendonça de Barros

dos funcionários de estatais no leilão do Aeroporto de Guarulhos significa que o governo continuará com forte influência sobre a

Os fundos de pensão públicos são grandes investidores institucionais no Brasil e, principalmente agora que os juros reais

têm todo o direito de buscar alternativas de investimento, como a concessão desses aeroportos em regiões de alto tráfego.

Do balcão de um café ao topo do mundo

Biografia revela os caminhos que transformaram Adele no maior nome do pop

Divulgação

Luiz Felipe Reis

luiz.reis@oglobo.com.br

Entre os 16 e 18 anos, Adele Laurie Blue Adkins ganhava uns trocados como atendente de um café em Londres. O salário era péssimo, o trabalho era muito, só que o domingo trazia um alento: ouvir a parada de sucessos no rádio.

— Eu trabalhava demais, mas foi a época mais divertida da minha vida — diz Adele, num trecho extraído da biografia “Adele” (Leya).

O livro, do jornalista inglês Chas Newkey-Burden, que se especializou em biografar celebridades (também escreveu sobre Amy Winehouse e Justin Bieber), chegou ao Brasil neste mês. E foi lançado na Inglaterra em outubro de 2011, um mês antes, portanto, da cirurgia a que a cantora se submeteu, nas cordas vocais.

15 milhões de CDs

Em pouco mais de 200 páginas, Newkey-Burden foca nos caminhos que, em cinco anos, levaram Adele do anonimato do balcão ao topo da música pop. Seu segundo álbum, “21”, foi líder de vendas em todo o mundo, com mais de 15 milhões de cópias. E, no próximo dia 12, ela disputa as seis principais categorias do Grammy.

A ascensão da cantora ofuscou a parafernália — marketing, publicidade, escândalo, moda e música — do fenômeno Lady Gaga que, a bordo de seu terceiro disco, “Born this way” (2011), atingiu apenas um terço das vendas de Adele. Para Newkey-Burden, o o sucesso da nova musa britânica se deve à mistura do soul de Amy Winehouse com a pegada pop de Gaga, mas numa linguagem própria.

— Com certeza, Adele traz elementos de Amy — diz o au-

tor do livro. — Elas frequentaram a mesma escola, e a sonoridade é próxima, mas a diferença é que enquanto Amy viveu mais do que toda a tragédia que suas letras mostram, Adele deixa a tristeza nas canções e, no minuto seguinte já está se acabando de rir. Também há similaridades entre Adele e Lady Gaga, mas Gaga faria tudo para ser tão talentosa e não ter de inventar tantos truques para permanecer nas paradas.

Para o autor, a ausência de artifícios na carreira de Adele serviu para minar a típica fórmula das divas pop: corpos esculturais e insinuações sexuais misturadas a música.

— A indústria quer impor o quanto elas devem pesar, como devem se vestir. Adele sofreu muita pressão para emagrecer e mudar a aparência, mas seguiu do jeito que é.

Nascida e criada entre Tote-

tenham — bairro com a maior diversidade étnica de Londres — e o centro da capital inglesa, Adele estudou com garotos de todas as raças, credos e classes. Vestia-se como roqueira ao mesmo tempo em que sonhava com Lauryn Hill e em ser tão pop como as Spice Girls. Isso até começar a apreciar bandas indie como The Cure e ícones do jazz e do soul, como Etta James e Aretha Franklin, referências centrais de seu canto. Boa parte de suas músicas reflete experiências vividas entre a infância e o fim da adolescência. Para o autor, os relacionamentos frustrados que servem de inspiração aos seus hits estão ligados à ausente figura do pai, Mark Evans, que se separou da mãe de Adele quando ela tinha 4 anos.

— A separação e a falta do pai, quando ele saiu de casa, estabeleceram cedo uma conexão com o sofrimento que

os homens podem causar na vida das mulheres, um dos temas centrais da música dela.

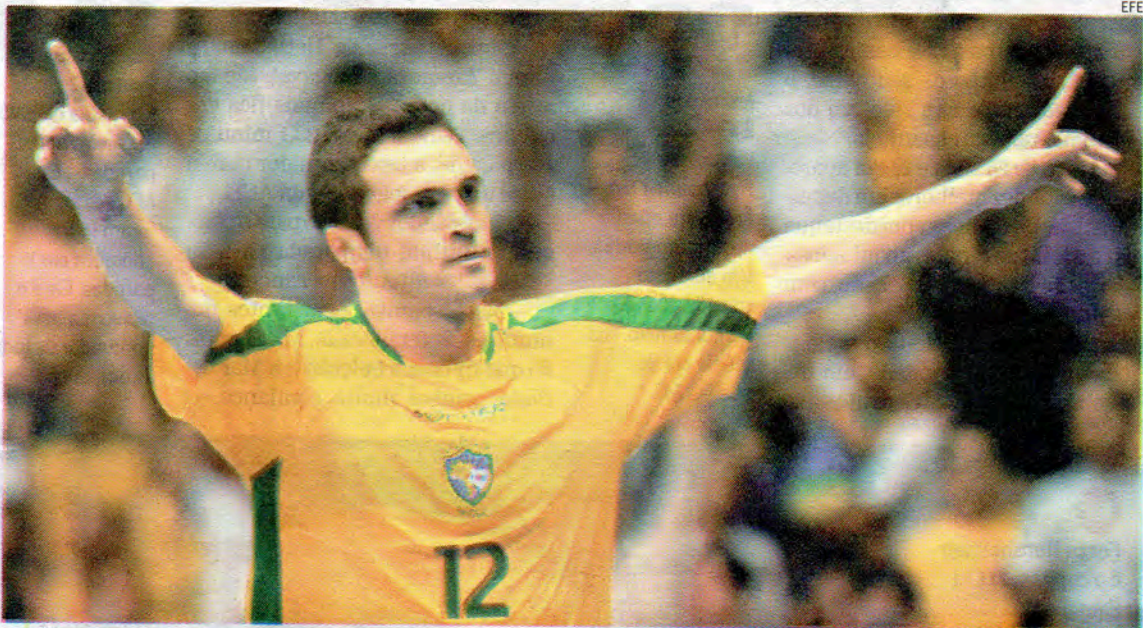
Ao contrário de “19”, em que muitos casos amorosos lhe serviram de inspiração, em “21” um único rompimento foi o suficiente para moldar boa parte das canções. Newkey-Burden descreve o trabalho como uma etapa de amadurecimento, resultado de um relacionamento que Adele teve com um homem mais velho e bem-sucedido (o autor não revela quem é), que a fez crescer intelectualmente e prestar atenção em assuntos que, antes, pouco lhe interessavam, como política e história, literatura e cinema, culinária e viagens. “Além de outras coisas para as quais eu nunca dei bola. Eu só pensava em sair e encher a cara”, diz a cantora, num dos raros trechos em que a biografia revela uma face menos cor-de-rosa de sua vida. ■



ADELE: recordista de discos vendidos no ano passado, a cantora inglesa concorre a seis Grammys no dia 12

Falcão assina com o Orlândia

FECHADO Craque rejeita equipes de camisa como Fla e Inter e opta, segundo ele, pela segurança de um clube-empresa



EFE

Ano de Mundial Neste ano, o ala também disputará o Mundial da Tailândia com a Seleção Brasileira, em novembro

FELIPE MENDES

felipem@lancenet.com.br

Decepcionado com o fim do futsal do Santos após um ano de projeto, o ala Falcão preferiu descartar as chamadas equipes de camisa – Flamengo e Internacional-RS tinham interesse no craque. Ontem, anunciou o acerto para a temporada-2012 com a Intelli/Orlândia, atual campeã paulista. A festa para a recepção do jogador será realizada entre os dias 15 e 17.

– Pesou a minha experiência com clubes-empresa. Joguei na Malwee por oito anos e morei em Jaraguá do Sul (SC), cidade que respira futsal, algo que também acontece em Orlândia. Foi muito bom jogar no Santos, um time de camisa, mas durou só um ano. Quero tranquilidade e segurança para poder viver – afirmou Falcão.

Indústria de terminais elétricos, a Intelli criou em 1977 a Associação Desportiva Classista Intelli (ADC)

a fim de incentivar os funcionários a praticarem esportes. E o futsal foi um das modalidades escolhidas. Presidente de honra da ADC, Vincenzo Spedicato foi o responsável por negociar a contratação do jogador.

– Encontrei Vincenzo logo depois que voltei do Japão, onde acompanhei o Santos no Mundial. Tivemos uma primeira conversa, cada um colocou suas necessidades e, uma semana depois, assinamos contrato. Nesses clubes-empresa o contato direto com o presidente facilita.

Desde o dia 29 de dezembro, quando Falcão anunciou oficialmente sua saída do Santos, seu destino era incerto. Flamengo e Inter mostraram interesse. O Corinthians foi especulado. Do exterior, houve proposta milionária do Tóquio Futsal.

O elenco da Intelli se reapresentará no dia 17. A principal competição no ano será a Liga Futsal. Na última edição, o time caiu nas quartas de final, diante do Carlos Barbosa.

Bate-Bola

Falcão

JOGADOR DE FUTSAL DA INTELLI, EM ENTREVISTA AO LANCE!

1- Você chegou a negociar com Corinthians, Flamengo e Inter?

Com o Corinthians não teve nada. O Flamengo chegou a conversar comigo no meio do ano, mas não entrou em contato depois que o time do Santos acabou. Com o Internacional houve um primeiro contato agora, mas não chegamos a iniciar a negociação.

2- E a proposta do Japão?

Nunca tive interesse em sair do Brasil e as propostas nunca mexeram comigo. Tenho muitos patrocinadores aqui. Conversamos em agosto e deixei claro que uma transferência para lá só em 2013 ou 2014. Eles têm um projeto dife-

Para tentar imunizar o candidato petista à Prefeitura de São Paulo de críticas durante a campanha eleitoral, a presidente Dilma Rousseff usou cerimônia ontem no Planalto para elogiar o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) e, com isso, procurar blindar Fernando Haddad, que deixa hoje o Ministério da Educação.

Na solenidade, que marcou a despedida de Haddad do cargo, a presidente não apenas elogiou o ministro, como aproveitou para fazer a defesa do Enem. A prova foi alvo de erros e problemas, como o vazamento de questões, e transformou-se em marca negativa da gestão de Haddad que os adversários pretendem atacar.

“É a forma mais democrática de acesso dos jovens brasileiros ao ensino universitário”, afirmou Dilma sobre o Enem. “É um exemplo da determinação do ministro Fernando Haddad no sentido de assegurar uma transformação e uma ‘deselitização’ do ensino universitário no País.”

Para afastar o fantasma do Enem, o governo federal fará duas edições do exame só em 2013, o que evitaria desgastes para Haddad na disputa. Neste ano, a edição de abril foi cancelada e haverá provas apenas em novembro, após um eventual segundo turno das eleições.

Dilma reconheceu que o Enem enfrenta problemas, mas afirmou que ele “é um grande caminho” e classificou o vestibular como “sistema antigo e antiquado” e “elitista”. Para justificar os problemas do Enem, a presidente comentou: “Nós somos seres humanos. Quando tem erros, a gente tem de aprimorar; ninguém está dizendo que nada é perfeito; está dizendo que (o Enem) é um grande caminho”.

Numa cerimônia esvaziada pelo recesso parlamentar, a ponto de cadeiras vazias terem sido recolhidas do salão do Palácio, e marcada pela ausência da sena-

“Nós somos humanos. Quando tem erros, a gente tem de aprimorar; ninguém está dizendo que é perfeito; está dizendo que (o Enem) é um grande caminho”

dora Marta Suplicy (PT-SP), que também desejava concorrer à Prefeitura, Haddad disse que era “justo poder celebrar a conclusão de um ciclo”.

Para Haddad, os problemas enfrentados pelo MEC com o Enem não atrapalharão a campanha. “Ao contrário e já respondi isso mais de uma vez. Faça uma pesquisa sobre o Enem que vocês vão constatar que a juventude aprova, sobretudo o jovem de escola pública”, declarou.

Lembrado de que um de seus adversários, Gabriel Chalita, do PMDB, também é da área de educação, o ministro disse que vai levar suas conquistas para a campanha. “Eu penso que todo mundo vai defender a sua biografia legitimamente, mas, mais do que isso, é dizer o que vai fazer pela cidade. O que a cidade quer saber é quais são as propostas de cada candidato, e se essa pessoa tem serviços prestados ao País na escala que SP exige.”

Questionado se a sua experiência como ministro é suficiente para administrar São Paulo, Haddad respondeu que “devemos enaltecer as pessoas que querem disputar um cargo tão importante e não procurar diminuir”. Indagado sobre o fato de José Serra não concorrer, Haddad esquivou-se. Disse apenas que “gostaria de, até amanhã (*hoje*), falar um pouco mais de educação e menos de Prefeitura. “A partir de quarta falo mais de prefeitura e menos de educação”.

Mercadante assume e muda a cúpula do MEC

Pág. A12

Justiça quebra sigilo bancário de Dr. Hélio

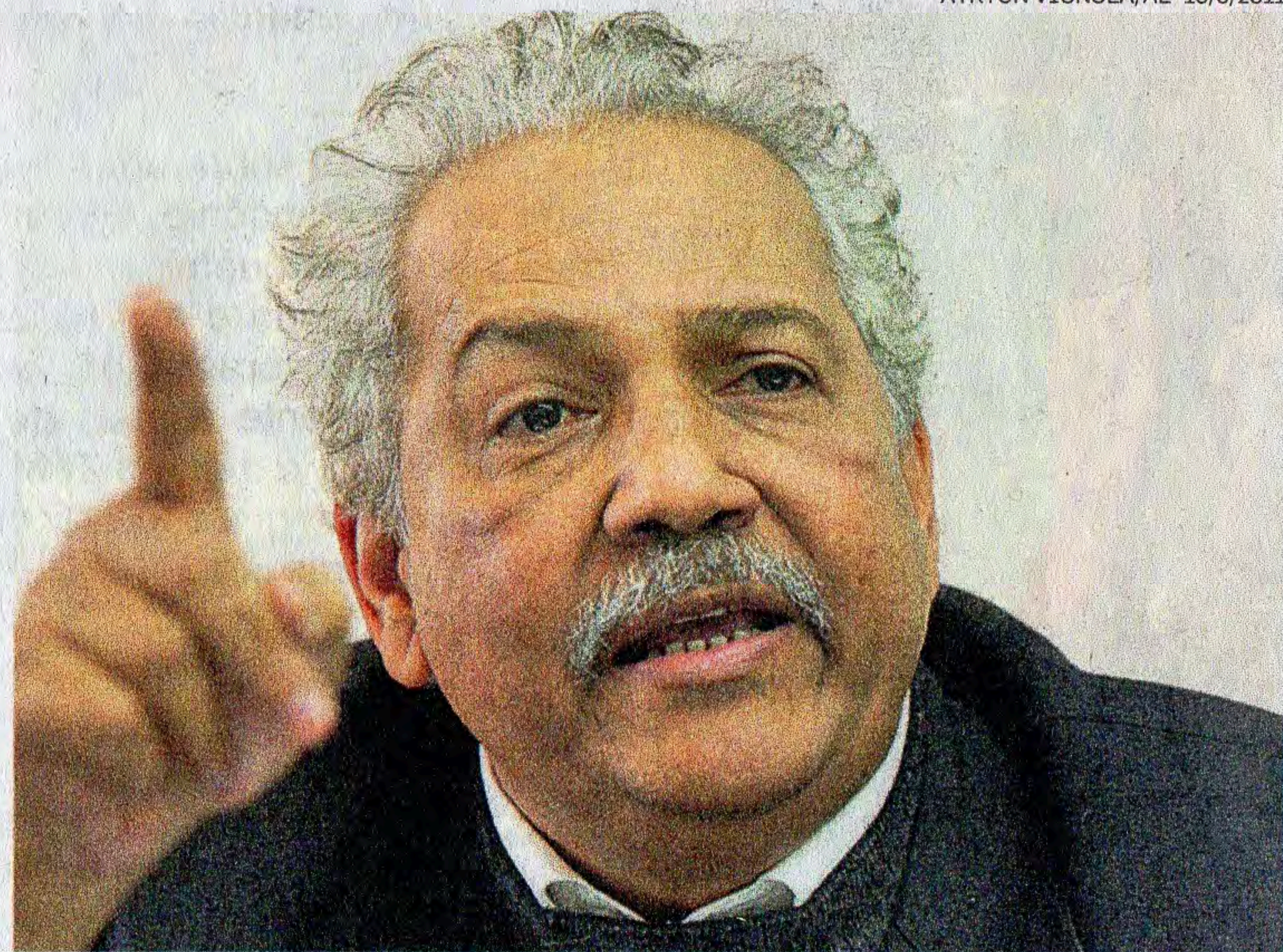
AYRTON VIGNOLA/AE-16/6/2011

Verba para combate à Aids em Campinas foi usada para comprar TVs, portas de jequitibá, além de bombons e bolos

Fausto Macedo

A Justiça decretou a quebra do sigilo bancário e fiscal do ex-prefeito de Campinas, Hélio de Oliveira Santos, o Dr. Hélio (PDT), cassado em agosto de 2011 por suposto envolvimento em fraudes em licitações. A decisão judicial que abre os dados confidenciais do ex-prefeito é extensiva a dois ex-secretários municipais, Carlos Henrique Pinto (Negócios Jurídicos), e José Francisco Kerr Saraiva (Saúde).

Em ação civil, o Ministério Pú-



Desvios. Além de Dr. Hélio, decisão atinge 2 ex-secretários

blico Estadual aponta desvio de R\$ 7 milhões que deveriam ter sido empregados em programas

de combate à Aids. Na gestão Dr. Hélio (PDT), em 2007, o dinheiro foi usado para aquisição de

aparelho de televisão, abastecimento de veículo, recarga de cartão de celular, despesas com passagem e hospedagem de servidor do Ministério da Saúde para acompanhar audiência pública sobre Lei das Antenas, compra de sete portas de jequitibá rosa e gastos com bombons, biscoitos, pastilhas, bolos, chips, croissants, pães de queijo, sucos, geleias e refrigerantes.

O juiz Mauro Iuji Fukumoto, da 1.^a Vara da Fazenda Pública de Campinas, concedeu liminar em que permite o acesso às informações bancárias e tributárias do ex-prefeito no período de vigência do contrato com a Ação Artística para o Desenvolvimento Comunitário (Acadec), de agosto de 2007 a março de 2008.

Fukumoto assinala que a medida visa “averiguar a destinação

dos recursos públicos envolvidos na execução dos convênios”. Ele também decretou o bloqueio dos ativos financeiros e dos bens imóveis em nome de Felix Antônio Del Cid Nuñez e Ricardo Alexandre Pontes, sócios da Acadec, empresa contratada pela gestão Dr. Hélio.

A ação foi movida pela prefeitura contra três funcionários públicos que atuaram no gerenciamento do convênio e diretores da Acadec. A promotoria ingressou na ação e acusou também Dr. Hélio, amigo do ex-presidente Lula. Dr. Hélio não retornou contato da reportagem.

Auditoria. A base da ação é uma auditoria do Tribunal de Contas do Estado (TCE). Do valor contratado – R\$ 3,9 milhões à época –, apenas 8,5% puderam ser auditados por inexistirem recibos ou outros documentos que comprovassem a origem das despesas. O TCE verificou o pa-

Tim Tebow vai reencontrar técnico que lhe abriu as portas

● Sensação da primeira rodada dos playoffs da NFL ao dar passe decisivo na vitória do Denver Broncos sobre o Pittsburgh Steelers, por 29 a 23, na prorrogação, o quarterback Tim Tebow terá um encontro especial no sábado, quando enfrentará o New England Patriots.

O jovem de 24 anos vai rever seu ex-treinador Josh McDaniels, anunciado no domingo como assistente técnico do Patriots para a pós-temporada.

McDaniels teve participação fundamental no ingresso de Tebow na NFL, na temporada de 2010. Então comandante do Broncos, pediu à direção que recrutasse o quarterback no draft.

Para que isso fosse possível, o time de Denver cedeu ao Baltimore Ravens três escolhas posteriores para ter o direito à 25ª seleção na primeira rodada.

– Queremos jogadores inteligentes, que tenham um grande caráter e amem o futebol. Acredito que Tebow encaixe-se perfeitamente neste perfil – disse McDaniels à época do draft.

Novo assistente do Patriots, McDaniels pediu para Denver escolher Tebow

– Meu maior desafio em Denver será retribuir a confiança depositada pelo técnico McDaniels – disse o quarterback, logo após ter o seu nome anunciado.

Na única temporada em que esteve sob o comando de McDaniels, Tebow entrou em nove jogos, mas começou apenas três como titular. Na maior parte do tempo foi reserva de Kyle Orton. Uma estratégia adotada para dar experiência ao prodígio.

Antes do fim do campeonato de 2010, McDaniels acabou demitido, após vencer apenas três em doze partidas disputadas.

Para esta temporada, John Fox assumiu o cargo e, a partir da sexta semana, Tebow foi promovido a titular. Venceu seis dos sete primeiros jogos que fez e levou o time aos playoffs.

Agora, vai rever seu criador.

Com verba extra, cobiça pela Ciência e Tecnologia

Na dança das cadeiras no governo Dilma, crescimento de 140% dos recursos da pasta atrai PT e PSB

Roberto Maltchik

roberto.maltchik@bsb.oglobo.com.br

Cristiane Jungblut

crisjung@bsb.oglobo.com.br

• BRASÍLIA. A explosão do seu orçamento ao longo dos últimos oito anos fez com que a Ciência e Tecnologia perdesse o rótulo de renegada para se tornar uma das pastas mais cobiçadas na dança de cadeiras que a presidente Dilma Rousseff deve promover nas próximas semanas. Além do incremento de 140% na execução financeira, entre 2004 e 2011, alcançando despesas de R\$ 6 bilhões no ano passado, o setor caiu nas graças da presidente, que elegeu a inovação tecnológica com um dos pilares de sua política industrial.

Com o orçamento turbinado, o PT luta para se manter na pasta que só conquistou no governo Dilma, enquanto o PSB trabalha nos bastidores para retomar o posto que perdeu com o fim do governo Lula — desde que o partido não perca a Integração Nacional, que responde pelas obras contra secas e enchentes.

O ministro de Ciência e Tecnologia, o petista paulista Aloizio Mercadante, deve ser remanejado para o Ministério da Educação no lugar de Fernando Haddad, que sairá para disputar a prefeitura de São Paulo.

A interlocutores, Dilma já avisou que o eventual substituto de Mercadante será um nome de sua confiança, e que manterá na pasta a estrutura montada no

primeiro ano de governo. Entre os petistas desponta o deputado Newton Lima (PT-SP). O secretário-executivo do MCT, Luiz Elias, é o preferido de Mercadante para assumir a função, mas ele está com dificuldades de emplacar sua indicação.

Sectores do PSB defendem o nome do ex-ministro Ciro Gomes, mas sua indicação não é aceita pelo grupo do governador Eduardo Campos (PE).

Segundo dados do Portal da Transparência, em 2004 os gastos diretos no MCT eram de R\$ 2,6 bilhões e saltaram para cerca de R\$ 6 bilhões no final de 2011 — Lei Orçamentária do ano passado autorizou uma verba de R\$ 7,4 bilhões para o ministério, dos quais R\$ 4,6 bi-

lhões haviam sido gastos até 31 de dezembro, segundo a Comissão Mista de Orçamento. Além de mais R\$ 1,4 bilhão dos chamados “restos a pagar” (pagamentos que são adiados de um ano para o outro), totalizando gastos de R\$ 6 bilhões no ano.

Para 2012, o Congresso eleveu para cerca de R\$ 8,5 bilhões a verba da pasta. Mas o Orçamento ainda não foi sancionado pela presidente Dilma. Em 2011, como todas as áreas, a Ciência e Tecnologia também sofreu com o corte geral de R\$ 50,6 bilhões, feito no início do ano.

No Ministério, os fundos são o destaque. Só o Fundo Nacional para o Desenvolvimento de Ciência e Tecnologia concentra quase R\$ 3 bilhões. Ex-secretário-

executivo do MCT, Luis Fernandes aponta como prioritária a aposta em inovação voltada ao desenvolvimento empresarial.

— Na sociedade do conhecimento, qualquer projeto político precisa incorporar a pesquisa científica. Assim foi feito por parceiros do Brasil, como Índia e Coreia do Sul. O Estado precisa compartilhar os riscos da ciência com a iniciativa privada — afirmou Fernandes.

O PT indicou Newton Lima, ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos (SP), e usa como moeda a possibilidade de a nomeação do deputado abrir uma vaga na Câmara para o ex-deputado José Genoíno, hoje ocupando cargo de assessor especial no Ministério da Defesa.

Sem entrar nas especulações do vice-líder do governo no gresso, deputado Gilmar Mendes (PT-MG), lembrou que o Ministério de Ciência e Tecnologia cresce em importância devido aos fundos, cujos recursos podem ser contingenciados pela equipe econômica.

O orçamento da pasta autorizado pelo Congresso infundou 125%, pulando de R\$ 3,77 bilhões, em 2003, para R\$ 8,5 bilhões neste ano. No bolo maior fatia é destinada à Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, única área para a qual podem ser destinadas verbas através de emendas parlamentares. Em 2011, as emendas apresentadas pelo Congresso somaram R\$ 373,3 milhões.

Clá Bezerra Coelho. Osvaldo Coelho, ex-deputado e tio do ministro Fernando Bezerra Coelho, foi nomeado membro do comitê técnico ligado ao Ministério da Integração Nacional; sem remuneração, mas com atuação política, ele reclama que até hoje não trabalhou

Depois de pôr irmão em estatal, ministro deu cargo ao tio em comitê de irrigação

Marta Salomon / BRASÍLIA

O ex-deputado federal Osvaldo Coelho (DEM), tio do ministro da Integração Nacional Fernando Bezerra Coelho, foi nomeado há quatro meses, pelo sobrinho, membro do comitê técnico-consultivo para o desenvolvimento da agricultura irrigada, criado dias antes por portaria do ministério. Trata-se do segundo integrante da família Coelho a ter cargo indicado pelo ministro e subordinado a ele, contabilizada a permanência do irmão Clementino na presidência da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf).

Osvaldo Coelho se diz perito em irrigação, tema que atrai muito a atenção do sobrinho-ministro. Procurado pelo Estado, o tio queixou-se de trabalhar pouco. Desde a criação, o comitê só se reuniu uma vez, para a sua instalação, em 20 de setembro. "Estou fazendo de conta de que sou conselheiro, mas não estou dando conselho nenhum. Não sei se o conselho é que está estático ou se é o ministro", queixa-se.

A legislação - expressa em decreto presidencial e em códigos de conduta - impede a nomeação de familiares por autoridades. O Ministério da Integração nega que seja caso de nepotismo. Em nota, alegou que o comitê não tem "personalidade jurídica". "Trata-se de um órgão colegiado, paritário, consultivo e opinativo. A função de conselheiro não é cargo em comissão ou função de confiança", diz a nota.

O Ministério da Integração Nacional alega ainda que os integrantes do comitê da agricultura irrigada apenas opinam sobre a política nacional de irrigação, sem direito a remuneração.

"Quando necessário, podem ser solicitadas apenas passagens e diárias", afirma a Integração. A Controladoria-Geral da União (CGU) endossa o entendimento do ministério, baseada no decreto editado em junho de 2010.

'Princípio da moralidade'. O código de conduta da Comissão de Ética Pública, subordinado à Presidência da República afirma, porém, que "nomear, indicar ou influenciar, direta ou indiretamente, a contratação, por autoridade competente, de parente consanguíneo ou por afinidade para o exercício de cargo, em



OSVALDO COELHO

Defensiva. Ministro nega prática de nepotismo; segundo o ministério, comitê tem só caráter consultivo, sem remuneração



BOBBY FABESAKUJIC IMAGEM

Sem função. Osvaldo Coelho queixa-se de trabalhar pouco

prego ou função pública" ofende o princípio da moralidade administrativa e compromete a gestão ética.

A nomeação do tio do ministro da Integração Nacional deve ser analisado pela Comissão de Ética Pública, que volta a se reunir em fevereiro.

Água e vinho. Osvaldo Coelho nega que seja nepotismo. "Eu e o ministro somos água e vinho,

não temos nada para estarmos juntos. Apenas como eu tinha essa bandeira da irrigação, decidi aceitar o convite", explica o ex-deputado.

Divergências políticas à parte, o sobrinho-ministro Fernando Bezerra Coelho está seguindo à risca as recomendações feitas pelo tio. As prioridades apontadas por Osvaldo Coelho são respaldadas pelo Programa Mais Irrigação, em estudo pelo ministério e que deverá ser lançado em breve pela presidente Dilma Rousseff.

A Codevasf, hoje presidida pelo irmão do ministro, Clementino Coelho, vai ser a principal gestora do programa.

O perímetro batizado de Nilo Coelho, nome do ex-senador e outro tio do ministro, em Pernambuco, será um dos primeiros a ter edital publicado para parceria público-privada, ainda no primeiro semestre do ano. Mais de 30% dos projetos de irrigação são considerados ociosos.

O Programa Mais Irrigação prevê a operação de 775 quilômetros quadrados de perímetros de irrigação até 2014, ano da próxima eleição presidencial. "É uma coisa muito bacana", disse recentemente o ministro.

NA BERLINDA

Denúncias

Destinação política das verbas do ministério Ministro destinou cerca de 90% das verbas do Ministério da Integração para Pernambuco, seu Estado natal

Transposição do Rio São Francisco Manobra do ministério tentou tirar R\$ 50 milhões da obra do São Francisco para destinar a construção de barragens em PE. Além disso, **Estado** mostrou em dezembro que boa parte das obras está abandonada

Nepotismo Irmão do ministro, Clementino Coelho foi nomeado presidente da Codevasf, autarquia ligada ao Ministério da Integração. Bezerra também nomeou o tio para Conselho Nacional de Irrigação

Petrolina Ministério Público acusa Bezerra de usar verba indevidamente para reconstruir estrada em Petrolina. Ministro também é acusado de ter comprado o mesmo terreno duas vezes quando era prefeito da cidade

Explicações

Ministério nega privilégios e diz que as verbas do governo federal para atuar contra chuvas estão pulverizadas em várias pastas. A reportagem do **Estado** considerou só as verbas da Integração para a prevenção de desastres naturais

Integração disse que ação "não impactaria ritmo de execução" da obra. Sobre o abandono, informou que fará nova licitação, de R\$ 1,2 bilhão, para retomar ritmo do projeto. Custo da transposição chega a R\$ 6,9 bilhões

CGU afirmou que quando Bezerra assumiu o cargo Clementino já era diretor da autarquia, mas não soube responder sobre o fato do irmão do ministro ter assumido a presidência

Ministro disse que dispensa de concorrência para obra na estrada foi legal. Quanto ao terreno, diz que foi "induzido" ao erro porque a 1ª compra não foi registrada

Bezerra não registra 1ª compra e paga terreno duas vezes

● Em nota, o ministro afirmou ontem que foi "induzido a erro" ao usar recursos públicos na compra do mesmo terreno duas vezes quando era prefeito da Petrolina (PE). A primeira compra ocorreu em 1996, na primeira gestão de Bezerra, e a segunda, em 2001. Nas duas vezes o dinheiro teria beneficiado o empresário José Brandão Ramos.

O caso foi revelado pela **Folha de S.Paulo**. "Por equívocos na gestão subsequente, a primeira aquisição do imóvel deixou de ser registrada no Cadastro Imobiliário e no Registro Geral de Imóveis, não sendo, tampouco, lavrada a escritura de compra e venda. Esse foi o motivo pelo qual, em 2001, confiando nas informações oficiais, o município foi induzido a erro e adquiriu novamente o terreno Raso da Catarina", diz a nota. / RAFAEL MORAES MOURA e ANDREA JUBÉ VIANNA

Irmão adiou cobrança de dívida

Fernando Bezerra (Integração) tem débito sendo analisado por estatal vinculada

Dinheiro é de convênio feito por Bezerra quando era prefeito de Petrolina (PE); estatal nega favorecimento

BRENO COSTA
DE BRASÍLIA

O ministro Fernando Bezerra (Integração Nacional) obteve em dezembro o adiamento da cobrança de uma dívida da Prefeitura de Petrolina com estatal ligada à pasta e presidida por seu irmão Clementino Coelho.

O governo anunciou que Coelho deixará o cargo na Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba).

Quando prefeito de Petrolina (PE), de 2000 a 2006, Bezerra firmou convênio de R\$ 23 milhões com a Codevasf para a construção de estações de tratamento de esgoto.

Na época, Clementino era diretor de Infraestrutura.

Segundo relatório da CGU (Controladoria-Geral da União), a dívida refere-se ao não depósito de contrapartidas obrigatórias de R\$ 921 mil, em valores atuais.

Em 2010, antes de Clementino assumir interinamente a presidência, a estatal abriu procedimento para tentar o ressarcimento de prejuízos.

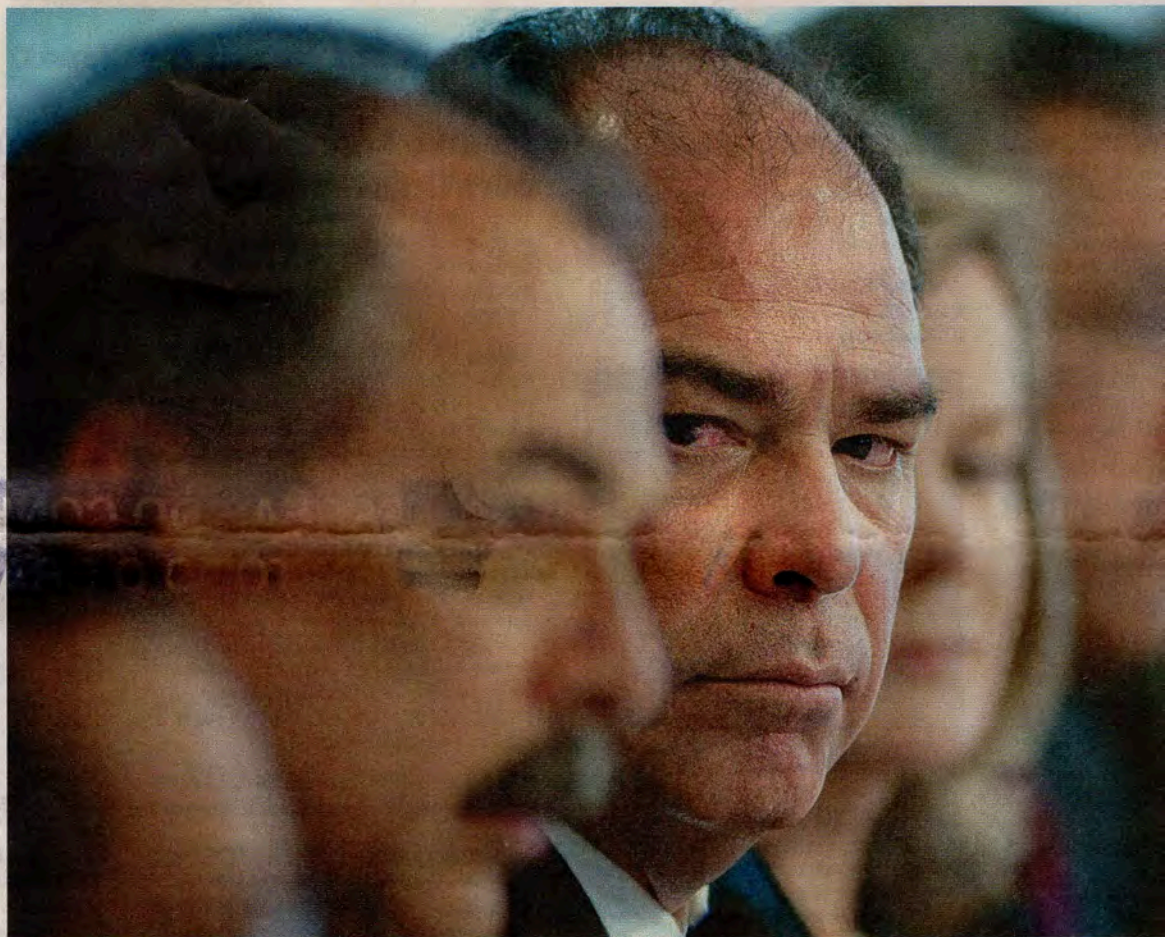
Bezerra Coelho, como ex-prefeito, responderia por pelo menos um terço da dívida. O restante refere-se ao período em que seu vice passou a comandar a prefeitura.

No mês passado, segundo a própria estatal, o prazo para finalização dos trabalhos foi ampliado por Clementino.

A justificativa foi a "necessidade de realização dos serviços técnicos complementares de perícia de sondagem".

A dívida, no entanto, independe de perícias.

Refere-se, de acordo com a CGU, apenas a contrapartidas



A partir da esq., os ministro Mercadante, Fernando Bezerra, Gleisi e Padilha, durante reunião

não pagas.

O documento baseou ação de improbidade movida pela Procuradoria da República em Petrolina, no último dia 19, contra os irmãos Coelho e outros 14 réus.

Entre as constatações da CGU estão uma suposta licitação irregular para a contratação da empreiteira responsável pela obra.

Além dessa ação, Bezerra foi denunciado em dezembro em outras três ações de improbidade, todas relativas a supostas irregularidades cometidas durante sua gestão como prefeito.

CONGRESSO

Bezerra deve dar explicações na quinta-feira à comissão representativa do Congresso Nacional. "Conto com o apoio e a confiança de Dilma", afirmou ele em coletiva.

Fazenda reduz previsão de crescimento a 4,5%

Estimativa anterior de expansão do PIB deste ano, feita em dezembro, era de 5%; ministério não revela o que levou a equipe econômica a rever projeção

Renata Veríssimo
Célia Froufe | BRASÍLIA

O Ministério da Fazenda reduziu para 4,5% sua estimativa para o crescimento econômico brasileiro este ano, mas o percentual ainda está muito acima das projeções do Banco Central (BC) e do mercado financeiro. A projeção anterior, de dezembro, era de 5%. A nova expectativa foi apresentada ontem no boletim "Economia Brasileira em Perspectiva", que traça um detalhado panorama da economia doméstica e internacional entre 2011 e 2014.

Em nenhum momento, porém, a Fazenda revela o que levou a equipe econômica a mudar sua projeção. Para o mercado, a expansão da atividade será de 3,3% este ano, enquanto o BC estima elevação de 3,5%. "A economia brasileira vai crescer mais em 2012 do que no ano passado, destoando de um mundo em desaceleração", limitou-se a explicar a Fazenda.

O avanço previsto para o Produto Interno Bruto (PIB) de

● Divergentes

3,3%

é a estimativa do mercado para o crescimento da economia este ano

3,5%

é a estimativa do Banco Central para o crescimento da economia este ano

2011 também foi rebaixado de 3,8% para 3,2%, conforme já havia adiantado o ministro da Fazenda, Guido Mantega. A estimativa da Pasta é a mesma do resultado acumulado até o final do terceiro trimestre do ano passado. O número do quarto trimestre será conhecido apenas no próximo mês.

Se os números se concretizarem, a média do crescimento econômico entre 2011 e 2014 será de 4,8%, superior à dos quatro anos anteriores (2007 a 2010), quando foi de 4,6%. "2011 foi importante para consolidar a trajetória de crescimento de longo

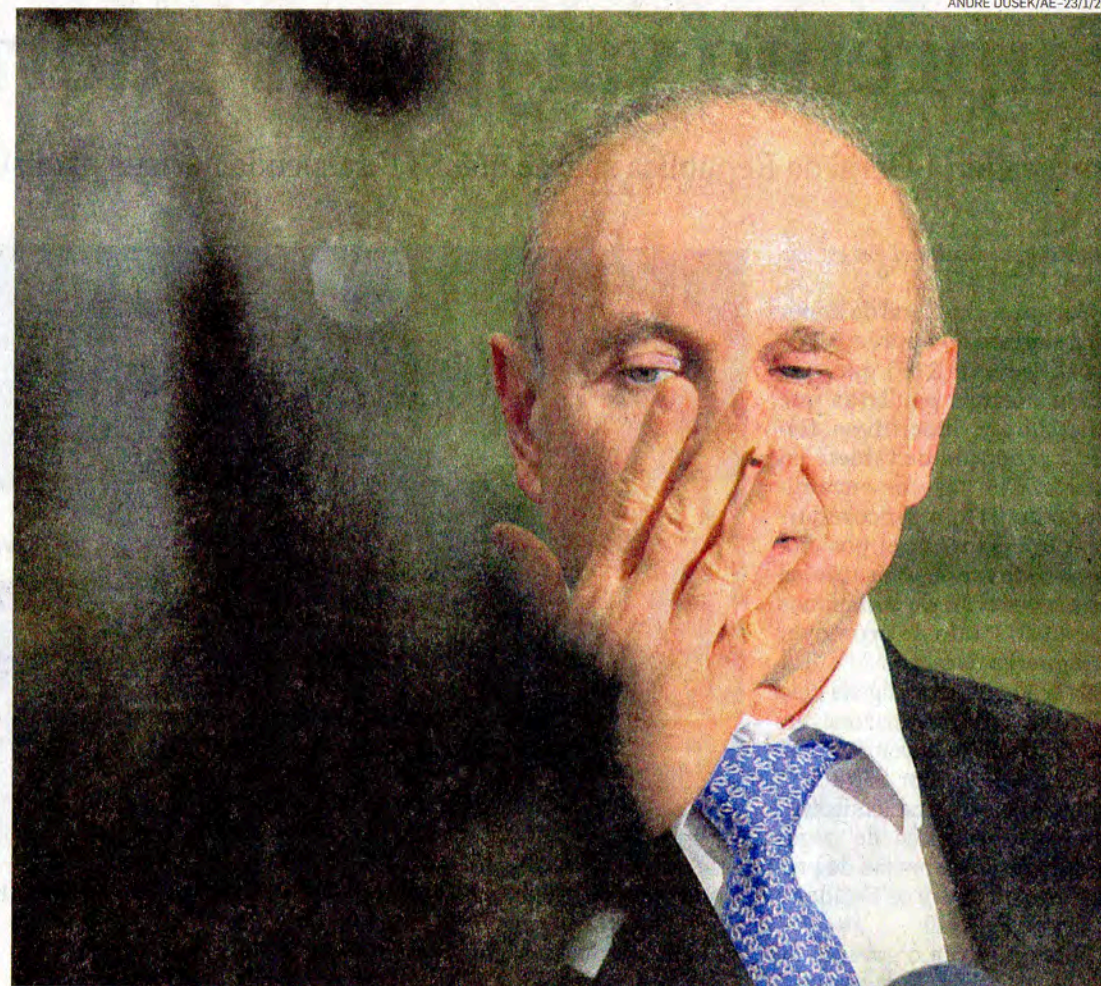
prazo em um ambiente externo de franca desaceleração."

Grande parte do impulso doméstico será dado pelos investimentos, que devem subir 10,8% este ano, conforme o boletim. O argumento da Fazenda é o de que a expansão dos investimentos acima da taxa do PIB proporciona um crescimento de qualidade. Com isso, os investimentos devem atingir 20,8% do Produto Interno Bruto em 2012.

PAC. Os valores contratados das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) crescerão 20,3% este ano, totalizando R\$ 42,6 bilhões. No ano passado, os investimentos do PAC empenhados somaram R\$ 35,4 bilhões, quase 20% a mais do que em 2010.

Para o programa habitacional Minha Casa Minha Vida, o documento projeta desembolsos de R\$ 41,3 bilhões este ano, com base nos dados da Caixa Econômica Federal.

O boletim também ressalta a insatisfação do Ministério da Fazenda com o nível do spread (diferença das taxas captadas pe-



Menos. Ministro Guido Mantega já havia adiantado revisão do PIB de 2011, de 3,8% para 3,2%

los bancos e oferecidas ao consumidor), principalmente para as empresas. O assunto voltou ao radar da equipe econômica que estuda medidas para reduzir o custo financeiro do dinheiro no Brasil.

"O spread bancário para o segmento corporativo ainda é muito alto no Brasil, ainda se encontra em patamar historicamente

elevado." Houve apenas um "leve recuo" de 0,2 ponto percentual em 2010 e de 0,4 ponto percentual no ano passado. "O spread incentiva a realização de captações externas por empresas brasileiras que possuem acesso ao mercado internacional", destaca o documento.

Para as pessoas físicas, o ministério prevê a continuidade

do ciclo de redução dos spreads por causa da queda dos juros básicos e da flexibilização de normas pelo Banco Central para estimular o crédito.

"O spread bancário para pessoas físicas, apesar de ainda elevado na comparação com outras economias, permanece em nível historicamente baixo", afirma o boletim.

Cristiane Jungblut
crisjung@bsb.oglobo.com.br



IDELI NO Congresso: pedido de apoio à base para votação do Funpresp

• **BRASÍLIA.** Para evitar as divergências da semana passada, quando a sessão da Câmara dos Deputados foi abruptamente interrompida, o Palácio do Planalto e os líderes aliados tentaram fechar ontem uma estratégia para votar o projeto que cria o Regime de Previdência Complementar do Servidor Público da União (Funpresp). A intenção dos líderes aliados é votar após o carnaval. Ontem à noite, ainda estavam fechando o calendário de votação, em encontro com a ministra de Relações Institucionais, Ideli Salvatti.

A ideia do líder do governo na Câmara, deputado Cândido Vaccarezza (PT-SP), é votar hoje medidas provisórias e a chamada PEC da Invalidez. Conforme o quorum, poderá ser iniciada a discussão do Funpresp. Para tentar garantir presença dos deputados nesta semana que antecede o carnaval, Vaccarezza enviou mensagens aos deputados, cobrando o comparecimento.

Planalto quer base aliada a favor do Funpresp

Para aparar as arestas, o presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), e Vaccarezza conversaram ontem durante a posse da nova presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, no Rio. A presidente Dilma Rousseff participou da posse e ficou ao lado de Maia, que, na semana passada, contrariado com o Planalto, adiou a votação do Funpresp.

A intenção dos líderes é fazer um acordo para que o Funpresp seja votado num clima menos tenso, com adesão de toda a base aliada. Semana passa-

da, PR e PDT ameaçavam votar contra, insatisfeitos com perdas de cargos no governo.

O Planalto quer a votação do projeto o mais rapidamente possível. Isso deverá ser reforçado hoje pela própria Dilma, na reunião do Conselho Político.

— Vamos votar o Funpresp no dia 28. Amanhã (hoje), quero votar duas medidas provisórias, que estão (trancando) na pauta, e a PEC da Invalidez — disse Vaccarezza.

Para o líder do PMDB na Câmara, Henrique Eduardo Alves (RN), a votação do Funpresp será depois do carnaval. O líder do PR, Lincoln Portela (MG), já anunciou que mudou de posição e não vai mais pedir o adiamento.

Portela apresentará emenda ao texto prevendo que o Ministério Público da União faça parte do Fundo de Previdência Complementar do Poder Judiciário, e não do Fundo do Poder

Executivo, como determinaria a regra. Segundo o líder do PR, essa é a principal reivindicação do Ministério Público da União.

O Fundo do Poder Judiciário está sendo cobiçado por várias carreiras que deveriam estar no Fundo do Poder Executivo. Há um movimento para que todas as “carreiras jurídicas” fiquem no Fundo do Judiciário, incluindo a Defensoria Pública e a Advocacia Geral da União. Um dos relatores do projeto, Ricardo Berzoini (PT-SP), foi procurado por todas essas categorias para tratar do assunto.

O projeto prevê a criação de até três fundos, um para cada poder: Executivo, Judiciário, e Legislativo. Mas os servidores do Legislativo não querem ficar sozinhos, porque o volume de recursos seria pequeno.

PR vai formalizar retorno à bancada de apoio

Os dirigentes do PR não vão participar hoje da reunião do Conselho Político com Dilma, mesmo convidados. Serão recebidos mais tarde no Palácio do Planalto, quando querem formalizar a volta do partido à base do governo no Congresso. Quando o senador Alfredo Nascimento (PR-AM) foi demitido do Ministério dos Transportes, o PR saiu da base e assumiu a postura de independente. Agora, quer voltar à Esplanada e à base governista.

Hoje de manhã, integrantes da Executiva do PR se reunirão para fechar uma posição a ser levada ao Planalto. Nos bastidores, o PR reivindica a volta ao comando de um ministério, pois não considera que o ministro Paulo Sérgio Passos (Transportes) seja da cota do partido — embora filiado à legenda, é um nome da Dilma. ■



Positivo Acordo
entre Fla e R10
estreitou relações



EDUARDO MENDES

reporterfla@lancenet.com.br

As bases do contrato de imagem assinado entre Flamengo e Ronaldinho, na semana passada, conservaram algumas diretrizes do acordo que o jogador tinha com a Traffic e foi rompido. Uma cláusula, porém, garante mais flexibilidade comercial às partes.

O novo vínculo permite ao clube e ao jogador negociar cotas de patrocínio ou produtos por meio de uma terceira agência, desde que haja consentimento de ambos.

No antigo contrato de Ronaldinho com a Traffic, apenas a empresa poderia fechar com interessados em investir no projeto.

Ficou determinada também uma nova divisão dos royalties relativos à venda dos produtos licenciados do atacante. A fatia que caberá a cada parte, porém, é mantida sob confidencialidade.

Ronaldinho ainda terá participação no valor que for arrecadado por meio do patrocínio master.

Assim como na ideia do projeto

R10 também terá direito a lucros ligados ao patrocínio master do Flamengo

com a Traffic, Flamengo e o atacante estabeleceram um teto de R\$ 30 milhões para a cota do espaço principal da camisa rubro-negra.

Caso a meta seja ultrapassada, o que for arrecadado acima desse piso será dividido igualmente entre o camisa 10 e o clube.

O novo contrato de imagem firmado entre Ronaldinho e Flamengo garante ao clube o uso da imagem institucional e individual do jogador até o fim de 2014, data em que se encerra também o contrato trabalhista do jogador com o Fla.

PATROCÍNIO

O Flamengo segue negociações para fechar o mais rapidamente possível o patrocínio master para esta temporada. Apesar de ter estipulado um teto de R\$ 30 milhões, o clube tem encontrado dificuldades para conseguir o valor pedido.

Houve uma conversa com a Amil, mas a empresa não chegou a R\$20 milhões, valor distante dos R\$ 25 milhões propostos pelo Flamengo para início das negociações.

O Banco Santander, que assumiu a folha de pagamento rubro-negra, manifestou interesse em patrocinar o clube e negocia.

Bate-Bola

Assis

IRMÃO E EMPRESÁRIO DE RONALDINHO, EM ENTREVISTA AO LANCE!

1-O que implicará a mudança no contrato de imagem assinado com o Flamengo a curto prazo?

◉ O Flamengo conseguirá mais rapidamente lançar os produtos no mercado. Por causa da pendência que existia, inúmeras possibilidades que foram conversadas não avançaram. Depois que houve esse entendimento contratual, tem tudo para que a nova parceria funcione muito bem.

2-No ano passado, chegaram ao mercado quatro licenciados. Existe a previsão de lançar algum produto nos próximos meses?

◉ Ainda não há previsão. Estamos em um processo de análise de algumas possibilidades.

3-E para Ronaldinho? O que mudou no novo acordo?

◉ O formato é bem parecido com o outro contrato, mas não há aquele impeditivo mais. Ronaldo está no mercado e se existir uma agência interessada e o Flamengo aprovar podemos conversar. A nova parceria dá uma liberdade maior para que isso aconteça.

Comissão de Ética decide investigar Pimentel

Órgão da Presidência vai apurar consultorias dadas em 2009 e 2010

Atividade privada de ministro levantou suspeita de tráfico de influência; Pimentel nega irregularidade

FLÁVIA FOREQUE
DE BRASÍLIA

Em sua primeira reunião do ano, a Comissão de Ética Pública da Presidência da República abriu investigação sobre consultorias realizadas pelo ministro Fernando Pimentel (Desenvolvimento, Indústria e Comércio) entre os anos de 2009 e 2010.

A atividade levantou suspeitas de tráfico de influência, o que o ministro, amigo de longa data da presidente Dilma Rousseff, nega.

A **Folha** não conseguiu contato com a assessoria de imprensa do ministro na noite de ontem.

Após participar da posse da nova presidente da Petrobras, Graça Foster, Pimentel viajou aos Emirados Árabes em agenda de trabalho.

O caso será relatado na comissão pelo conselheiro Fábio Coutinho. Com base em relatório elaborado por ele, a comissão deverá decidir em sua próxima reunião, em março, se dá continuidade ao processo ou se o arquiva.

A investigação foi motivada por pedido do PSDB.

Em entrevista à **Folha** em dezembro, Pimentel disse que informou a comissão so-

bre seus negócios antes de assumir o cargo no governo.

Ele teria se afastado da empresa em 10 de dezembro de 2010, mas disse que não tinha falado sobre seus clientes, contratos e valores recebidos à presidente Dilma antes de tomar posse.

Pelos serviços a empresas privadas, ele afirma ter recebido cerca de R\$ 2 milhões.

CARLOS LUPI

Em novembro do ano passado, a Comissão de Ética Pública recomendou, por unanimidade, a exoneração de Carlos Lupi do cargo de ministro do Trabalho.

Lupi respondia a suspeitas de irregularidades em convênios de sua pasta com entidades ligadas ao seu partido, o PDT.

A decisão foi tomada na última reunião de 2011 da comissão. Dias depois, o ministro entregou seu cargo.

Em nota, ele apontou a "condenação sumária" da Comissão de Ética da Presidência da República e "perseguição política e pessoal" da mídia.

Desde o início da gestão da presidente Dilma, sete ministros deixaram o governo por denúncias de irregularidades. O primeiro a sair foi o então ministro da Casa Civil, Antonio Palocci.

O petista pediu demissão após a **Folha** revelar que ele multiplicou o patrimônio e faturou em 2010 R\$ 20 milhões com uma empresa de consultoria.

Para reduzir pena, presos leem 'O Pequeno Príncipe'

MARCO ANTÔNIO MARTINS

DO RIO

Os presos mais perigosos do país terão à disposição, ainda no primeiro semestre, títulos como "O Pequeno Príncipe", clássico de Saint Exupéry, e "1001 Filmes para Ver Antes de Morrer", de Steven Jay Schneider.

Poderão escolher, ainda, a trilogia "Crepúsculo", de Stephenie Meyer, e "De Malas Prontas", de Danuza Leão.

Programa do Ministério da Justiça vai distribuir 816 livros para as quatro penitenciárias federais do país.

O projeto, orçado em R\$ 34.170, permitirá que de-

tentos como Fernandinho Beira-Mar, condenado a 120 anos, reduzam sua pena. Por enquanto, duas concedem benefícios de redução da pena aos detentos-leitores: Catanduvas (PR) e Campo Grande (MS).

No Paraná, o juiz concede até quatro dias para quem, em até 12 dias, ler um livro e apresentar uma resenha.

Uma comissão avalia a resenha e, se considerá-la de boa qualidade, concede ao detento mais um dia de redução.

Os livros "Crime e Castigo", de Dostoiévski, e "Incidente em Antares", de Erico Veríssimo, foram obras trabalhadas na unidade que tem 60 presos participando do projeto.

Em Campo Grande, são três dias de redução para cada 20 dias que o detento utilize para ler um livro e preparar uma resenha. A avaliação é feita por um juiz federal.

Segundo agentes penitenciários, Beira-Mar, que já passou pelas duas penitenciárias, é um "consumidor voraz" de livros. Já leu "O Caçador de Pipas", de Khaled Housseini, além de "Arte da Guerra", de Sun Tzu, e "Código da Vinci", de Dan Brown.

Quando chegou a Mossoró (RN), logo se inscreveu em um projeto da penitenciária com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte chamado de "Filosofarte". Diminuiu um dia de sua pena a cada três de leitura. O programa foi suspenso em dezembro, mas poderá ser retomado após convênio com a Justiça federal.

Daniel, modelo, é afastado do 'BBB 12' após suspeita de abuso sexual

Monique, apontada como vítima, deve prestar depoimento hoje

TV Globo/Divulgação

Florença Mazza

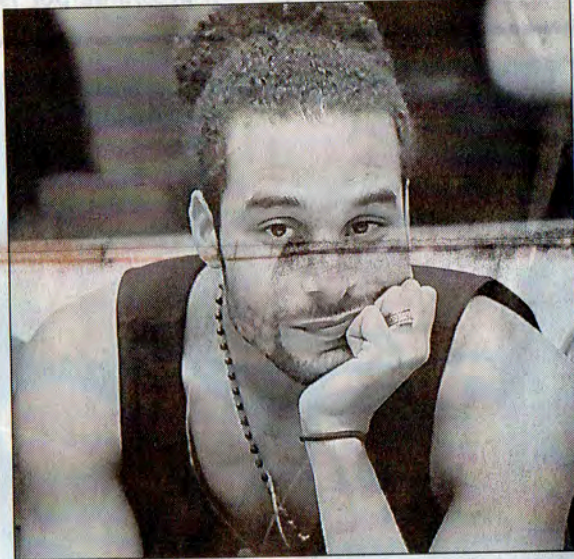
florenca.mazza@oglobo.com.br

Roberta Freire

roberta.freire.personale@oglobo.com.br

• O modelo paulista Daniel Echaniz, 31 anos, participante do "BBB 12", foi afastado ontem à noite do programa da TV Globo, após a polêmica em que se envolveu ao ser acusado de ter abusado sexualmente da estudante de Administração Monique Amin, na madrugada do último domingo. A decisão tomada pela direção foi antecipada pelo blog da colunista Patrícia Kogut. Na tarde de ontem, policiais da 32ª DP (Taquara) estiveram no Projac, onde se passa o *reality show*, e hoje devem retornar ao local para tomar o depoimento da jovem de 23 anos.

Segundo a assessoria da Polícia Civil "a necessidade do exame de corpo de delito será avaliada de acordo com o depoimento. Caso os agentes vejam que não houve crime, não se faz necessário". Em nota, a TV Globo informou que "Daniel foi eliminado do 'BBB 12' no início da noite, devido a um grave com-



DANIEL SAIU

do programa no início da noite: polêmica toma conta da internet

portamento inadequado". Ainda de acordo com o comunicado, "após rigorosa avaliação, iniciada no domingo de manhã, a notícia (*de seu afastamento*) foi comunicada ao ex-brother".

Na edição de ontem, o apresentador Pedro Bial justificou a ausência de Daniel: "O Big Brother avaliou o comportamento do participante. Sem precipitação, com o máximo de cuidado, analisamos as imagens que evidenciariam uma infração ao re-

gulamento do programa. Depois de criteriosa avaliação, a direção do programa entendeu que, sim, o comportamento de Daniel na noite da festa foi motivo de eliminação. Daniel está eliminado do Big Brother Brasil 12".

As cenas dos dois participantes na cama — com Monique supostamente desacordada devido à ingestão de álcool — movimentaram as redes sociais. A tralha #TchauDaniel ficou entre os *trending topics* do Twitter.

Verbas para saúde põem Alckmin em colisão com Dilma

Presidente sancionou ontem, com 15 vetos, a regulamentação da Emenda 29; tucano diz que União não vai aumentar recursos

Rafael Moraes Moura / BRASÍLIA
Daiene Cardoso
AGÊNCIA ESTADO

Com 15 vetos, a presidente Dilma Rousseff sancionou ontem a lei complementar que fixa os recursos mínimos a serem investidos por União, Estados e municípios em saúde. Um dos vetos descarta recursos adicionais para a área em caso de revisão positiva do PIB, sob a justificativa de que a “necessidade de constante alteração nos valores a serem destinados à saúde pela União pode gerar instabilidade na gestão fiscal e orçamentária”.

O texto diz que a União aplicará em saúde o correspondente ao valor empenhado no orçamento anterior, corrigido pela variação do PIB. O artigo vetado previa “créditos adicionais” em caso de revisão positiva do valor do PIB. “O Produto Interno Bruto apurado a cada ano passa por revisões periódicas nos anos seguintes”, justifica a presidente.

Em caso de variação negativa, os recursos não poderão ser reduzidos. A lei determina que Estados invistam, no mínimo, 12% da receita em serviços públicos de saúde. Para municípios, o mínimo é de 15%.

Promessa de campanha de Dilma, a regulamentação da chamada Emenda 29 abalou a lua de mel entre a presidente e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB). “Não altera absolutamente nada. A Emenda 29 é totalmente inócua, não traz nenhum dinheiro novo para a saúde”, criticou Alckmin. Para o tucano, o governo federal precisa colocar mais dinheiro no setor.

“Vamos continuar com o grave problema de financiamento da saúde no Brasil”, previu. O governo paulista, de acordo com Alckmin, destina 12,5% de seu or-

● Porcentual mínimo

12%

da receita é quanto a lei exige que os Estados invistam

15%

é o exigido dos municípios

19,5%

é o que Kassab diz investir em SP

çamento para saúde. O prefeito Gilberto Kassab também afirmou que não haverá alteração porque a capital já investe mais que o previsto em lei – entre 19,5% e 20%. “São Paulo é um exemplo”, gabou-se Kassab.

Maquiagem. A presidente também vetou o artigo que previa que taxas, tarifas ou multas arrecadadas por entidades da área não fossem considerados na conta dos recursos mínimos previstos em saúde. Manteve, no entanto, a relação de despesas que não

constituem serviços públicos de saúde, como o pagamento de aposentadorias e pensões, gastos com merenda escolar, ações de assistência social, saneamento básico e limpeza urbana – subterfúgios usados por governantes para maquiagem as contas. São consideradas despesas desse gênero gastos com aquisição de insumos hospitalares, remuneração de pessoal da área e obras de reforma da rede SUS.

Dilma vetou ainda artigo que previa que a legislação fosse revista neste ano e rejeitou a determinação de que os recursos de saúde fossem aplicados em conta específica, o que poderia facilitar a fiscalização.

“A União está nadando em berço esplêndido com a arrecadação que tem, enquanto o cidadão pressiona a prefeitura, que já investe 22% na área”, criticou o presidente da Confederação Nacional de Municípios, Paulo Ziulkoski. “Os vetos desfiguram a regulamentação sob o ponto de vista do objetivo maior, que é prover mais recursos”, disse o líder do PSDB na Câmara, Duarte Nogueira.

2,7 milhões vão receber salário-família menor

Lu Aiko Otta / BRASÍLIA

O governo reduziu este ano, em 25,2%, o valor do salário-família pago aos trabalhadores que ganham um salário mínimo. Quem recebia o piso em 2011 tinha direito a um benefício de R\$ 29,43 por filho menor que 14 anos ou inválido. Este ano, seguindo à risca a atual legislação, receberá R\$ 22. A estimativa do Ministério da Previdência é que isso afete 2,7

milhões de trabalhadores.

Isso ocorreu, segundo explicou a pasta, porque os benefícios do salário-família e a definição das faixas de renda de quem os recebe não estão atrelados ao salário mínimo. Assim, pela lei, eles foram corrigidos em 6,08%, correspondente à variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) em 2011. Já o piso salarial foi reajustado pelo INPC, acrescido do crescimento

REVOLTA R10 viaja, mas no domingo se recusou a entrar em campo e só foi convencido por irmão. Prazo vence amanhã

CLAUDIO PORTELLA E ROBERTO MURAD

reporterfla@lancenet.com.br

● A impaciência de Ronaldinho com a interminável novela entre Flamengo e Traffic quase colocou sua presença em xeque no jogo diante do Corinthians, no domingo. Minutos antes de começar a partida, o craque se recusava a entrar em campo. Ele só aceitou jogar depois de receber um telefonema do irmão Assis mediante ao pedido do Fla em aguardar até amanhã para resolução do imbróglio com a Traffic. Ele lhe passou tranquilidade e convenceu R10 de que seria melhor participar do confronto. Diante disso, o craque viajou para a Bolívia.

O técnico Vanderlei Luxemburgo não gostou nem um pouco da atitude

do jogador. Ao fim da partida, ele chegou a declarar que alguns atletas não estão se empenhando como deveria e afirmou que o momento não permite certas atitudes, embora não

Patricia Amorim e Assis ressaltam que amanhã será o dia definição do caso

tenha revelado abertamente a rebeldia do capitão. Os dois já vêm entrando em rota de colisão desde a reta final do Brasileiro, mas a situação ficou mais complicada neste ano.

Na tentativa de resolver a pendência em torno da permanência do craque, a presidente Patricia Amorim diz que o Fla tem até amanhã para fechar com a Traffic e pagar os R\$ 3,75 milhões em atraso.

– Quarta será o dia da definição. Caso não haja acordo, tentaremos uma negociação direta com o jogador – disse em entrevista coletiva.

O empresário e irmão de Gaúcho, Assis, confirmou que espera uma resposta até amanhã.

– Na hora que tiver de tomar uma decisão final, eu vou tomar. Conversamos no fim de semana e estamos cumprindo o que foi combinado. Eles (Fla e Traffic) estão se reunindo. Até quarta (amanhã) espero uma posição – disse ao L!

União repassará obras dos Jogos de 2016

A pedido da presidente Dilma Rousseff, estado e município assumirão projetos olímpicos

Fábio Vasconcellos

fabiovas@oglobo.com.br

• O carnaval é 2012, mas na primeira noite na Marquês de Sapucaí políticos e autoridades do município e do governo estadual estavam de olho nas Olimpíadas de 2016. O vice-governador, Luiz Fernando Pezão, aproveitou a folia para anunciar que as obras de responsabilidade do governo federal nos Jogos deverão ser transferidas para o estado e a prefeitura.

Pezão afirmou que a transferência será feita a pedido da presidente Dilma Rousseff. Com isso, as obras do Parque de Deodoro passarão para o estado e do Parque Olímpico, em Jacarepaguá, para a prefeitura. O vice-governador não explicou qual teria sido o motivo da mudança solicitada pela presidência. No início de março, representantes do governo do Rio deverão se reunir com as ministras da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, e do Planejamento, Mirian Belchior, para acertar os detalhes.

— A presidente Dilma pediu

que as ministras conversassem com a gente para que o estado e a prefeitura toquem as obras. Imagina se vamos negar um pedido da presidente. A gente tem uma tradição de entregar (obras); ela confia — afirmou Pezão, ao chegar à Sapucaí.

Mais tarde, o governador Sérgio Cabral disse que o estado vai realizar primeiro o projeto executivo para detalhar os custos da obra de Deodoro. Os recursos serão do governo federal:

— O que vamos fazer é, primeiro, licitar o projeto executivo. Normalmente, no Brasil, se licita com o projeto básico. Depois que validarmos os valores com o projeto executivo, o dinheiro será repassado. Faremos a obra com enorme prazer.

A possibilidade de a prefeitura assumir as obras dos Jogos Olímpicos, sob a responsabilidade do Ministério do Esporte no complexo esportivo da Barra da Tijuca, já havia sido cogitada em dezembro pelo ministro do Esporte, Aldo Rebelo, no evento “Rio cidade sede”, organizado pelo GLOBO e pelo “Extra”. ■

**BRUNO MARINHO E
RODRIGO CIANTAR**

reportervasco@lancenet.com.br

● Afastado dos treinamentos até o fim da ação judicial que move contra o Vasco, Bernardo tem buscado não se afastar do grupo nos últimos dias. Além de contatos quase que diários com alguns companheiros de time, um telefonema para o técnico Cristovão Borges serviu como uma espécie de pedido de desculpas, com a garantia de que não pretende deixar o clube.

O próprio Cristovão revelou como

foi o bate-papo com Bernardo. O comandante, que sempre procurou aconselhar o jogador, garantiu que, assim que a questão for resolvida, vai reintegrá-lo ao grupo.

– O Bernardo me ligou e disse que quer ficar no Vasco. Talvez não tenha sido bem orientado no momento em que tomou essa atitude. Mas, assim que tudo for resolvido, ele será reintegrado e voltará a treinar – disse o treinador ao L!, durante o primeiro dia de desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, ontem, na Sapucaí.

Em algumas entrevistas, mesmo muito antes da polêmica, Cristovão Borges já havia destacado a

importância de Bernardo saber canalizar seu jeito explosivo para o campo. Além disso, durante um treino, no ano passado, o meia chegou chorando, por conta de problemas pessoais, e o treinador foi o primeiro a consolá-lo, com uma longa conversa no gramado.

Nos últimos dias, como mostrado pelo LANCE! na edição de ontem, Bernardo tem sido sondado por outros clubes brasileiros, que acompanham de perto o desfecho da situação com o Cruz-Maltino, pois, caso consigo a rescisão, poderia se transferir sem custos. A diretoria do Vasco está otimista e crê na permanência.

Embora autorizados em desacordo com o pagamento a todos os demais credores da corte, desembolsos especiais são classificados como legítimos

Fausto Macedo

São 300 os magistrados, entre juízes e desembargadores, que receberam pagamentos antecipados do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Embora autorizados e realizados em desacordo com o pagamento feito a todos os demais credores da corte, esses desembolsos especiais são oficialmente classificados como “legítimos” – créditos acumulados e devidos por férias e licença prêmio não cumpridas.

O rastreamento do TJ indica que a grande maioria dos 300 recebeu quantia inferior a R\$ 100 mil. A relação engloba situações diversas.

O desembargador Ivan Sartori, presidente do TJ, informou que a maior parte deles recebeu “abaixo do valor fixado pela nova administração”.

“São valores bem inferiores e

justificáveis”, segundo Sartori.

Esse levantamento revela ainda que não só os juízes foram contemplados. Muitos servidores também receberam valores antecipadamente, furando a fila interna do tribunal.

Ainda não se sabe o contingente exato de funcionários que, a exemplo de magistrados, se enquadraram no critério do comparálio. Nem o montante a eles concedido.

O cenário interno no maior tribunal do País revela que presidentes, historicamente, ficaram nas mãos de servidores poderoso.

● **Investigação**

29

são os magistrados do tribunal estadual sob investigação por suspeita de terem sido privilegiados e recebido valores elevados

sos. Uma funcionária chegou a sonegar informações a um ex-presidente.

Sartori afirma que não vai permitir que essa situação perdure em sua gestão e informa que a investigação sobre pagamentos antecipados vai “ficar centrada” nos 29 magistrados que receberam valores altos.

Ele tem recebido manifestações de apoio incondicional de seus pares desde que mandou apurar as condições em que os pagamentos foram efetuados.

Os repasses sob inspeção ocorreram entre 2006 e 2010, período em que o TJ foi governado sucessivamente pelos desembargadores Celso Luiz Limongi, Roberto Valim Bellocchi e Antonio Carlos Vianna Santos.

Traição. É grande a revolta e indignação dos magistrados que se sentiram traídos por colegas que passaram à frente. Exigem co-



Privilégios. Fachada do tribunal em SP: 5 desembargadores receberam mais de R\$ 600 mil

nhecer os motivos alegados pelos privilegiados e os critérios da direção do tribunal para liberar o dinheiro.

Estão no topo do ranking dos mais bem aquinhoados cinco desembargadores que receberam quantias superiores a R\$ 600 mil – dois deles ganharam acima de R\$ 1 milhão cada. Outros 24 ganharam acima de R\$ 100 mil.

Apenas um se manifestou – o desembargador Alceu Navarro, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, que recebeu R\$ 644

mil. Ele foi presidente da Comissão de Orçamento do TJ. Alegou problemas de saúde em família.

Os créditos pleiteados pela toga são devidos. O problema é a forma como os repasses ocorreram. A maioria dos contemplados atua na seção de Direito Criminal do TJ.

Os magistrados não recebem seus créditos porque o orçamento do poder não dá. Para contornar provisoriamente o dilema, decidiu-se pagar todo mês, a cada um, além do subsídio, o equi-

valente a 8 ou 9 dias de férias.

Parte dos juízes atropelou voluntariamente a ordem cronológica dos pedidos protocolados na presidência do TJ. Eles haviam requerido seus créditos em algum momento e os pagou, sem que eles tivessem pedido antecipação.

Como os valores em suas contas não eram elevados, além de parcelados, esses juízes ditavam que estavam recebendo o que lhes era devido, sem com isso qualquer vantagem.

IBM diz que concorrente foi favorecida pelo CNJ; Oracle afirma não ter havido irregularidade no processo de licitação

ÁVIO FERREIRA
SÃO PAULO

Vencedor de uma licitação que está sob investigação, um produto da empresa de informática Oracle recebeu divulgação do secretário-geral do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), Fernando Florido Marcondes, em encontro dos tribunais do país, antes da conclusão da concorrência.

Trata-se de um software para criar o cadastro nacional unificado de processos judiciais do CNJ.

Durante discurso feito no Encontro Nacional do Judiciário, realizado em Porto Alegre, em novembro, Marcondes disse que o produto da Oracle havia motivado o CNJ a criar seu sistema.

Dias depois, em dezembro, foi publicado o edital de licitação para a compra do banco de dados, mas a empresa adversária IBM questionou a concorrência alegando direcionamento à Oracle.

O CNJ não considerou procedente o questionamento, e a empresa NTC, representante da Oracle, venceu a licitação com uma proposta no valor de R\$ 68 milhões.

Durante o evento em que fez a divulgação do produto, Marcondes disse que ele já estava implantado em tribunais superiores e no Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Goiás, Santa Catarina, Pernambuco,

“E esse banco de dados [da Oracle] nos motivou a criar esse “datacenter” [sistema nacional de cadastro de processos], que será um grande desafio para o CNJ”, disse.

O encontro na capital gaúcha reuniu representantes de 90 tribunais de todo o país.

ADESÃO DE TRIBUNAIS

O edital da licitação do CNJ trouxe a previsão de que “todos os tribunais deverão adequar suas soluções, se existirem, ou adquirir infraestrutura” para a criação do banco de dados nacional.

A concorrência foi feita pelo sistema intitulado “Ata de Registro de Preços”, que permite a outros órgãos “pegar carona” nas condições da licitação do CNJ e comprar os produtos nela envolvidos sem a necessidade de novos procedimentos licitatórios.

Segundo o edital do CNJ, a necessidade da criação do sistema unificado é a razão pela qual se optou pela Ata de Registro de Preços, “como forma de facilitar a adesão pelos tribunais.”

Após o questionamento da IBM, integrantes do conselho passaram a apurar se houve irregularidade na licitação.

Marcondes, que é o homem de confiança do presidente do CNJ e do Supremo Tribunal Federal, Cezar Peluso, é alvo de questionamentos por conselheiros do órgão, principalmente em relação à forma de conduzir licitações.

A atuação de Marcondes levou conselheiros a defender que o cargo de secretário-geral passe a ser escolhido pelo colegiado do órgão, e não pelo seu presidente, co-

CONCORRÊNCIA POLÊMICA

Secretário-geral do CNJ divulgou empresa antes de licitação



PROPAGANDA

Em novembro, o secretário-geral do CNJ, Fernando Marcondes, fez divulgação de produtos da empresa Oracle durante um discurso no Encontro Nacional do Judiciário. No mês seguinte, a empresa foi acusada de privilégios.



EDITAL

Um edital para instalar um banco de dados nacional com processos judiciais foi colocado sob suspeita pela IBM. A empresa concorrente, que não participou da disputa, questionou no CNJ suposto direcionamento para a Oracle.



LICITAÇÃO

O pedido de impugnação não foi aceito pelo Conselho Nacional de Justiça. No dia 19 de dezembro, a empresa NTC, uma das principais representantes da Oracle no país, venceu a disputa com a oferta final de R\$ 68 milhões.

OUTRO LADO <

Secretário defende produto da Oracle; empresa nega ter fraudado licitação

DE SÃO PAULO

O secretário-geral do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), Fernando Marcondes, disse que citou o software da empresa Oracle em evento para juízes porque ele é usado por tribunais em “estágio avançado”, o que demonstra a “excelência” do produto.

A companhia negou que haja irregularidades na licitação do CNJ para a aquisição

de processos.

Em nota enviada à **Folha**, o secretário-geral do CNJ afirmou: “Apenas citei os tribunais que operam com sistemas de bancos de dados em estágio bastante avançado no âmbito do Poder Judiciário e que, por coincidência, se utilizam de uma mesma e determinada tecnologia, no caso a da Oracle”.

“Cada um deles, por razões próprias e sem interlocução

solução técnica, o que por si só é fator óbvio de reconhecimento da excelência do produto em relação às necessidades específicas da administração do Judiciário”, disse.

Também por meio de nota, a Oracle afirmou que “como um parceiro, a NTC participou desta licitação em conformidade com as regras do processo licitatório do CNJ e venceu o negócio”.

A companhia ainda declarou que “mantém um alto padrão de ética e transparência e exige que seus parceiros estejam em conformidade com todas as regras e regulamen-

Associação quer restringir atuação do Coaf

DE SÃO PAULO

Uma entidade representativa dos desembargadores do país vai pedir ao Ministério Público Federal a adoção de medidas para restringir a atuação do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras), órgão fiscalizador do Ministério da Fazenda.

O requerimento configura uma reação dos magistrados à parceria estabelecida entre o Coaf e a corregedoria do CNJ (Conselho Nacional de Justiça).

O Coaf produziu, a pedido do conselho, um levantamento que apontou movimentações financeiras atípicas de magistrados e servidores do Judiciário que somaram R\$ 855 milhões entre 2000 e 2010.

O trabalho foi usado pelo CNJ como uma das justificativas para iniciar a inspeção das folhas de pagamento de 22 tribunais.

O pedido de restrição das ações do Coaf deverá ser entregue pela Andes (Associação Nacional de Desembargadores) ao procurador-geral da República, Roberto Gurgel, hoje.

Segundo a Andes, o Coaf não pode exigir informações sobre movimentações financeiras atípicas de clientes de bancos ou outras instituições sem autorização judicial específica.